

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

JÉSSICA LAUBER

O FEMININO E O FEMINISMO EM ANNE DE GREEN GABLES

PONTA GROSSA

2023

JÉSSICA LAUBER

O FEMININO E O FEMINISMO EM ANNE DE GREEN GABLES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Linha de Pesquisa Pluralidade, Identidade e Ensino, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Marly Catarina Soares

PONTA GROSSA

2023

L366 Lauber, Jéssica
O Feminino e o Feminismo em Anne de Green Gables / Jéssica Lauber. Ponta Grossa, 2023.
113 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem - Área de Concentração: Linguagem, Identidade e Subjetividade), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Marly Catarina Soares.

1. Representação da mulher. 2. Eterno feminino. 3. Feminismo. I. Soares, Marly Catarina. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Linguagem, Identidade e Subjetividade. III.T.

CDD: 808

JESSICA LAUBER

**O FEMININO E O FEMINISMO EM ANNE DE GREEN
GABLES**

Dissertação apresentada para obtenção do título grau de Mestre em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de concentração em Linguagem, Identidade e Subjetividade.

Ponta Grossa, 19 de dezembro de 2023.



Prof.^a Dra Marly Catarina Soares – UEPG (Presidente - Orientadora)



Prof.^a Dra Silvana Oliveira – UEPG (Membro interno)



Prof.^a Dra Cleide Antônia Rapucci - UNESP(Membro externo)

Com muito amor, dedico esse trabalho a todas as mulheres importantes da minha vida. Que suas vozes sejam ouvidas e suas opiniões respeitadas

AGRADECIMENTOS

Agradeço de uma maneira extremamente especial a todas que estiveram junto a mim nesta longa caminhada. Agradeço à minha mãe que jamais me abandonou e esteve presente em todos os momentos bons e ruins, aconselhou, incentivou e infinitamente me amou. Sem você eu não seria nada. Esta conquista só foi possível graças a ti.

Agradeço às minhas irmãs que sempre me apoiaram e acreditaram que eu era capaz, mesmo quando eu já não pensava o mesmo. À minha filha, Rafaelly, obrigada por me ensinar o que é o amor verdadeiro. Todas as minhas lutas são para fazer o melhor a você. Às minhas amigas que fizeram com que esta jornada ficasse mais leve e divertida, mesmo quando compartilhávamos momentos de surtos acadêmicos e procrastinação.

Um obrigada especial à professora Dra. Marly, por toda a sua paciência, dedicação e ensinamentos que contribuíram grandemente para minha vida profissional, pessoal e acadêmica.

Gratidão eterna à todas essas mulheres incríveis que felizmente cruzaram com o meu caminho. Todas são exemplos de força, dedicação e resiliência.

Outro dia alguém me disse que para conhecer uma potência avassaladora de uma menina, basta presentear-lhe com livros.

Porém, eu digo: a minha filha terá não só livros, mas a chance de ler todos em voz alta. O mais alto que quiser. Talvez ela não ceda como eu. Talvez ela não cerre os lábios quando um homem abusar do seu privilégio. Talvez ela não deixe de inspirar profundamente para dizer qual pensamento que lhe convenha. Talvez ela não sacrifique suas opiniões pelo medo do massacre das palavras. Talvez ela não desista das frases no meio. Talvez, e apenas talvez, a escutem.

Vikki Brusco

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa tem por objetivo analisar a figuração da mulher no recorte temporal (séculos XIX, XX e XXI) e quais são as rupturas com o patriarcado promovidas pelas ações feministas. A análise tem como corpus o livro de literatura juvenil *Anne de Green Gables*, produzido por Lucy Maud Montgomery em 1908 e também a série canadense *Anne With an E*, produzida pelo canal CBC e mundialmente disponibilizada pela Netflix. A obra literária e a representação cinematográfica em séries e novelas da época propiciam a análise da imagem da mulher do fim do século XIX e início do século XX, considerando-se o recorte temporal em que ela foi produzida e publicada, numa perspectiva do mito do “eterno feminino”, segundo a visão de Simone Beauvoir (1970). A pesquisa define-se por uma abordagem qualitativa, cujos procedimentos metodológicos são bibliográficos e documentais sobre os assuntos relevantes para o desenvolvimento deste projeto. O apoio teórico utilizado para as análises são, além de Simone Beauvoir, autores como Joan Scott (2002), Elaine Showalter (1994), entre outros e outras. Por meio desse estudo, almejamos mostrar o resultado de como essa obra pode trazer reflexões para seu público leitor e de como ela tenta romper, mesmo que de maneira insipiente, com o “eterno feminino” estabelecido pela sociedade nesse determinado contexto histórico/social da obra em questão.

Palavras-chave: Representação da Mulher; Eterno feminino; Feminismo.

RESUMEN

Este trabajo de investigación tiene como objetivo analizar la figuración de la mujer en el marco temporal (siglos XIX, XX e XXI) y cuáles son las rupturas con el patriarcado promovidas por las acciones feministas. El corpus del análisis es el libro de literatura juvenil *Anne of Green Gables*, producido por Lucy Maud Montgomery en 1908 y también la serie canadiense *Anne With an E*, producida por el canal CBC y distribuida mundialmente por Netflix. La obra literaria y la representación cinematográfica en series y telenovelas del época permiten analizar la imagen de la mujer de finales del siglo XIX, principios del XX, considerando el marco temporal en que fue producida y publicada, en una perspectiva del mito del Eterno Femenino, según la visión de Simone Beauvoir (1970). La investigación se define por un enfoque cualitativo, cuyos procedimientos metodológicos son bibliográficos y documentales sobre temas relevantes para el desarrollo de este proyecto. El soporte teórico utilizado para los análisis son, además de Simone Beauvoir, autores como Joan Scott (2002), Elaine Showalter (1994), entre otros y otras. A través de este estudio, pretendemos mostrar el resultado de cómo esta obra puede traer reflexiones a sus lectores sobre cómo rompe, aunque sea de forma sencilla, con el “eterno femenino” instaurado por la sociedad en este particular contexto histórico/social del trabajo en cuestión.

Palabras-claves: Representación de la mujer; Eterno femenino; Feminismo.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	9
2 ANNE DE MONTGOMERY, DO LIVRO À SÉRIE	13
2.1 QUEM FOI LUCY MAUD MONTGOMERY?.....	13
2.2 O ROMANCE ANNE DE GREEN GABLES	15
2.3 LITERATURA INFANTIL E JUVENIL.....	20
2.4 A AUTORIA FEMININA E A CRÍTICA FEMINISTA	26
2.5 ADAPTAÇÃO DO ROMANCE ANNE DE GREEN GABLES	45
3 ETERNO FEMININO EM ANNE.....	48
3.1 SIMONE DE BEAUVOIR E SUA CONTRIBUIÇÃO	48
3.2 O ROMANCE ANNE DE GREEN GABLES E A RUPTURA COM O ETERNO FEMININO	57
4 ANNE WITH AN E.....	80
4.1 ANÁLISE DA SÉRIE ANNE WITH AN E.....	82
4.2 O FEMININO E A FEMINILIDADE NA CONTEMPORANEIDADE	104
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS	111

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente estudo tem por objetivo a análise do livro de literatura juvenil *Anne de Green Gables*, escrita por Lucy Maud Montgomery em 1908 e a série canadense *Anne With an E*, produzida pelo canal CBC em 2017 e mundialmente disponibilizada pela Netflix. Através dessas análises, buscamos discutir a figuração da mulher no fim do século XIX e início do século XX e XXI na literatura e na representação cinematográfica em séries e novelas de épocas, bem como atitudes e ações feministas presentes nas obras, levando em consideração o recorte temporal em que elas foram produzidas e publicadas (1908 e 2017). As atitudes feministas de Anne concentram-se na busca pela igualdade de gênero, em seu incentivo aos estudos e educação para mulher, questionamentos sobre o casamento, ideal de beleza e papéis a serem cumpridos pelo sexo feminino.

A investigação foi realizada pela perspectiva do mito “eterno feminino” de Simone Beauvoir (1970). Para isso, pautada em uma abordagem qualitativa, foram utilizados como procedimentos metodológicos pesquisas bibliográfica e documentais sobre os assuntos relevantes para a pesquisa. Através de fragmentos do livro e episódios de temporadas da série, discutimos sobre a figuração da mulher no recorte temporal e quais são as rupturas com o patriarcado que ambas as obras apresentam por meio de ações feministas. Para os estudos e observações, além de Simone Beauvoir, também foram utilizados outros autores, Joan Scott (2002), Elaine Showalter (1994), entre outros e outras.

A narrativa de literatura juvenil de *Anne de Green Gables* ocorre no final de 1800 em um lugar chamado Avonlea. Traz a história de uma garotinha órfã com uma mente brilhante que é adotada de forma equivocada pelos irmãos Matthew e Marilla, já que eles queriam um menino para ajudar nas tarefas da fazenda, mas ela acaba conquistando-os com o seu jeito meigo e sonhador. Os acontecimentos do primeiro livro envolvem situações que ocorreram dos seus 11 até os 16 anos, aproximadamente. Há diversas situações desagradáveis que a protagonista tentava superar com a ajuda da sua imaginação e seu gosto pela leitura, transformando tudo o que conseguia em um conto de fadas. Mais do que uma única obra, a produção de Montgomery é uma coletânea, composta por 8 livros que acompanham a vida da protagonista Anne Shirley, são eles: *Anne de Green Gables*, *Anne de Avonlea*, *Anne*

da Ilha, Anne de Windy Poplars, Anne e a Casa dos sonhos, Anne O Ingleside, Rainbow Valley, Rilla of Ingleside. Já a série televisiva é composta por três temporadas que também mostram o desenvolvimento da garotinha até a sua adolescência. Todas as produções têm a sua beleza e momentos tocantes que nos mostram como era a vida das mulheres naquele contexto e traz diversas reflexões.

Com um ambiente doméstico, envolto à religiosidade, o livro apresenta situações bem à frente de seu tempo. Através da leveza, traz ideias distintas à realidade do contexto social da época vivenciada. A própria protagonista faz indagações sobre a vida, a sociedade vigente, os costumes incompreensíveis entre outras coisas.

Historicamente, antes das mulheres iniciarem suas escritas na literatura, o detentor da escrita era o homem. Assim, demonstrava o seu poder, hierarquizado através do seu discurso, trazia a figuração da mulher pelo enunciado do ser masculino, branco, de classe média, com uma perspectiva social de silenciamento feminino. Por esse motivo, alguns romances do século XIX representam as figuras femininas à extrema submissão da mulher ao grupo familiar e às normas da sociedade.

A verdade depende de quem controla o discurso, e, por consequência, o discurso proferido constrói e representa a identidade do sujeito (Foucault, 2009). Assim, como o homem por muito tempo manteve essa hierarquia de poder, tendo maior controle da “verdade” do discurso, muitas representações femininas se mantiveram estereotipadas na literatura por um bom tempo.

Por meio da autoria feminina, houve a quebra de alguns estereótipos. Inicia-se o processo em que há a voz da mulher, representação da sua identidade, a sua vivência, a sua experiência social, é o próprio sujeito descrevendo pela sua perspectiva, é a sua voz, é autoria feminina. Não é o homem escrevendo sobre a mulher, mas ela mesma que se escreve. Assim, surgem também as críticas feministas, que consideram as especificidades da autoria feminina, os sentimentos, sua marca, sua luta artística, a problemática da identidade (Bonnici, 2007).

Por meio da autoria feminina, houve a quebra de alguns estereótipos. Inicia-se o processo em que há a voz da mulher, representação da sua identidade, a sua vivência, a sua experiência social, é o próprio sujeito descrevendo pela sua perspectiva, é a sua voz, é autoria feminina. Não é o homem escrevendo sobre a mulher, mas ela mesma que se escreve. Assim, surgem também as críticas feministas, que consideram as especificidades da autoria feminina, os sentimentos, sua marca,

sua luta artística, a problemática da identidade (Bonnici, 2007).

Por muito tempo a representação da figura feminina foi através da interpretação masculina, então é necessário aos homens e mulheres ajudarem a desnaturalizar essas representações (Tedeschi, 2008). Por esse motivo a pesquisa almejou alcançar a comprovação desta desnaturalização da representação estereotipada, uma perspectiva de ruptura com o mito do “eterno feminino” na obra que será analisada.

A escolha por esse tema é motivada pela necessidade de analisar obras destinadas ao público juvenil. Investigar como elas podem contribuir para as experiências literárias desse público, como pode ser proveitosa ao mostrar que a autora Lucy Maud Montgomery estava à frente de seu tempo. Analisar as ideais e situações que contribuíram para a população de 100 anos atrás com a sua quebra de expectativas e que também pode trazer muitas reflexões para o público atual. Além disso, a escolha da análise da série é justificada pelo fato de como uma adaptação cinematográfica pode apresentar reflexões importantes sobre o passado, quais foram os caminhos traçados, as dificuldades encontradas naquele tempo que foram ou não superadas hoje.

Em *Anne de Green Gables* há uma narrativa escrita por uma mulher, protagonizada por uma mulher, traz reflexões para várias mulheres. Uma série dirigida por uma mulher, traz adaptações e reflexões que mostram como todo esse percurso de conquista pela igualdade de gênero foi e ainda é dificultoso. Apesar de diferirem em formas de artes, ambas merecem um olhar especial, pois marcaram gerações e despertaram sentimentos em almas esperançosas.

Por meio desse estudo, mostramos o resultado de como esses produtos culturais trazem reflexões para seu público, de como a autora rompe, mesmo que de maneira incipiente, com o mito do “eterno feminino” identificado por Simone de Beauvoir. Esse mito foi reconhecido pela estudiosa na sociedade do século XX, mas sua estrutura já era mantida em determinado contexto histórico/social representado nas obras em questão, sendo do final do século XIX e todo o XX. Além disso, a série demonstra como a luta por uma sociedade mais justa é incansável.

Este trabalho está organizado inicialmente em três capítulos. O primeiro deles, nomeado como *Anne de Montgomery, do livro à série*, traz as informações norteadoras para esse trabalho, como a vida da autora Lucy Maud Montgomery, o resumo da história do primeiro livro *Anne de Green Gables* e da série *Anne With an*

E, o contexto histórico em que o livro foi escrito, a inserção do movimento feminista e sua história no mundo e no Canadá.

O segundo capítulo nomeado como *Eterno feminino em Anne* trata de maneira mais específica o livro, da obra escrita. Assim, traz a teoria do eterno feminino de Simone Beauvoir exposta em sua obra *O Segundo sexo* (1970), identifica se realmente há ou não a quebra com esse mito através da narrativa desenvolvida por Montgomery. Utilizamos passagens do livro para comprovar a tese bem como as noções teóricas de Beauvoir (1970), Mariana Passos Ramalhete e Samira da Costa Sten (2018).

Já o terceiro e último capítulo, *Anne With an E*, traz como foco principal a série televisiva canadense *Anne With an E*, contextualiza a temática principal da série em comparação com o século XXI. Maneiras como a série trata sobre os outros temas de forma mais direta e assertiva, mas sem deixar a essência da narrativa.

Para finalizar a pesquisa, na conclusão apontamos as divergências e convergências do livro e da série, como ambas as obras colaboraram para a construção dos seus leitores ou telespectadores para uma sociedade mais crítica e reflexiva.

2 ANNE DE MONTGOMERY, DO LIVRO À SÉRIE

Neste capítulo aprofundamos um pouco sobre a biografia de Lucy Maud Montgomery e como ela chegou até a escrita do seu romance de sucesso. Tratamos sobre uma prévia da obra *Anne de Green Gables*, um pouco sobre o contexto histórico da literatura infantil e juvenil, a autoria feminina e sobre a crítica feminista.

2.1 QUEM FOI LUCY MAUD MONTGOMERY?

Publicado pela primeira vez em 1908, *Anne de Green Gables* foi escrito por Lucy Maud Montgomery. A autora nasceu em 30 de novembro de 1874 em Clifton, Canadá, lugar que serviu de cenário para a primeira obra. Sua mãe, Clara Woolner Macneill, faleceu de tuberculose em 1876 com 23 anos, deixando Lucy que ainda não tinha nem dois anos. Seu pai, Hugh John Montgomery, deixou os avós maternos responsáveis pela criação da menina, passou a custódia para eles. A infância da autora foi vivida em pequenas cidades, isolada e com poucos amigos, isso faz com que ela desenvolva a sua imaginação e criatividade, utilizada anos depois para sua escrita.

Aos sete anos, seu pai voltou para buscá-la, entretanto, vivia em um lar em que se sentia marginalizada. Na adolescência ela passa a morar com seus avós paternos, sendo criada de uma forma mais rígida e inflexível.

No ano de 1894, Lucy completou o curso de formação de professores em Prince of Wales College, em Charlottetown. Estudou literatura inglesa em Halifax Ladies College no Dalhousie College. Não completou seus estudos lá por questões financeiras.

Logo quando terminou seus estudos, a escritora trabalhou como professora, lecionou em escolas da aldeia Belmont e Lower Bedeque, no final da década de 1890. Todavia, ela não seguiu com a carreira de docente e começou a investir em suas habilidades de escritora. Começou a publicar em jornais locais, com o passar do tempo seu sucesso a levou para outros jornais em toda a América do Norte, publicou mais de 100 obras entre 1897 e 1907.

Sua primeira publicação foi um poema, "*On cape le force*", impresso em Charlottetown Patriot em em 26 de novembro de 1890, com quase 16 anos.

Inicialmente usou pseudônimos como Maud Cavendish ou Joyce Cavendish. Finalmente se estabeleceu como L.M Montgomery com a finalidade de esconder o seu gênero.

Lucy se tornou famosa por conta de suas publicações e lançou seu primeiro livro em 1908, chamado *Anne of Green Gables*, a primeira obra de uma série de livros com a personagem Anne, uma órfã adolescente. Ao todo foram 10 livros com a mesma protagonista. Também publicou outros seis romances: *O castelo Azul* (1926), *Magia para Marigold* (1929), *A Tangled Web* (1931), *Pat of Silver Bush* (1933), *Mistress Pat* (1935) e *Jane of Lantern Hill* (1937). No total foram cerca de 20 romances, dois livros de contos e um de poesia. Além de muitos poemas, histórias e artigos escritos para jornais, sendo a maioria publicado em antologias após sua morte.

Montgomery faleceu em 24 de abril de 1942, em Toronto, Canadá. A causa da morte foi constatada na época como falência múltipla de órgãos. Contudo, em 2008, no aniversário de 100 anos da publicação de *Anne de Green Gables*, a neta de Lucy Maud Montgomery, Kate Macdonald Butler, revelou que a família acreditava que a morte de sua avó não era decorrência de insuficiência cardíaca, mas sim um suicídio por overdose de drogas. A menina explicou que seu pai havia encontrado um bilhete ao lado da cama de sua mãe em que pedia “perdão”. Tudo era mantido em segredo pela família, mas decidiram tornar público para ajudar a levantar um pouco do estigma em torno das doenças mentais e depressão. Afinal, Lucy sofria de depressão, cresceu e se acostumou a ficar isolada durante grande parte da sua jornada na terra (McIntosh; Dvereux, 2013).

Com sua trajetória, a autora deixou livros que são lidos até hoje por crianças e adolescentes e foi homenageada como a primeira mulher do Canadá a ser nomeada para Royal Society of Arts, na Inglaterra, organização empenhada em encontrar soluções práticas para os desafios sociais.

Esses livros ainda são impressos e distribuídos pelo mundo, sendo também foco da atenção crítica e acadêmica, bem como a sua vida e o impacto cultural dos seus trabalhos.

Ressaltamos que diversos trabalhos que contemplam as obras da autora já foram realizados, mas buscamos um novo olhar para o livro *Anne de Green Gables* e a sua contribuição para a sociedade como um todo.

2.2 O ROMANCE ANNE DE GREEN GABLES

O romance *Anne de Green Gables* foi escrito por Lucy inicialmente em 1905. A inspiração para escrever o livro surgiu de duas maneiras. A primeira foi a vasta leitura de obras infantis. A segunda, quando soube da notícia sobre um casal inglês que pediu para adotar um menino, mas receberam uma menina. Após finalizado, seu manuscrito foi rejeitado, guardando-o em uma caixa de chapéu.

Somente em 1907 ela voltou a tentar e entrou em acordo com *L.C Page* para publicar. O lançamento ocorreu em julho de 1908 e nos primeiros cinco meses vendeu mais de 19 mil cópias, recebeu elogios e aclamações (McIntosh; Dvereux, 2013).

Segundo McIntosh e Devereux, em seu artigo sobre Lucy Maud Montgomery, o seu primeiro contrato de publicação da obra exigia que ela escrevesse duas sequências do romance, *Anne de Avonlea* (1909), *Anne da Ilha* (1915). Entretanto, teve problemas com a editora e se envolveu em alguns processos. Tempos depois, escreveu mais sequências, *Anne de Windy Poplars*, *Anne e a Casa dos sonhos*, *Anne Of Ingleside*, *Rainbow Valley*, *Rilla of Ingleside*.

A narrativa juvenil de *Anne de Green Gables* ocorre nos anos de 1900 em um lugar chamado Avonlea, que se trata de uma vila criada para a obra localizada na Ilha do Príncipe Eduardo, em território canadense. A protagonista Anne Shirley é uma menina órfã e com 11 anos que passou por lares desestruturados que desconheciam o amor em família e união. Sua formação se dá através de lares adotivos que a tratavam mal, sendo mais considerada como uma empregada, realizava serviços domésticos e auxiliava no cuidado e criação de crianças menores. Esse cenário é rompido quando um equívoco ocorre, dois irmãos idosos que moravam em uma pequena fazenda da família Green Gables esperavam que o orfanato enviasse um garoto para ajudá-los nas atividades e tarefas da fazenda. Entretanto, Matthew e Marilla Cuthbert receberam Anne, uma menina.

De início, Marilla recusa a ideia de adotar Anne. Porém, decide manter a garota, mesmo pensando que ela não seria útil para eles e a fazenda, afinal, seu pensamento dizia que a menina não estaria apta a fazer o trabalho que um menino conseguiria.

Pensamento esse bem recorrente para a sociedade da época que geralmente envolviam a ideia de que as mulheres eram inferiores ou inaptas a realizar tais coisas.

Ao longo de seus 11 anos, Anne passou por lares adotivos negligentes e abusivos. Para conseguir enfrentar suas lutas diárias, ela desenvolveu como proteção o uso da sua imaginação. Seu refúgio era sua mente, sua imaginação, seu mundo de faz de contas, lugar em que ela poderia ser quem ela quisesse, ter amigos imaginários, sentir-se amada, protegida e cercada de bondade e generosidade que tanto buscava nas pessoas reais. Sua personalidade é construída pela esperança, torna-se uma menina meiga, sonhadora, criativa, bondosa e amiga.

Não demora muito para que Matthew seja conquistado pela menina. Já a irmã, Marilla, é relutante, demora um pouco mais para ser envolvida pela nova integrante da família.

A protagonista vai bem na escola, é orientada pela professora, Miss Stacy, é a primeira da classe nos exames de admissão e tem a oportunidade de frequentar a *Queens Academy* em Charlottetown, ganha uma bolsa para cursar a faculdade e ser motivo de orgulho de Matthew e Marilla.

A vida calma e tranquila dos irmãos é balançada pela personalidade de Anne que é uma menina ingênua em relação às normas sociais e religiosas que circundam a sociedade conservadora da cidade. Assim, a narrativa contempla as peripécias e os atrapalhados enganos cometidos pela menina na escola e nos afazeres domésticos, o fortalecimento de sua amizade com Diana, o amor pela leitura, sua determinação, persistência, tagarelice e apreciação. Ela é ambiciosa e tem uma imaginação fértil, mas era uma época que as mulheres tinham poucas opções, virada do século, não tinham direito ao voto, entre outras situações. Contudo, a autora traz uma personagem feminina forte para o público consumidor de literatura juvenil do início do século XX.

O romance de Montgomery fez, e faz, muito sucesso desde a sua publicação. Uma de nossas hipóteses para esse fenômeno deve-se ao apelo às emoções que a narrativa carrega, a utilização do “*pathos*”, como Aristóteles nomeava na *Retórica*.

Para Aristóteles, em sua obra *Retórica*, o *pathos* refere-se a uma das três estratégias persuasivas fundamentais, juntamente com o *ethos* e o *logos*. O *pathos* envolve apelar às emoções do público-alvo como meio de persuadi-los. O filósofo acreditava que as emoções desempenham um papel crucial na persuasão e que um orador eficaz precisava entender como despertar e manipular as emoções do público. A partir disso, várias técnicas foram e são utilizadas para encantar e persuadir o interlocutor, chamar a sua atenção para aquilo que se pretende passar, através da habilidade do orador e outras coisas mais.

Aristóteles identificou várias emoções específicas que um orador poderia explorar, como a piedade, a ira, o medo, a compaixão e a alegria, entre outras. Ele argumentou que o orador deve escolher as emoções apropriadas para o caso em questão e usar dispositivos retóricos, como histórias emocionais, exemplos vividos e metáforas evocativas, para criar uma conexão emocional com o público. O *pathos* na retórica envolve a manipulação das emoções do público para influenciar suas opiniões e ações, tornando a persuasão mais eficaz.

As emoções são consideradas uma das três premissas do entimema na *Retórica* de Aristóteles. Elas são elementos importantes na persuasão retórica por afetar o julgamento dos ouvintes. Aristóteles amplia o campo da retórica em relação à tradição anterior a ele, considerando a emotividade uma das premissas do raciocínio retórico, caracterizando o *logos* da persuasão. Em outras palavras, as emoções são utilizadas pelo orador para persuadir os ouvintes a aderirem ao seu discurso (Menezes e Silva, 2010).

Segundo o filósofo, para tornar-se um discurso comovente e ter sucesso, o orador deve utilizar as emoções de forma legítima e adequada, de modo a persuadir os ouvintes a aderirem ao seu discurso. Além disso, segundo Aristóteles, o domínio da demonstração discursiva não é suficiente para a credibilidade do orador. Para tanto, ele deve inspirar confiança nos ouvintes por meio de sua postura, além de observar as propensões daqueles a quem se dirige. Em outras palavras, o orador deve ser capaz de identificar as emoções que são mais eficazes para persuadir seus ouvintes e utilizá-las de forma adequada, ao mesmo tempo, mantém uma postura confiável e observa as características do público-alvo (Menezes e Silva, 2010).

A abordagem de Aristóteles sobre as emoções na *Retórica* contribui para outras áreas do conhecimento, como a psicologia, poética, ética e política. Ao considerar as emoções como uma das premissas do raciocínio retórico, Aristóteles amplia o campo da retórica em relação à tradição anterior a ele. Além disso, ele percebe que a conexão entre as emoções e a cognição deve ser bem esclarecida para o uso legítimo das emoções na oratória. Dessa forma, sua abordagem sobre as emoções na *Retórica* pode ser aplicada em outras áreas do conhecimento, como a psicologia, para entender como as emoções afetam o comportamento humano. Na poética, para explorar como as emoções são representadas na arte; na ética, para discutir a relação entre emoção e virtudes; e na política, para analisar como as emoções são utilizadas na persuasão política, as emoções podem ser utilizadas no âmbito literário

para comover o público. (Menezes e Silva, 2010).

Contudo, a essa abordagem sobre as emoções na *Retórica* pode ser aplicada em mais uma área de conhecimento, como a literatura e poética, para explorar como as emoções são representadas na arte. Nelas, as emoções são consideradas um elemento importante para a criação de personagens e enredos que possam comover o público. Além disso, a utilização adequada das emoções pode contribuir para a construção de uma narrativa mais envolvente e persuasiva.

O uso do *pathos* na literatura é uma técnica poderosa para envolver emocionalmente os leitores e criar empatia com os personagens, situações ou temas da obra, assim como Maud Montgomery fez em *Anne de Green Gables*.

A autora descreve as emoções e sentimentos dos personagens de forma vívida e envolvente. Isso permite que os leitores se identifiquem com as experiências emocionais dos personagens e sintam empatia por eles.

Ao explorar os conflitos internos dos personagens, a escritora gerou o *pathos*. Eles enfrentam dilemas éticos, morais ou lutas emocionais, os leitores são levados a compartilhar essas tensões emocionais.

Além disso, a tragédia é uma maneira eficaz de evocar emoções intensas. Quando personagens passam por eventos trágicos, como perdas significativas ou situações de desespero, os interlocutores sentem tristeza, compaixão e empatia. No caso da protagonista, Anne, a tragédia está muito presente. Ela era órfã, não tinha família, cresceu em lares abusivos, era uma criança sem proteção. Desde cedo a personagem precisou enfrentar grandes batalhas em sua vida, isso faz com que o leitor crie um vínculo emotivo com ela, na esperança de que conquiste coisas boas. Já no início da história, os leitores sentem empatia por Anne Shirley, pois é uma órfã de 11 anos que é adotada por engano por Marilla e Matthew Cuthbert. A descrição de sua infância difícil, rejeição por famílias anteriores e sua intensa imaginação cativam a compaixão.

A exposição direta dos pensamentos e sentimentos da Anne criou uma conexão emocional profunda com o interlocutor. Isso permite que os leitores vivenciem as emoções da personagem de maneira mais íntima. Ademais, a autora também utiliza conversas emocionais que transmitem *pathos*. Diálogos carregados de tensão, amor, raiva ou tristeza atraem os leitores para a experiência emocional desses seres fictícios. Anne é cheia de conflitos internos, lida com questões de identidade, autoestima e aceitação, o que torna profundamente humana.

Os leitores compartilham suas alegrias e tristezas ao longo de sua jornada de autodescoberta. Mas para além de compartilhar, também se identificam com partes da sua história envolvente e cheia de sensibilidade.

A descrição detalhada de ambientes, paisagens e atmosferas criam um pano de fundo emocional para a história. Montgomery descreve a paisagem idílica da Ilha do Príncipe Eduardo de maneira cativante. Essas descrições criam um cenário emocional, faz com que os leitores se sintam profundamente conectados à beleza e à natureza da ilha. Ao abordar temas universais, como amor, amizade, solidão, esperança e desespero, também permite que as pessoas se relacionem facilmente com a obra e suas emoções subjacentes.

A construção de relacionamentos de Anne com outros personagens, como sua amizade com Diana Barry e sua relação com Gilbert Blythe, é repleta de emoção. Assim, o público se envolve emocionalmente com esses relacionamentos e torce pelo sucesso de Anne em sua busca por amizade e aceitação. A jornada da protagonista, desde uma criança desajeitada até uma jovem madura e inteligente, é cheia de emoção, aventura, descoberta e até momentos de conflitos internos e sociais. Portanto, o receptor acompanha sua evolução emocional ao longo do romance, criando um forte senso de identificação e conexão. Muitos criam um laço de identificação com a personagem, isso só prova o quanto a obra cativa seus interlocutores das mais variadas idades, gêneros e condições socioculturais.

Em consoante, o *pathos* na literatura envolve a criação de uma conexão emocional entre os leitores e a narrativa por meio do uso de personagens, eventos e descrições que despertam emoções profundas. Em *Anne de Green Gables*, esse conceito é habilmente usado para criar personagens complexos, relações emocionais cativantes e um cenário envolvente. Essa técnica é fundamental para transformar uma história em algo memorável e significativa para o público, algo que a autora utilizou com maestria, envolvendo os leitores e criando laços de identificações entre personagem e público. A capacidade de Lucy Maud Montgomery de explorar as emoções humanas torna a história duradoura e querida por gerações de leitores, fez o romance *Anne de Green Gables* um cânone da literatura juvenil canadense e amado na posteridade.

2.3 LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Consideramos como literatura infantil e juvenil toda a produção escrita ou oral destinada às crianças e adolescentes. Sendo a infantil voltada à fase da infância e a juvenil à juventude. Mas essas produções não eram somente escritas, afinal, a de transmitir uma história é antiga, vem desde o início dos tempos com narrativas populares e anônimas. Através da oralidade que elas permaneceram e se fazem presentes no dia a dia dos leitores. Essas histórias contavam sobre a origem de um povo, costumes, ensinamentos, lições a serem aprendidas, entre outras coisas que a literatura abraça. Essas narrativas ficaram por um bom tempo sendo transmitidas pela oralidade até que passaram a ser registradas por escrito e, assim, transformando-se em literatura escrita.

Antigamente, as histórias eram destinadas a todos, adultos e crianças. É somente no século XVIII que surge outra perspectiva eurocentrada¹ sobre o ser criança, na visão ocidental, em que deveriam receber uma educação especial. Assim, não mais vistos como iguais, mas sim distintos que mereciam um olhar diferente. Tendo assim, o início da literatura infantil.

A história da literatura infantil tem relativamente poucos capítulos; começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta (Cunha, 1999, p. 19).

A partir deste novo olhar, houve adaptações de histórias populares já existentes da literatura oral para o público infantil, assim como surgiram outras criações. Um dos pioneiros na Europa neste processo de adaptação foi Charles Perrault, transformou as narrativas populares, atribuiu novos valores aos chamados contos de fadas. Ele foi considerado por muitos estudiosos o primeiro autor a escrever para crianças, coletou e organizou histórias em um livro, tornou-se o que muitos reconhecem como o “pai da literatura infantil”.

As suas grandes contribuições para a literatura infantil foram com os contos: *Mãe Gansa*, *O Barba Azul*, *Cinderela*, *A Gata Borralheira*, *O Gato de Botas* e etc.

Tempos depois, outros nomes também mérito ao escreverem livros destinados às crianças na perspectiva eurocêntrica, como os irmãos Jacob e Wilhem Grimm com obras: *A Bela Adormecida*, *Os sete Anões* e *a Branca de Neve* e etc.

Também Hans Christian Anderson com o *Patinho Feio*, *Soldadinho de Chumbo*, *A Roupa Nova do Imperador* e *A Rainha de Neve*. Lewis Carroll com a *Alice no País das Maravilhas*, *Alice Através do Espelho* e *o que Ela Encontrou Por Lá A caça ao Snark*, Franck Baum com o *Mágico de OZ* vários outros volumes da série Oz e outras histórias fantásticas. Além de todos já citados, James Barrie com *Peter Pan*, entre outros.

Desde seu primórdio, a literatura infantil é uma excelente ferramenta para divertimentos, ensinamentos, reflexões e incentivo para a imaginação e criatividade das crianças e adolescentes. Fábulas, contos de fadas, contos maravilhosos, entre outros gêneros literários, sempre estão presentes na vida dos pequenos, seja por leitura e oralidade, filmes ou desenhos animados, em casa ou na escola. As versões europeias são as mais conhecidas e com maior credibilidade, sempre apresentam os mocinhos e vilões, as princesas magras e brancas, príncipes fortes e cavalheiros, mocinhas com cabelos lisos e compridos, meninos esbeltos, paixões correspondidas, criando representações sociais que por muito tempo perduram na sociedade.

Essa literatura sempre foi muito utilizada como um processo para didatizar, histórias que ensinam algumas atitudes e moralizam outras. Como, por exemplo, não desobedecer aos mais velhos, não confiar em estranhos, ter empatia, dentre outras coisas que estão presentes nas histórias desde suas primeiras versões para crianças e adolescentes (Lajolo; Zilberman, 2007).

Como já dito anteriormente, durante muito tempo, as crianças e os adolescentes eram vistos como iguais aos adultos, considerados miniaturas adultas, ouviam as mesmas histórias que os mais velhos, criados sem muito cuidado e pudor, treinados até mesmo para guerras. Entretanto, essa visão foi desconstruída no final do século XVII e início do século XVIII, as crianças e os adolescentes começaram a ser vistos como sujeitos que necessitavam de cuidados e atenções especiais.

Com isso a literatura desempenha um importante papel, principalmente para a formação e criação de um tipo específico de família, os nobres brancos e ricos, e comportamentos sociais, como os papéis desempenhados pelas mulheres. A literatura infantil demorou ganhar algum mérito, pois era considerada inferior à literatura destinada ao público adulto, mas ainda assim era muito usada. Desde que a sociedade começou a criar outras noções sobre o que era a fase da infância, vários estudiosos tentaram defini-la. Observemos a concepção de Kuhlmann Jr (2011):

É preciso considerar a infância como uma condição da criança. O conjunto de experiências vividas por elas em diferentes lugares históricos, geográficos e sociais é muito mais que uma representação dos adultos sobre essa fase da vida. É preciso conhecer que as representações da infância e considerar as crianças concretas, localizá-las nas relações sociais, etc., reconhece-las produtoras da história (Kuhlmann Jr, 2011, p. 30).

Sendo assim, a infância hoje é concebida como uma condição que aborda diversos contextos histórico-sociais, psicológicas, biológicas e cognitivas que fazem com que a criança desempenhe um papel de sujeito histórico e produtor de cultura.

A autora Maria Cristina Gouvêa, em sua escrita sobre *A Construção do “Infantil” na Literatura Brasileira*, explica que a noção de infância é representada pelos autores das obras imitando a realidade e a sociedade, sendo assim, o que surge nessas narrativas são as representações construídas pelo autor adulto sobre os modelos de comportamentos infantis, definindo um repertório de ações e comportamentos atribuídos às crianças, os quais os leitores (crianças) “deveriam” também seguir. Comportamentos e modelos esses que mudam consoante a época em que a obra é escrita, já que a noção de infância e criança também são alteradas ao passar dos anos.

O autor, no momento da produção do texto, traduz na escrita a sua compreensão do real, como também o projeto de realidade que se quer confrontar por meio da narrativa, ou como define Leila Perrone-Moysés (1990): “a reconstrução do mundo pelas palavras” (Gouvêa, 2005, p. 81).

A partir dessas concepções de infância da sociedade e as suas representações no mundo literário de maneira eurocêntrica, notamos que diversas mudanças históricas trazem a ideia de proteção das crianças de modo que respeitem as suas individualidades. Elas já não são mais misturadas ao mundo adulto. Surgem, conseqüentemente, novas demandas para o universo infantil e juvenil, novos métodos, materiais, objetos, jogos e livros. Principalmente com o crescimento rápido do capitalismo que faz com que inúmeros produtos fossem produzidos e comercializados. Assim, as literaturas infantis e juvenis ganham um grande campo, principalmente em um país que almejava a modernização e o aumento do consumo de produtos industrializados no comércio.

De acordo com Nelly Coelho, essa literatura é entendida como:

Abertura para a formação de uma nova mentalidade, além de ser um instrumento de emoções, diversões ou prazer, desempenhado pelas histórias, mitos, lendas, poemas, contos, teatro etc., criadas pela imaginação poética, ao nível da mente infantil, que objetiva a educação

integral da criança proporcionando-lhe a educação humanística e ajudando-a na formação de seu próprio estilo (Coelho, 1991, p. 5).

Assim, auxilia a ampliação da compreensão da criança como sujeito singular, como parte da sociedade e do mundo que a cerca. Essa noção de mundo é de extrema importância para o desenvolvimento pessoal, cognitivo e social da criança, por isso a literatura é também utilizada grandemente nas escolas e salas de aulas. É uma rica ferramenta para a construção da criança como um ser pensante, reflexivo e crítico, por isso deve ser presente no cotidiano escolar e familiar.

Já a literatura juvenil, traz aspectos relacionados à juventude, emergindo do contexto social e cultural do período histórico em que é idealizado. Há problematizações condizentes com seu público jovem, conflitos internos e externos, questões que envolvem o particular e o íntimo da personagem, construindo sua subjetividade e identidade no mundo que a cerca. Essas questões auxiliam o jovem leitor no processo de autodescoberta.

O jovem faz parte de um grupo em constante descobrimento de si mesmo e do mundo. Diversas mudanças hormonais, corporais e comportamentais acabam influenciando a sua realidade. Entendendo a infância como a fase que vai de 0 até 11 anos e a adolescência dos 12 aos 20 anos, temos o público que envolve a literatura juvenil.

Essa, atende seu alvo com temas que circundam a sua realidade e aquilo que é de seu interesse para o momento da sua vida. A partir dos 12 anos já há uma compreensão mais ampla sobre si mesmo, o cognitivo passa a alargar o conhecimento sobre aquilo que o cerca, levando à necessidade de encontrar uma literatura que não se baseia somente na infância ou na fase adulta, mas do momento vivido pelo jovem em sua vida neste espaço de transição.

A literatura juvenil é fortemente caracterizada pela presença de personagens jovens, em debate com problemas concernentes a essa etapa, variando-se os contextos socioculturais que elaboram, de formas distintas, a percepção do que seja a juventude (Cordeiro, 2019, p. 38).

Entre as características de uma narrativa na literatura juvenil há fortemente a presença de diálogos, dificilmente encontram-se monólogos, há uma linguagem mais objetiva, simples e clara, semelhante à coloquial. Inclusive, em algumas há até resquícios da oralidade. As personagens são construídas ao redor de suas angústias e dúvidas relacionadas a etapa da vida em que pertencem, trazem uma

problemática social juntamente ao desenvolvimento da personagem. Esses seres fictícios, em sua maioria jovens, são questionadores, indagam sobre os eventos e ações ao seu entorno. Isso ocorre por conversas com os demais ou com reflexões individuais, fluindo observações positivas, ou não, confrontando-as com valores éticos (Cordeiro, 2019).

A literatura juvenil abre espaço para o debate e problematização de questões sociais, coisas relacionadas à juventude ou não, sendo um ambiente amplo que possibilita diálogos. Mesmo que os assuntos em questão não estejam ligados à vivência do jovem, permite que novos horizontes sejam descobertos e tragam reflexões para a vida do leitor.

No cenário brasileiro, a literatura juvenil não tem um caminho considerado longo. Aproximadamente nas décadas de 1950 e 1960 havia a predominância de obras destinadas ao público juvenil com um olhar mais moralista, como nos escritos de Maria José Dupre, que encerram com lições de moral sobre crianças e jovens que desobedecem. Já na década seguinte, 1970, há narrativas em contextos sociais menos privilegiados e as representações de personagens que vivenciavam esses lugares, possibilitando um discurso formador que também visava a liberdade feminina também que surgia no campo de obras destinadas aos jovens (Cordeiro, 2019).

Em 1980 há o aprimoramento da escrita da literatura juvenil, ultrapassando o número de livros infantis, em que os textos e ilustrações ganharam aprimoramentos. Em 1972 há a criação da série Vaga-lume que buscava publicações para o público jovem, sendo um grande sucesso do mercado.

Pensando em mercado, a literatura juvenil foi, e ainda é, uma mercadoria. Isso nos faz pensar nela atrelada aos interesses do mercado literário/editorial desde a sua construção. Sua propagação e popularização entre o público juvenil foi fortemente influenciado pelo mercado e comercialização, criando uma onda de produções literárias que não se destacam, que trazem sempre do mesmo, clichês e assunto batidos, sendo mais acessível e amplo. Visando assim, a comercialização de obras com o público juvenil.

O surgimento da literatura juvenil foi, então, motivado pelo interesse do mercado em um grupo social sobre o qual se elaboravam novas percepções, tendo em vista que se percebiam as suas especificidades. Entre essas especificidades, Rossana Reguillo (2003) discute que o aumento da violência por parte de jovens foi uma das razões para que se começasse a pensar sobre a necessidade de proteger esse grupo social; também o crescimento de diferentes modelos familiares proporcionou certa perda de identidade por parte da juventude, que precisava elaborar a sua própria representação

nesse cenário; o fortalecimento da indústria cultural que oferecia bens voltados para o consumo da juventude e, finalmente, a percepção de que a juventude não é uma mera etapa de transição no desenvolvimento do sujeito, mas, sim, um estado em que o ser e o fazer estão ancorados no presente e não necessariamente na projeção com quem do que se tornará no futuro. A literatura juvenil, portanto, contribui para que se valorizem as experiências da juventude inserindo-a no centro da narrativa e construindo a ficção a partir das aventuras e angústias comuns a essa etapa da vida, ao mesmo tempo em que problematiza aspectos sociais e culturais, bem como as relações humanas (Cordeiro, 2019, p. 23).

Nessa época contemporânea, vemos essa grande expressividade do mercado editorial aliado ao marketing com plataformas digitais, como o YouTube, que fez com que diversos criadores de conteúdos digitais de sua plataforma ficassem na lista de livros juvenis mais vendidos (Cordeiro, 2019).

Marco Túlio, de vinte anos, dono do canal *AuthenticGames*, com onze milhões de inscritos e quase cinco bilhões de Views, é autor dos títulos *AuthenticGames* e *AuthenticGames – a batalha da torre*. Pedro Rezende, de dezenove anos, dono do canal *Rezendeevil*, com mais de treze milhões de inscritos e pouco mais de cinco bilhões de views, é autor de *Dois mundos*, *Um herói* e *De volta ao jogo* (Cordeiro, 2019, p. 24).

Cordeiro (2019) ainda cita mais exemplos de anos posteriores, como em 2017, na primeira posição. Marco Túlio lança a lista dos mais vendidos mais um livro: *Authentic Games - A batalha contra Ender Dragon*. Aparece na lista, ainda, o livro *Você sabia?* de Lukas Marques e Daniel Molo, donos do canal. No ano de 2018 está Lucas Neto em primeiro lugar com *As aventuras na Netoland com Luccas Neto*, e, em seguida, seu irmão Felipe Neto, com *Felipe Neto – A vida por trás das câmeras*.

Isso resulta em um declínio de publicações de livros literários para o público juvenil, visto que, biografias, autobiografias e conteúdo de canais do YouTube ganham mais força no mercado. Consequência de um mundo mais cercado de tecnologias digitais.

Não obstante, o uso da tecnologia digital auxilia a divulgação em massa no mercado editorial. Pensando no caminho do cinematográfico para o escrito, muitas pessoas são influenciadas por filmes, séries e novelas a consumirem o produto primário, que seria o livro. Isso ocorre principalmente com o público jovem, que após gostar do produto cultural audiovisual, parte então para o literário, fazendo um caminho considerado contrário.

Um exemplo disso foi a crescente busca pelo livro *Anne de Green Gables* no Brasil após o sucesso da série *Anne With en E*. A maior parte do público foi

influenciado pela série, inclusive, descobriram depois que ela foi inspirada em uma coletânea de livros. Deixamos claro que isso ocorreu no Brasil, visto que essa obra é um clássico em seu país de origem, Canadá.

Assim, vemos algo comum nos dias de hoje, jovens são influenciados pelos meios de tecnologias digitais e buscam uma fonte de leitura, literária ou não. Como, por exemplo, os livros baseados nas vidas de youtubers e influencers, e também o romance sobre Anne.

Não se pode negar que a literatura juvenil é algo de fundamental importância para a sociedade, assim, ela é analisada e criticada por diversos estudiosos que buscam mapear seu histórico, suas características e sua relevância para o público juvenil. Inclusive, há diversas premiações para essas obras.

Hoje, a literatura juvenil campo conta com premiações independentes, como as da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ e do Jabuti; críticas especializadas, seja por meio de dissertações, teses e diversas publicações em artigos e livros e em Grupo de Trabalho da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística– ANPOLL: o grupo Leitura e Literatura Infantil e Juvenil. Considerando que há diferentes instâncias de legitimação para a literatura juvenil, acreditamos que, se o mercado é decisivo para o fortalecimento das vendas e para a profissionalização do escritor, outras instâncias contribuem para que a sua qualidade não seja sonhada (Cordeiro, 2019, p. 22).

Como um todo, a literatura juvenil representa o que é o juvenil voltado a esse público em específico. Entretanto, é necessário pensar que não há somente um tipo de juventude, mas sim uma variedade, uma multiplicidade de identidades que a configuram de maneira diversificada. Essas, levam em consideração as categorias sociais e históricas que são determinantes (Cordeiro, 2019).

No decorrer deste trabalho, levamos em consideração a juventude em relação aos estudos e pesquisas sobre a representação da mulher na literatura juvenil.

2.4 A AUTORIA FEMININA E A CRÍTICA FEMINISTA

Escrita feminina e autoria feminina são termos frequentemente usados para discutir a produção literária feita por mulheres. No entanto, é importante notar que eles podem ser interpretados de maneiras diferentes. Sendo assim, ao início desse subtópico, considero importante distinguirmos ambas denominações para elucidar quaisquer dúvidas.

Escrita feminina é um termo que se refere às características estilísticas, temáticas ou abordagens comuns encontradas nas escritas de mulheres. Pode-se sugerir que as mulheres têm uma voz única ou uma perspectiva distintamente feminina que se reflete em sua produção. No entanto, é importante evitar generalizações excessivas, já que a escrita de mulheres é tão diversa quanto a de homens e pode abranger uma ampla gama de estilos e temas. Além disso, essa terminologia implica no fato de que a escrita feminina não necessariamente possa ser escrita por uma mulher, mas também por homens, por exemplo, visto que é uma característica estilística.

Já o termo autoria feminina enfatiza que as mulheres estão envolvidas na criação e produção de obras literárias. Ele reconhece o papel das mulheres como autoras, escritoras e artistas literárias. A autoria feminina destaca o ato de criação e a contribuição das mulheres para a literatura, sem necessariamente implicar uma diferença específica no estilo ou conteúdo da escrita. Há a identificação e o reconhecimento das mulheres como autoras de obras literárias, destacando suas vozes, perspectivas e contribuições únicas para a literatura.

Em ambos os casos, é importante abordar esses conceitos com sensibilidade e evitar generalizações rígidas. A literatura é diversa e as experiências, estilos e temas das autoras podem variar amplamente. Além disso, é fundamental considerar as influências culturais, históricas e individuais que moldam a escrita de qualquer autor ou autora.

Em resumo, enquanto "escrita feminina" tende a se referir aos estilos literários associados às mulheres, "autoria feminina" está relacionada à identificação das mulheres como autoras e à valorização de suas contribuições literárias. Ambos os termos estão enraizados em discussões sobre gênero, literatura e poder, mas é importante abordá-los com sensibilidade para evitar generalizações excessivas ou simplificações das experiências das mulheres na escrita.

Nos últimos séculos, houve um aumento significativo na visibilidade e no reconhecimento das autoras e de suas contribuições para a literatura. A autoria feminina pode abranger uma variedade de gêneros literários, estilos de escrita e temas. Algumas autoras exploram as experiências e as perspectivas específicas das mulheres, mas também abordam temas multifacetados que transcendem as fronteiras de gênero.

A valorização da autoria feminina na literatura é essencial para alcançar uma representação literária mais equitativa e abrangente. Isso permite que as vozes, as

histórias e as experiências das mulheres sejam contadas e apreciadas, enriquecendo a diversidade do cenário literário e ampliando as perspectivas disponíveis aos leitores.

A noção de autoria feminina é importante porque historicamente as mulheres enfrentam muitos obstáculos para serem reconhecidas como autoras e para terem suas vozes ouvidas na esfera literária. Muitas vezes, elas tiveram que usar pseudônimos masculinos ou enfrentaram resistência por parte de editores e críticos que menosprezavam ou ignoravam suas obras. Além disso, as restrições sociais e culturais restringem as oportunidades das mulheres de participarem ativamente da esfera pública, incluindo a escrita.

Com o tempo, as mulheres foram conquistando maior visibilidade e reconhecimento na literatura. Assim como acontece com os autores masculinos, as mulheres escritoras têm abordagens literárias diversas e únicas. A valorização da autoria feminina é fundamental para uma representação mais equitativa e completa das vozes literárias na sociedade, reconhecendo a riqueza e a diversidade de contribuições das mulheres para a cultura literária.

O romance em estudo nesta pesquisa é de autoria feminina, além disso, traz contribuições para o público infantil e juvenil. A obra *Anne de Green Gables* (1908) aponta reflexões acerca das crianças e dos adolescentes como sujeitos singulares, quais eram suas importâncias na sociedade, seus papéis a serem cumpridos ou questionados, reflexões sobre o mundo que os cercavam. Não somente meninas, mas mulheres também, pois, afirmamos haver elementos feministas na personagem Anne Shirley aos quais apontamos mais adiante.

Em 1978, algumas feministas da segunda onda como, por exemplo, Margarida Atwood, iniciou a defesa de Lucy no espaço literário sendo mais que ficção juvenil ou escrita de gênero. Defendeu que Lucy Maud Montgomery e sua personagem Anne Shirley deviam ser consideradas como heroínas feministas que estavam à frente de seu tempo. Elas representavam todo um movimento antes que houvesse um nome para ele (McIntosh; Devereux, 2013).

O movimento feminista no Canadá tem uma história rica e complexa, que abrange várias décadas e está interligada com os desenvolvimentos sociais, políticos e econômicos do país. Logo, o cenário da luta feminista busca combater a desigualdade entre gêneros e é dividido em três principais ondas. Cada onda destaca movimentações importantes para a transformação social.

A metáfora da *onda* mostra como as mudanças nos focos e atividades

feministas progrediram e se alteraram, permanecendo conectadas por interesses compartilhados nos direitos das mulheres. Elas ocorreram em diferentes contextos e períodos distintos em cada país. Apesar de serem diferenciadas em cada lugar, havia uma base em comum, os ideais eram semelhantes, traziam à tona as lutas sufragistas e questões próprias de cada território. Assim, onde uma onda necessariamente começa ou termina é menos importante do que como elas se informaram e se construíram mutualmente. Observar as contribuições de ondas particulares ajuda a articular mudanças específicas nas ideias que contribuem para a diversidade do pensamento feminista

A primeira onda feminista diz respeito às mobilizações de mulheres que ocorreram durante o final do século XIX e início do século XX, em que temas em torno da política eram discutidos, em especial o aumento dos direitos de propriedade, maior acesso à educação e reconhecimento como “pessoas” perante a lei. Foi uma luta pelos direitos políticos, liderado por Bertha Luz, sendo assim reconhecido como “luta sufragista” em que mulheres contestaram de forma mais significativa o poder político, rompendo com padrões históricos (Miranda, 2015). No Canadá, essa interação foi baseada no feminismo materno, as mulheres eram “mães da nação” e deviam participar da vida pública. Além disso, a religião também foi importante para as mulheres canadenses, quando rejeitadas como missionárias pela igreja e sociedade, elas iniciaram suas próprias sociedades missionárias.

Elas também apoiavam a mulher no cenário da educação, ensino e profissional, reivindicavam para as mulheres plenos direitos no campo do ensino superior. Houve em 1883, em Toronto, a primeira médica a exercer a profissão no Canadá, Emily Stowe. Sua filha, Augusta Stowe-Gullen, foi a primeira mulher a se formar na faculdade de medicina no Canadá. Essa onda promoveu os direitos das mulheres, incluindo o sufrágio, criando em 1893 o Conselho Nacional de Mulheres do Canadá para reunir diferentes representantes de grupos de mulheres para comunicarem suas preocupações (Miranda, 2015).

Em 1894 viúvas e solteiras tiveram o direito ao voto nas eleições municipais em Ontário, mas nas províncias ainda não havia essa conquista. No início de 1910 a organização em torno do sufrágio atinge seu pico em território canadense, obteve sucesso com facilidade e pacificamente. Para o desenvolvimento do movimento recolheram petições, realizaram encenações de parlamentos fictícios e vendas de cartões-postais.

E finalmente, em 20 de setembro de 1917, as mulheres ganharam um direito limitado de voto. A Lei do Eleitor Militar estabeleceu que as mulheres súditas britânicas com parentes próximos nas forças armadas poderiam votar em nome de familiares homens. No período de 1920 a 1930, as mulheres canadenses continuam a lutar por igualdade de direitos e oportunidades. As demandas por igualdade no local de trabalho, melhores condições de trabalho e direitos reprodutivos começaram a ganhar destaque. O estabelecimento de organizações como a "*Federated Women's Institutes of Canada*" também ajudou a promover a conscientização e o ativismo feminista.

Em 1919 o direito ao voto foi estendido à todas, infelizmente somente a província de Quebec que não seguiu, concedendo o voto à mulher anos mais tarde, em 1940.

Entretanto, o direito conquistado era para mulheres brancas, de famílias, consideradas "melhores" que outras. Por muito tempo foi excluído do direito ao voto algumas mulheres, baseado na raça ou indigeneidade¹. Isso não ocorreu exclusivamente no Canadá, mas em diversos países, excluindo as indígenas e negras das conquistas de direitos adquiridos, colocando-as abaixo das brancas.

A Segunda Onda diz respeito à formação de grupos de libertação das mulheres, a desilusão com a política, movimento anti-guerra e a busca por uma sociedade democrática. Isso acarretou a formação de grupos de consciência, dando prioridade às lutas pelo direito ao corpo combatendo o patriarcado, o enfrentamento ao domínio masculino, à violência e a luta pelo direito ao exercício do prazer (Miranda, 2015).

No Canadá, durante esse período, houve um aumento significativo no ativismo feminista. Questões como direitos reprodutivos, igualdade salarial, combate à violência contra mulheres e acesso à educação superior foram destaque. O movimento buscou desafiar as normas de gênero e promover mudanças nas leis e políticas para alcançar igualdade de gênero. Teve enfoque no papel da mulher no trabalho, a luta pelos direitos, pagamentos igualitários, enfrentamento da violência contra mulheres e os direitos reprodutivos.

¹ A palavra indigeneidade foi retirada do artigo *sobre a indigeneidade das Paisagens*, do autor William Balée. Segundo seu estudo, ele designa a palavra ao estado ou qualidade de ser indígena. "Refere-se às maneiras tradicionais de conhecimento do mundo próprias de tradições culturais de pequena escala cujos sujeitos têm sido historicamente os alvos humanos no colonialismo europeu" (Balée, 2008, p 10).

Foi nesta época, durante a Segunda Onda, que surge o termo gênero, como afirma a pesquisadora:

Entre as principais contribuições da segunda onda foi o início da utilização do termo gênero como categoria de análise. Ao ampliarem a discussão para além da diferenciação sexual entre homens e mulheres, foi possível começar a perceber que o as assimetrias tinham base nas construções sociais e culturais a partir do sexo e manifestas nas relações de gênero, que não somente atribuíam funções diferentes para o masculino e o feminino, mas, principalmente, as valoravam de formas diferentes. O gênero, é a manifestação e hierarquização dos papéis sociais de gênero (Cordeiro, 2019, p. 50).

A Terceira Onda é utilizada para descrever versões contemporâneas de feminismo a partir de 1990 até os dias de hoje. Há um olhar mais crítico para o próprio movimento, surge novas ideias e redefine estratégias (Miranda, 2015). Em território canadense, a terceira onda está ligada às noções de antirracismo, anticolonialismo e anticapitalismo, associando-se às organizações descentralizadas em oposição às organizações feministas nacionais, aborda temas como a prostituição, lesbianismo, raça e etnia (Miranda, 2015).

O movimento feminista continuou a crescer e a diversificar-se nesse período. Questões como a igualdade no local de trabalho, representação política, noções que envolvem as comunidades LGBTQIA+ e indígenas tornaram-se tópicos importantes para o ativismo feminista no Canadá. No século XXI o feminismo no Canadá continuou a evoluir, incorporou uma compreensão mais ampla das interseccionalidades que reconhece as interconexões entre raça, classe, orientação sexual e gênero. O movimento é ativo em questões de combate à violência de gênero, igualdade no local de trabalho, representação política e justiça social em geral.

Portanto, as três ondas do movimento feminista promoveram significativos avanços na luta de todas as mulheres, cada qual em seu tempo. A primeira foi por um movimento central com pautas mais objetivas e específicas. Já a segunda onda e a terceira ampliaram-se, permitindo que houvesse uma multiplicação das pautas, de maneira gradativa, encontraram a multiplicidade das experiências que o feminino contém (Cordeiro, 2019).

É importante observar que o movimento feminista no Canadá foi caracterizado por várias vozes e perspectivas e trabalha em parceria com outros movimentos sociais para promover a igualdade e a justiça. O ativismo das mulheres indígenas, por exemplo, é fundamental na luta por direitos e reconhecimentos. O Canadá é um espaço onde o ativismo feminista é ativo e as lutas por igualdade de gênero e justiça

social persistem.

Todo esse cenário sufragista, a luta pelos direitos, pelo reconhecimento, pelo ensino, pela profissionalização e ensino superior para as mulheres dentro do Canadá foi o contexto histórico vivenciado pela autora. É o contexto histórico-social que circundava a sociedade no momento de escrita do romance *Anne de Green Gables*, visto que sua publicação foi em 1908 e o direito ao voto feminino em 1919 de maneira mais vasta em território canadense. Não somente isso, como também especificamente na província da Ilha do Príncipe, lugar em que ocorre a narrativa de Anne, o voto feminino foi conquistado em 1922, catorze anos depois da publicação do romance.

Sendo assim, afirmamos que o romance, ainda que de maneira incipiente, carrega uma protagonista com pensamentos feministas que questionava alguns padrões estabelecidos pela sociedade, como, por exemplo, o ideal de beleza feminino. Entretanto, representava um movimento que ainda não era nomeado.

De acordo com a pesquisadora Isobel McKenna, a representação da mulher na literatura canadense, bem como o ideal de feminilidade, surgiram aos moldes da cultura inglesa. Grande parte disso deve-se ao fato do Canadá Colonial ter sido território de imigrantes ingleses, colonos de classe alta, que viam as novas terras como oportunidade. Alguns autores escreviam sobre o assentamento colonial, transmitiam aos interessados como era a vida das mulheres na colônia impondo a sua visão.

Esses registros vão mais além do que relatos do assentamento colonial, entram na literatura, em que encontra um campo mais amplo para espalhar seu ideal de mulher. Sendo elas exemplificadas como a figura inglesa educada, com origem refinada, escritora por lazer, diluindo a imitação dos valores sociais ingleses. A base era essa para os romances canadenses em que o ideal inglês reinou na sociedade do Canadá, incluindo na literatura (McKenna, 2015).

Assim, a imagem feminina na cultura canadense de início era marcada como as demais, sendo em torno do ambiente doméstico com afazeres que remetessem aos cuidados da casa, de crianças, de filhos, envoltos em ternuras e gentilezas. A principal razão para a existência das mulheres era a necessidade de boas esposas e mães.

Todas as mulheres têm importância apenas como esposas ou filhas de

homens importantes, e essa atitude prevaleceria não apenas na sociedade colonial canadense, mas muito depois da criação da nação (...). Gerenciar uma casa bem administrada era a prova do valor da mulher canadense. Em circunstâncias pioneiras, isso era uma necessidade. Fisicamente, era uma divisão natural do trabalho vital deixar o trabalho de fora para os homens e o de dentro para as mulheres² (McKenna, 2015, p. 70, tradução minha).

Pelo fato de guiarem-se pelos moldes idealizados da cultura inglesa, as mulheres canadenses eram vistas como inferiores e postas constantemente em comparação com a idealização do que era realmente ser mulher. Todavia, o atenuante desse cenário ocorria com mulheres canadenses de origem francesa, assim como aponta McKenna:

Mas as garotas franco-canadenses são mais coquetes - portanto, menos "femininas" - do que as garotas inglesas, e isso não apenas faz com que as mulheres inglesas aceitem isso como prova de sua própria superioridade; também parece ser o primeiro exemplo do que Ronald Sutherland chama de "o mito de la femme fatale canadienne" ³(McKenna, 2015, p. 70, tradução minha).

No passado, as atitudes em relação às mulheres canadenses de origem francesa (também conhecidas como canadenses francesas) eram influenciadas por uma combinação de fatores culturais, sociais e históricos. É importante notar que essas atitudes variam ao longo do tempo e não são universais para todas as pessoas ou regiões.

O primeiro fator que contribuiu com essa noção de inferiorizar da mulher canadense de origem francesa foi a colonização e patriarcado. Durante os períodos de colonização e estabelecimento de sociedades, as estruturas patriarcais eram dominantes em muitas culturas. Isso significava que as mulheres eram frequentemente subordinadas aos homens e vistas como tendo um papel limitado na sociedade. Essa visão também poderia se estender às mulheres canadenses de origem francesa.

² All the women have importance only as wives or daughters of important men, and this attitude was to prevail not only in Canadian colonial society but long after the creation of the nation. Managing a well-run household was the proof of the Canadian woman's worth. In pioneer circumstances, this was a necessity. Physically, it was a natural division of the vital work to leave outside work to the men and inside work to the women (MCKENNA, 2015, p. 70).

³ But the French Canadian girls are more coquettish — hence less "ladylike" — than the English girls, and this not only causes the English women to accept this as proof of their own superiority; it also seems to be the first example of what Ronald Sutherland terms "the myth of la femme fatale canadienne" (McKenna, 2015, p. 70).

Além disso, o Canadá tem uma história de colonização por várias potências europeias, incluindo os britânicos e franceses. Isso levou a conflitos culturais e rivalidades entre diferentes grupos étnicos, com as mulheres canadenses de origem francesa sendo vistas como inferiores pelos colonizadores britânicos ou por outras comunidades.

A linguagem e a religião também contribuíram para estereótipos negativos em relação aos canadenses franceses, pois a língua e a religião desempenham um papel significativo na identidade cultural das comunidades francesas no Canadá, especialmente durante os conflitos entre britânicos e franceses. Além das Normas sociais da época que eram frequentemente baseadas em concepções restritas de gênero e papel da mulher na sociedade. Mulheres eram frequentemente associadas a papéis domésticos e cuidados familiares, o que poderia levar a uma percepção de inferioridade em relação a atividades consideradas mais "nobres" ou "importantes" na sociedade.

É importante ressaltar que essas percepções eram construções sociais que não refletiam a verdadeira igualdade ou mérito das mulheres canadenses de origem francesa. Com o tempo, as lutas por igualdade de gênero e a evolução das sociedades têm contribuído para desafiar esses estereótipos e criar um ambiente mais inclusivo e igualitário para todas as pessoas, independentemente de sua origem étnica.

Ser considerada menos "feminina", ser imposta a padrões que devem ser seguidos, questionar a própria vida e a si mesmo, não estar encaixada em algo que a sociedade impõe são situações que passam na cabeça da protagonista Anne Shirley.

Muito da longa popularidade de Anne de Green Gables se deve ao seu espírito independente, sua confiança de que ela pode realizar algo por si mesma. Ela é inteligente e mais educada do que as gerações anteriores de mulheres nascidas no Canadá. Seus filhos, que aparecem em histórias posteriores, recebem seu incentivo para expandir seus horizontes. As mulheres nos livros de Montgomery ainda pertencem à sociedade rural que então domina, mas se sentem afortunadas em comparação com as gerações anteriores. A vida é menos difícil e oferece muitas novas oportunidades; as carreiras em enfermagem e secretariado, bem como no ensino, estavam se abrindo como campos de oportunidades emocionantes para as mulheres⁴ (McKenna, 2015, p. 73, tradução minha).

⁴ Much of the long popularity of Anne of Green Gables is due to her independent spirit, her confidence that she can accomplish something for herself. She is intelligent and better educated than previous generations of Canadian-born women had been. Her children, who appear in later stories, receive her encouragement in expanding their horizons. Women in Montgomery's books still belong to the rural society that dominates then, but they feel fortunate in comparison to preceding generations. Life is less difficult, and it offers many new chances; careers in nursing and secretarial work as well as teaching

Em 2009, Jean Hannah Edelstein, do Guardian, afirmou: “Nunca foi declarado explicitamente, mas Anne é definitivamente feminista e feminista no início do século 20. O Canadá é um caminho difícil de seguir”. Moira Walley-Beckett disse à CBC que “as questões de Anne são contemporâneas” (McIntosh; Devereux, 2013).

Evidencio que o termo feminino é relativo à mulher e ao biológico. Já “feminista” é na perspectiva de posicionamento político. Sendo assim, a obra traz elementos que fundamentam questões feministas, evidencia a importância da autoria feminina, pois auxilia a observar a condição feminina na sociedade e seus papéis.

A condição social feminina, desde o primórdio da humanidade, foi marcada por estereótipos e papéis sociais que as impuseram em situações de inferioridade em relação ao homem em todos os espaços. Assim como afirma a autora Silvia Federici:

Por outro lado, foi estabelecido que as mulheres eram inerentemente inferiores aos homens – excessivamente emocionais e luxuriosas, incapazes de se governar – e tinham que ser colocadas sob o controle masculino. [...] As mulheres eram acusadas de ser pouco razoáveis, vaidosas, selvagens, esbanjosas. A língua feminina era especialmente culpável, considerada um instrumento de insubordinação (Federici, 2004, p. 183).

Há algum tempo tomadas como frágeis, incapazes e instáveis, essa classe foi oprimida durante anos. Tratadas como meros objetos de procriação e tidas como propriedade da figura masculina, essa condição regulou, e regula, o machismo estrutural na sociedade. Lembro que se considera como machismo todo preconceito expresso através de atitudes e opiniões que se opõem à igualdade de direitos entre gêneros. As mais variadas maneiras de opressão que favorecem o masculino em detrimento ao feminino.

A autora Silvia Federici em seu livro *Calibã e a Bruxa* (2004) evidenciou em algumas passagens a noção de “mulher” criada pelo patriarcado. A principal tese do livro é que o surgimento do capitalismo foi acompanhado por um processo de acumulação primitiva, no qual a classe dominante, composta principalmente por homens, expropriou terras, recursos e poder das classes mais baixas, incluindo as mulheres. Federici argumenta que a subjugação das mulheres e a perseguição das “bruxas” foram elementos essenciais nesse processo de acumulação, pois as mulheres eram frequentemente as detentoras de conhecimentos tradicionais sobre

plantas medicinais, contracepção e outras práticas que não se encaixavam nos moldes emergentes do capitalismo e da ciência da época. Sendo assim, como tentativa de reprimi-las, uma série de acontecimentos regularam o controle sobre a mulher e reformularam o que era a feminilidade.

[...] surgiu um novo modelo de feminilidade: a mulher e esposa ideal – passiva, obediente, parcimoniosa, de poucas palavras, sempre ocupada com suas tarefas e casta. Esta mudança começou no final do século XVII, depois de as mulheres terem sido submetidas a mais de dois séculos de terrorismo de Estado. Uma vez que as mulheres foram derrotadas, a imagem da feminilidade construída na “transição” foi descartada como uma ferramenta desnecessária e uma nova, domesticada, ocupou seu lugar (Federici, 2004, p 187).

Assim, a feminilidade foi reescrita e fez com que diversos estereótipos recaíssem sobre a mulher.

Agora, as mulheres eram retratadas como seres passivos, assexuados, mais obedientes e morais que os homens, capazes de exercer uma influência positiva sobre eles. Até mesmo sua irracionalidade podia ser valorizada, como constatou o filósofo holandês Pierre Bayle em seu *Dictionnaire historique et critique* (1740) [Dicionário histórico e crítico], no qual elogiou o poder do “instinto materno” feminino, defendendo que devia ser visto como um mecanismo providencial, que assegurava que as mulheres continuassem se reproduzindo, apesar das desvantagens do parto e da criação de filhos (Federici, 2004, p 188).

Ao longo do livro, Federici analisa a relação entre o corpo das mulheres, a reprodução, a força de trabalho e o controle social, oferece uma visão crítica da história das mulheres e lança luz sobre as maneiras pelas quais a opressão de gênero é fundamental para a construção e manutenção do sistema capitalista.

Em relação ao trabalho, a autora discute como o sistema capitalista desvaloriza o trabalho associado às mulheres, como a reprodução e o cuidado, ao mesmo tempo, explora essas atividades para sustentar a força de trabalho e garantir a reprodução da sociedade. Ela argumenta que as mulheres foram historicamente submetidas a uma dupla exploração: no mercado de trabalho e no trabalho doméstico não remunerado.

Dizia-se até mesmo que qualquer trabalho feito por mulheres em sua casa era “não-trabalho” e não possuía valor, mesmo quando voltado para o mercado (Wiesner, 1993, p. 83). Assim, se uma mulher costurava algumas roupas, tratava-se de trabalho doméstico” ou de “tarefas de dona de casa”, mesmo se as roupas não eram para a família, enquanto que, quando um homem fazia o mesmo trabalho, se considerava como “produtivo” (Federici,

2004, p. 168-169).

O trabalho feminino não era reconhecido, era menosprezado pelo patriarcado. Afinal, deste modo a mulher não teria lucro, logo, manter-se-ia submissa e dependente da figura masculina.

Rapidamente, todo o trabalho feminino, quando realizado em casa, seria definido com “tarefa doméstica”, e até mesmo quando feito fora de casa era pago a um valor menor do que o trabalho masculino – nunca o suficiente para que as mulheres pudessem sobreviver dele (Federici, 2004, p. 169).

A figura feminina era vista como destinada ao lar e ao cuidado dos filhos. Entretanto, quando conseguiam trabalhar, não tinham o mesmo reconhecimento que o homem.

Além disso, as mulheres foram excluídas de muitas ocupações assalariadas, e, quando trabalhavam em troca de pagamento, ganhavam uma miséria em comparação com o salário masculino.

Essas mudanças chegaram ao auge no século XIX, com a criação da figura da dona de casa em tempo integral – redefiniram a posição das mulheres na sociedade e com relação aos homens. A divisão sexual do trabalho que emergia daí não apenas sujeitou as mulheres ao trabalho reprodutivo, mas também aumentou sua dependência em relação aos homens, permitindo que o Estado e os empregadores usassem o salário masculino como instrumento para comandar o trabalho das mulheres (Federici, 2004, p. 133).

Essas limitações em relação ao trabalho feminino eram do interesse não somente de famílias bem-sucedidas, mas inclusive dos trabalhadores, que mantiveram suas esposas ainda mais dependentes financeiramente e socialmente. Todavia, o Estado também teve um papel regulador desta situação.

Por outro lado, é evidente que essa tentativa não haveria triunfado se as autoridades não tivessem cooperado. Obviamente, se deram conta de que aquilo era o mais favorável a seus interesses, pois, além de pacificar os oficiais artesãos rebeldes, a exclusão das mulheres dos ofícios forneceu as bases necessárias para a fixação delas no trabalho reprodutivo e para sua utilização como trabalho mal remunerado na indústria artesanal doméstica (Federici, 2004, p. 173).

Uma das questões que Federici aborda no livro é o salário das mulheres. Ela argumenta que o trabalho feminino, especialmente o trabalho doméstico não remunerado, foi fundamental para a acumulação de capital ao longo da história. Ela critica que o trabalho das mulheres muitas vezes não é valorizado nem remunerado de forma justa, o que perpetua a desigualdade de gênero.

Essas condições de submissão feminina se manifestaram na sociedade em todos os campos, na vida social, econômica, profissional e literária. Vozes femininas foram silenciadas nesses âmbitos, fazendo com que aumentasse a desigualdade entre gêneros. Algo que demonstra isso é que antigamente meninas não podiam ir à escola, esse destino era reservado somente aos homens, pois, a menina teria que cumprir com o seu papel social em casa, aprendendo com a mãe. Uma das justificativas para tal era que a mulher não poderia aprender a ler e escrever, pois iria comunicar-se com seus amantes. Na tentativa de manter a “pureza” e a “inocência”, quando mulheres conquistam o direito aos estudos, eram enviadas para escolas de boas maneiras, lugar que ensinava a realizar atividades que envolviam o ambiente doméstico, o cuidado com a casa, filhos e família. Ao considerarmos essa diferença ao acesso aos estudos, pode-se entender o motivo pelo qual a autoria feminina ter maior visibilidade tardiamente em relação à masculina. Inclusive, algumas escritoras até utilizavam pseudônimos masculinos a fim de evitar preconceitos e julgamentos. Esse último caso ocorreu com Lucy Maud Montgomery, nossa autora em estudo na presente pesquisa, adotando L.M Montgomery a fim de esconder o seu gênero.

Ser outro, o excluído, o estranho é próprio da mulher que quer penetrar no sério mundo acadêmico ou literário. Não se pode ignorar que, por motivos mitológicos, antropológicos, sociológicos e históricos, a mulher foi excluída do mundo da escrita – só podendo introduzir seu nome na história europeia por assim dizer através de arestas e frestas que conseguiu abrir através de seu aprendizado de ler e escrever em conventos. (Lobo, 1998, p. 05).

Quando movimentos feministas acabam ganhando força, o desejo por ocupar e ter voz nesses espaços aumenta. Surge a necessidade de pensar e lutar para as mulheres conquistarem os seus lugares, incluindo na literatura em que o cânone tradicional era composto por autorias masculinas, marginalizando as escritas femininas.

A crítica literária ignorava e excluía essas escritas, entretanto, não se pode negar que a mulher produzia textos literários, necessitava então um olhar diferenciado que surge com a crítica feminista. Elaine Showalter, pioneira nos estudos da mulher e da crítica literária feminista, considera essa crítica como:

Assim, para alguns, a crítica feminista era um ato de resistência, uma confrontação com os cânones e julgamentos existentes, o que Josephie Denovan chama de “uma forma de negação numa dialética fundamental”. (...) A crítica feminista tem sido caracterizada por uma “resistência à codificação e uma recusa a que seus parâmetros sejam prematuramente estabelecidos”. Já discuti, com considerável simpatia, a suspeita dos sistemas monolíticos e

a rejeição do cientificismo no estudo literário que muitas críticas feministas têm pronunciado. Enquanto a crítica científica lutou para purificar-se do subjetivo, a crítica feminista reafirmou a autoridade da experiência (Showalter, 1994, p. 25).

Então a crítica literária feminista é baseada em teorias feministas, basicamente sobre políticas do feminismo que busca o uso de princípios feministas para estudar a literatura. Através desse pensamento, analisa-se a narrativa considerando fatores econômicos, sociais, políticos e psicológicos em que há a autoridade de experiência. Sendo válida então a experiência de um ser que vivencia o papel social feminino e tenha propriedade para retratar e analisar aquilo que circunda a realidade, sendo impossível desvincular a obra literária com o contexto de sua produção e sua historicidade.

Uma crítica feminista é uma abordagem analítica e interpretativa aplicada a diferentes formas de cultura, incluindo literatura, cinema, arte visual, mídia, entre outros, com base nas lentes do feminismo. Essa abordagem visa identificar, questionar e analisar as representações de gênero, as dinâmicas de poder, as desigualdades e as questões relacionadas às mulheres e ao feminino.

A crítica feminista busca examinar como as obras culturais refletem, reforçam ou desafiam as normas de gênero e as estruturas patriarcais da sociedade. Ela pode se concentrar em questões como a representação de gênero, analisar como homens e mulheres são retratados nas obras culturais, incluindo estereótipos, papéis de gênero tradicionais e subversões desses padrões. Também no empoderamento e agência feminina ao explorar como as personagens femininas são retratadas em termos de autonomia, poder e capacidade de tomar decisões em suas vidas.

Além disso, concentra-se em investigar a representação da violência de gênero, abuso, assédio e exploração nas obras culturais, bem como o impacto dessas representações na percepção pública dessas questões. Estudar como o corpo feminino é retratado, explorar questões como padrões de beleza, objetificação e a influência da cultura na construção das normas de aparência. Examinar como as identidades de gênero são construídas e desconstruídas em obras culturais, incluindo a interseção com raça, classe social, orientação sexual e outros aspectos da identidade. Questionar e subverter narrativas tradicionais que sustentam o patriarcado e propor novas formas de contar histórias que deem destaque a perspectivas femininas.

A crítica feminista não se limita a identificar problemas, também destaca exemplos positivos e empoderados, além de analisar como as mudanças culturais e sociais podem ser impulsionadas por meio da arte e da mídia. Essa abordagem promove uma compreensão mais ampla das complexidades das questões de gênero e busca contribuir para a transformação de normas e estruturas opressivas.

Showalter vai além e ressalta a importância do termo que ela mesma criou, o da ginocrítica, que segundo ela:

A ginocrítica oferece muitas oportunidades teóricas, o que não acontece com a crítica feminista. Ver os escritos femininos como assunto principal força-nos a fazer a transição súbita para um novo ponto de vantagens conceitual e a redefinir a natureza do problema teórico como qual deparamos. Não é mais o dilema ideológico de reconciliar pluralismos revisionistas, mas a questão essencial da diferença. Como podemos considerar as mulheres como grupo literário distinto? Qual é a diferença nos escritos das mulheres? (Showalter, 1994, p. 31).

Na crítica literária e teórica feminista, Showalter, cunhou o termo "ginocrítica" em seu livro *Towards a Feminist Poetics* (1981). A ginocrítica é uma abordagem crítica que se concentra na análise da literatura escrita por mulheres e busca identificar padrões, temas e características distintamente femininas nas obras literárias. A palavra "ginocrítica" combina "gino", que se refere à "mulher" ou "feminino", com "crítica", indicando uma análise crítica baseada na perspectiva de gênero.

A ginocrítica se preocupa em desafiar a tradição literária dominada por autores masculinos e em destacar as vozes e experiências das mulheres na literatura. Ela reconhece que as mulheres muitas vezes foram excluídas ou marginalizadas da canonização literária e busca reavaliar e valorizar as contribuições femininas.

Além de analisar a escrita das mulheres, a ginocrítica também explora a maneira como as obras femininas foram recebidas pela crítica literária e pelo público em geral. Ela questiona as noções tradicionais de universalidade e critica a tendência de considerar as experiências e perspectivas masculinas como normativas, enquanto as femininas são consideradas "particulares" ou "específicas".

Em suma, a ginocrítica é uma abordagem crítica que se concentra na literatura escrita por mulheres, buscando reconhecer e valorizar suas vozes únicas, bem como desafiar os preconceitos de gênero presentes na análise literária convencional. Busca-se um cânone de obras femininas que representam esse grupo,

obras escritas por mulheres, sobre mulheres, mas não exclusivamente para mulheres. Um ciclo em que o sujeito principal é a mulher.

Portanto, não devemos compreender o ser mulher como algo homogêneo, uniforme, único. Para isso, é preciso pensar nas produções escritas levando em consideração o gênero como uma ferramenta de análise. Compreendemos a produção literária feminina a partir da consideração de que homens e mulheres ocupam espaços diferentes, esta diferença é revelada nas produções artísticas e culturais. Através disso, entende-se o saber feminino acumulado sobre si mesmo e seu papel como agentes em diversas áreas, como na literatura, na ciência, história, filosofia e outras ramificações dos saberes (Cordeiro, 2019).

[...] o estudo da mulher como escritora, e seus tópicos são a história, os estilos, os temas, os gêneros e as estruturas dos escritos de mulheres; a psicodinâmica da criatividade feminina; a trajetória da carreira feminina individual ou coletiva; e a evolução e as leis de uma tradição literária de mulheres (Showalter, 1994, p. 29).

Assim, reafirmamos que a autoria feminina é de extrema relevância, pois consiste na produção de escritoras mulheres que ressaltam o rompimento com os pressupostos da sociedade patriarcal que impediam a produção feminina. Surge narrativas com personagens femininas representadas de maneiras positivas, independentes e fortes. Como é o caso da escrita de Montgomery, uma mulher que parte da sua visão de mundo, da sua realidade vivenciada, escreve uma narrativa com uma protagonista forte, inquieta, cheia de dúvidas sobre as normas que regiam a sociedade, traz reflexões importantes para seu público leitor. Como consequência, torna a autoria feminina cada vez mais significativa, pois parte da experiência feminina para trazer voz à personagens grandiosas.

A autoria feminina, ou seja, a produção escrita por mulheres, traz ênfase à voz da mulher. No campo literário, essa autoria ganha lugares possíveis para escrever sua história e trazer novas perspectivas a serem desenvolvidas pelo feminino através de suas produções.

As autoras modificam os papéis estabelecidos, buscam novos olhares para as figurações de suas personagens. Rupturas com estereótipos, inversões de papéis, valorização do feminino emergem dessas escritas em que grande parte carrega um tom feminista em sua narrativa.

Essas autoras buscavam uma mudança coletiva em prol da igualdade de

gênero que ganhava força. As mulheres estavam na luta para mudar esse cenário, como esclarece Francýlle Ribeiro da Silva e Patrícia Lopes Príncipe:

Outro dado que a autora apresenta é que enquanto em 1930 e 1940 havia, na lista de escritores consagrados, isoladas aparições de escritos femininos, nos anos de 1970 e 1980 houve uma explosão de publicações femininas. E isso se deu devido ao fato de que as escritoras da década de 70 e 80 tomaram consciência da mudança de mentalidade descortinada pelo feminismo em relação ao papel da mulher na sociedade e passaram a escrever narrativas cheias de personagens femininos, que assim como elas, eram conscientes do estado de dependência e submissão a que a ideologia patriarcal relegou a mulher. (Silva; Príncipe, 2015, p. 3).

Ainda que a explosão da autoria feminina tenha iniciado em 1930, o romance *Anne de Green Gables* foi publicado em 1908, isso demonstra o quanto Lucy Maud Montgomery já estava à frente de seu tempo, como deu voz a uma personagem feminina de maneira antecipada e evidenciou o quanto o romance estava para além do seu contexto histórico-social. Romances como esses nos fazem pensar sobre a notoriedade da crítica feminista.

A crítica feminista tem um viés mais amplo e político. Ela não se concentra apenas nas representações das mulheres na cultura ou na arte, mas também busca analisar e desafiar as estruturas de poder, desigualdades de gênero e normas sociais que sustentam a opressão das mulheres. A crítica feminista explora como as questões de gênero se entrelaçam com raça, classe social, orientação sexual e outras identidades, e como essas interseções impactam a vida das mulheres de maneira desproporcional.

Ela também questiona a construção social do gênero, o patriarcado e os sistemas de opressão que perpetuam a desigualdade de gênero. Ela se esforça para trazer à tona temas como feminicídio, assédio sexual, disparidade salarial, representatividade insuficiente das mulheres em cargos de poder, entre outros tópicos relevantes.

Em resumo, a crítica feminista é uma abordagem mais ampla e política que busca desafiar as estruturas de poder e promover a igualdade de gênero em todos os aspectos da sociedade.

Como apresentado em Showalter (1994), a crítica feminista faz relação da mulher e escrita, além disso, permite o entendimento das diferenças da mulher como escritora e sob outras circunstâncias, como: raça, classe, nacionalidade e história. Todos são determinantes que significam tanto quanto o gênero dentro da escrita. Por

consequência, ao estudar a autoria de mulheres e a cultura, deve-se ter um olhar atento sobre as múltiplas experiências desse ser no âmbito cultural como um todo. Assim, há diversos modos em que os discursos feministas são construídos dentro de uma narrativa, incluindo nas representações de personagens femininos ou masculinos (Cordeiro, 2019).

Sendo assim, algumas autoras atingirão o patriarcado de maneira mais incisiva, trazem à tona o discurso feminista de maneira explícita e clara. Entretanto, há aquelas que se utilizam de um discurso mais implícito, que está nas entrelinhas, utilizam metáforas e simbologias que de certa forma ainda questionam noções de gênero, como a desigualdade, por exemplo.

Assim, a crítica literária feminista amplia a compreensão acerca das estratégias por meio das quais as representações de gênero se relacionam, ou rompem, com valores, crenças e atitudes no cerne de uma sociedade patriarcal. Ela se ocupa, ainda, do estudo das relações de gênero no campo editorial e das diferenças dos espaços ocupados por homens e mulheres nos processos de produção literária (Cordeiro, 2019, p. 48).

Tem-se então por diversos anos poucas produções literárias femininas, raramente haviam publicações e legitimidade dos escritos de autoria feminina. Entretanto, esse cenário mudou, fazendo com que a crítica feminista consiga legitimação e ocupe um lugar significativo na história literária e na ocupação da mulher, ressignificou seu espaço, sua escrita, sua representação, seus estudos. Há uma outra representação do gênero em obras de cunhos literários.

Pensar sobre essas figurações é pertinente, pois a escrita resulta das experiências do sujeito com aquilo que o cerca. Sendo assim, as mulheres, ao terem uma outra experiência, diferente do homem, deixam fluir essas vivências em suas produções escritas. Em contrapartida, as experiências masculinas estarão possivelmente vívidas em sua produção literária.

Por muito tempo a crítica feminista focou no papel da mulher como personagem na literatura, na representação dela, negligenciando-a quanto autora. Entretanto, isso muda com a estudiosa Elaine Showalter que apontou em seu estudo, entre 1844 e 1965, em sua obra *A literature of their own* (1978), um modelo de três fases para descrever a evolução da escrita de autoria feminina na literatura britânica. Essas fases refletem as mudanças nas perspectivas, temas e abordagens das escritoras ao longo do tempo.

A primeira delas, fase feminina (Feminine), abrange a literatura escrita durante o período anterior ao século XIX, de 1844 a 1880. As autoras frequentemente escreviam em conformidade com as normas literárias e sociais da época. Elas eram influenciadas pela noção de feminilidade e frequentemente focavam em temas considerados apropriados para as mulheres, como o amor e a família. A ênfase estava na busca de uma "voz feminina" dentro das restrições da sociedade patriarcal. Consistia em escritoras que imitavam os modelos literários vigentes que eram colocados em circulação pelos escritores homens, reproduziam os atuais papéis sociais de gênero.

Segunda fase, feminista (Feminist), surgia o movimento feminista e a luta pelo direito das mulheres no final do século XIX e início do século XX, as escritoras começaram a abordar temas mais abertamente feministas. Elas exploraram questões de igualdade de gênero, direitos das mulheres, autonomia e independência. As obras nesta fase frequentemente questionavam as normas de gênero e criticavam as estruturas sociais que limitavam as oportunidades das mulheres. As autoras demonstram um período de protesto no qual as mulheres rejeitam as regras que estavam vigentes e defendem a necessidade de uma reforma social e direitos iguais. Em nível mundial havia movimentos importantes acontecendo, como o sufrágio, igualdade salarial, acesso à ensino superior, entre outros ocorridos entre 1880 e 1920.

A terceira e última é a fase da mulher (Female), essa abrange a literatura a partir dos anos 1960 até o presente, as autoras passaram a explorar uma ampla gama de temas, estilos e experiências, indo além das categorias tradicionais de "feminino" ou "feminista". Elas se engajaram em questões de identidade, diversidade, interseccionalidade e ruptura com narrativas hegemônicas. Essa fase é marcada por uma maior experimentação formal e uma conscientização das complexidades das vozes femininas, constituíram o período de uma literatura fortemente intimista, em que as autoras iniciam processos de autodescoberta no cenário literário.

Vale ressaltar que o modelo de Showalter é uma abordagem histórica e interpretativa da evolução da escrita de autoria feminina na literatura britânica, e pode não se aplicar a todas as autoras ou a todas as culturas literárias de maneira universal. No entanto, suas ideias contribuíram significativamente para a compreensão das mudanças nas vozes e perspectivas das autoras ao longo do tempo.

Sendo assim, seguindo as divisões de Showalter, pode-se dizer que o romance *Anne de Green Gables*, autoria de Lucy Maud Montgomery, enquadra-se na

segunda fase, a *feminist*. Afinal, seu contexto de escrita foi marcado por revoluções em relação ao movimento de sufrágio, igualdade política, paridade salarial, entre outras coisas.

2.5 ADAPTAÇÃO DO ROMANCE ANNE DE GREEN GABLES

Lucy Maud Montgomery é uma das autoras mais lidas do Canadá, o romance *Anne de Green Gables* tornou a personagem Anne Shirley em um ícone, permaneceu impresso por mais de um século sendo traduzido para mais de 36 idiomas e adaptado diversas vezes. As adaptações incluem filmes, minisséries e musicais. As principais foram:

Anne of Green Gables (1919) e *Anne of Green Gables* (1920): Dois filmes silenciosos foram lançados em 1919 e 1920, ambos estrelados por Mary Miles Minter como Anne Shirley.

Anne of Green Gables (1934): Um filme de drama baseado no livro foi lançado em 1934, estrelado por Dawn O'Day (nome artístico de Anne Shirley) como Anne.

Anne of Green Gables (1985): Esta minissérie de televisão canadense é uma das adaptações mais icônicas. Estrelou Megan Follows como Anne Shirley e foi altamente elogiada por sua fidelidade ao livro.

Anne of Green Gables: The Sequel (1987) e *Anne of Green Gables: The Continuing Story* (2000): Estas são as sequências da minissérie de 1985, expandindo a história da personagem Anne Shirley em outras fases de sua vida.

Anne of Green Gables: A New Beginning (2008): Este filme de televisão lançado em 2008 atua como uma prequela da história original.

Anne of Green Gables: The Animated Series (2000-2001): Uma série de desenhos animados baseada no livro foi transmitida entre 2000 e 2001, focando nas aventuras de Anne Shirley em sua infância.

Anne with an E (2017-2019): Uma série de televisão produzida pela Netflix e CBC, que moderniza e expande a história original, explorando temas contemporâneos e adicionando profundidade aos personagens.

Além dessas adaptações principais, *Anne of Green Gables* também foi adaptado para o teatro em várias ocasiões, resultando em produções teatrais que trazem a história para o palco. A história de Anne Shirley continua a cativar audiências de várias gerações e sua versatilidade a tornou uma das obras literárias mais

adaptadas e amadas ao longo dos anos.

Uma das adaptações mais populares e amplamente reconhecidas do livro *Anne of Green Gables* de Lucy Maud Montgomery é a minissérie de televisão canadense lançada em 1985. Esta versão é considerada um clássico e é frequentemente citada como a adaptação mais fiel e amada da história. A minissérie foi estrelada por Megan Follows como Anne Shirley e dirigida por Kevin Sullivan. Ela se destacou por sua fidelidade ao enredo do livro e por capturar a essência dos personagens e do cenário da Ilha do Príncipe Eduardo, no Canadá. A série foi muito bem recebida pela crítica e pelo público, ganhou uma audiência internacional e conquistou vários prêmios.

Essa adaptação é frequentemente mencionada como uma das razões pelas quais *Anne of Green Gables* permanece tão popular e querida até hoje. No entanto, é importante notar que a série *Anne with an E*, produzida pela Netflix e CBC, também ganhou uma base de fãs considerável e trouxe uma abordagem contemporânea à história, gerando seu próprio seguimento apaixonado.

Em última análise, a adaptação considerada como a “mais popular” pode variar dependendo da geração, região e preferências individuais, já que tanto a versão de 1985 quanto a série *Anne with an E* conquistaram um lugar especial nos corações dos fãs em todo o mundo.

O que não podemos negar é que a última vem chamando a atenção do público a nível mundial, levou a narrativa de Anne para lugares que antes não a conheciam. A adaptação da série canadense *Anne With an E*, foi produzida pelo canal CBC em 2017 e mundialmente disponibilizada pela Netflix. A data de lançamento foi no dia 12 de maio de 2017, a série de drama de época é baseada no livro de Lucy Maud Montgomery, contém episódios de 1 hora de duração e três temporadas com a direção de Moira Walley Beckett e estrelado por Amybeth McNulty, Lucas Jade Zumann, Aymeric Jett Montaz e R. Thomson.

Tendo como base o best-seller, as temporadas retratam diversos temas complexos, aprofundando assuntos de uma maneira mais forte que o livro. Temas esses que envolvem a adoção, o racismo, homofobia, feminismo, bullying e a composição familiar que fugia do tradicional esperado para a época.

A história da adaptação segue o recorte temporal do romance, passando-se no fim do século XIX no Canadá. Trata dos temas de maneira suave, mas ainda mais incisivo do que no romance. Traz à tona tópicos mais pesados dentro do roteiro

organizado. Há grandes diferenças entre o romance e a adaptação, pois são mídias diferentes, contextos históricos diferentes, é preciso ser mais firme e assertivo para o melhor atendimento dos telespectadores. Entretanto, a essência da obra ainda permanece.

A série foi um grande sucesso e influenciou o seu público a consumir o romance. Entretanto, tratamos um pouco mais sobre ela no terceiro capítulo deste trabalho. No próximo capítulo observamos um pouco mais a obra escrita, o romance, e como ele carrega uma crítica ao mito do eterno feminino de Simone Beauvoir.

3 ETERNO FEMININO EM ANNE

Como já mencionado no início do trabalho, um dos objetivos da pesquisa é analisar atitudes e ações feministas presentes nas obras, levando em consideração o recorte temporal em que elas foram produzidas e publicadas, e de como o romance apresenta rupturas com o mito do eterno feminino de Simone de Beauvoir.

Para desenvolver a análise utilizamos a pesquisa de Mariana Passos Ramallete e Samira da Costa Sten (2018) que trazem sua perspectiva sobre a obra em confronto com a crítica do eterno feminino.

3.1 SIMONE DE BEAUVOIR E SUA CONTRIBUIÇÃO

Simone de Beauvoir nasceu na capital da França, Paris, no ano de 1908. Terminou seus estudos de Filosofia em 1929 e em 1931 passou a dar aula na Universidade de Marseille. Beauvoir é conhecida mundialmente por ser uma mulher com pensamentos fortes e impactantes para o seu tempo. Ela foi uma filósofa, escritora e feminista francesa que teve um impacto significativo no pensamento contemporâneo e no movimento feminista. Ela é mais conhecida por seu livro *O Segundo Sexo (Le Deuxième Sexe)*, publicado em 1949, que é considerado uma obra seminal no campo da teoria feminista e da filosofia existencialista.

Beauvoir teve uma educação privilegiada. Ela se destacou na área acadêmica e tornou-se parte do círculo intelectual que incluía nomes como Jean-Paul Sartre e Albert Camus. Ela teve um relacionamento pessoal e intelectual complexo com Sartre, que também foi um influente filósofo existencialista. *O Segundo Sexo* é uma obra monumental que explora a condição das mulheres na sociedade e na cultura, aborda questões relacionadas à opressão, discriminação de gênero, papel social das mulheres e a construção social da feminilidade. Nele, Beauvoir argumentou que as mulheres historicamente foram consideradas "o outro" em relação aos homens, e a sociedade as tratava como um grupo inferior, subjugado e definido em relação aos padrões masculinos.

Além de sua influência no campo feminista, Simone de Beauvoir também escreveu romances, ensaios filosóficos e memórias. Ela abordou questões como liberdade, moralidade, ética e existencialismo em sua obra, contribuindo para debates filosóficos e políticos mais amplos.

A escrita de Beauvoir provocou discussões profundas sobre a igualdade de

gênero e a condição das mulheres na sociedade, inspirando gerações de feministas a questionarem e desafiarem as normas tradicionais de gênero. Sua influência é sentida não apenas na teoria feminista, mas também nas áreas da filosofia, literatura e pensamento crítico em geral.

Em seu estudo, Beauvoir apresenta no primeiro volume a situação da mulher na história, qual o seu papel a ser desempenhado na sociedade. A filósofa inicia com a descrição do período nômade em que as mulheres eram consideradas como um empecilho, visto que a fragilidade impedia a busca por alimentos. Mais tarde, em casa cuidavam dos trabalhos mais básicos, e com o capitalismo, surge a sociedade patriarcal, em que a mulher tem sua vida pré-determinada pelo homem.

Sendo assim, Beauvoir critica o eterno feminino, negando a “naturalidade” feminina de características determinadas pela biologia. Afinal, por muito tempo o homem buscou essa noção como justificativa para manter em seu domínio meios biológicos, psicológicos, filosóficos e antropológicos e retirou o direito da mulher (Pimenta, 2021).

A MULHER? É muito simples, dizem os amadores de fórmulas simples: é uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la. Na boca do homem o epíteto "fêmea" soa como um insulto; no entanto, ele não se envergonha de sua animalidade, sente-se, ao contrário, orgulhoso se dele dizem: "É um macho!" O termo "fêmea" é pejorativo, não porque enraíze a mulher na Natureza, mas porque a confina no seu sexo (Beauvoir, 1970, p. 25).

A obra analisa o fato da mulher ser construída e moldada sob um referencial masculino, considerado superior pela sociedade. Em contrapartida, o que era relacionado à mulher era visto como negativo. Ocorre que, para uma mulher desejar alcançar uma projeção, necessita ter incorporadas características atribuídas ao homem pela sociedade. Isso faz com que através do poder adquirido pelos homens, a mulher seja vista e construída como o Outro, historicamente.

A história mostrou-nos que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos; desde os primeiros tempos do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e foi assim que ela se constituiu concretamente como o Outro (Beauvoir, 1970, p. 207).

Simone Beauvoir explora profundamente a condição da mulher na sociedade e questiona como essas figuras foram historicamente consideradas como "o outro", ou seja, diferentes e subordinadas em relação ao homem, que foi definido como o

padrão universal. A alteridade, nesse contexto, se refere à experiência de ser tratada como diferente e externa em relação à norma masculina, leva-a a uma posição de subordinação e desigualdade.

Beauvoir argumenta que a construção cultural e social da mulher como "o outro" é uma consequência das estruturas patriarcais que relegam as mulheres a um papel secundário na sociedade. Ela explora como essa construção afeta as identidades das mulheres, suas oportunidades, suas relações e suas percepções de si mesmas. Ao dizer que a mulher é considerada como o "outro", Beauvoir destaca a maneira pela qual essas figuras foram definidas em relação à norma masculina. Na sociedade patriarcal, a norma ou o padrão foi historicamente associado ao homem, já a mulher foi relegada a uma posição secundária e subordinada. Isso significa que as mulheres foram percebidas como diferentes, alheias ao padrão masculino e frequentemente tratadas como uma categoria separada e inferior.

Portanto, para Simone de Beauvoir, a alteridade da mulher se refere ao processo pelo qual elas foram historicamente definidas como diferentes e subalternas, deste modo destaca a importância de questionar e desafiar essas construções para alcançar a igualdade de gênero e a liberdade das mulheres.

Essa perspectiva implica que a experiência e a identidade das mulheres foram moldadas em oposição à masculinidade dominante. Elas foram consideradas de maneira contrastante com os homens, muitas vezes definidas por características consideradas "não masculinas". Essa construção social de "outro" contribuiu para a subordinação, a opressão e a limitação das oportunidades das mulheres.

Portanto, ao usar a expressão "a mulher é considerada como o 'outro'", Simone de Beauvoir aponta para a construção histórica e cultural das mulheres como diferentes e subordinadas em relação aos homens. Ela examina profundamente os efeitos dessa percepção na vida das mulheres e na sociedade como um todo.

Esses efeitos surgem dos mais variados níveis através do patriarcado. Esse é um sistema social, político e cultural em que o poder e a autoridade são concentrados nas mãos dos homens em detrimento das mulheres e de outros grupos que não se encaixam nos papéis tradicionalmente associados ao gênero masculino. Esse sistema reflete uma estrutura de poder hierárquica e desigual, na qual os homens geralmente ocupam posições de liderança e influência, enquanto as mulheres têm acesso limitado a essas posições e são frequentemente subordinadas. Esse sistema influencia diversos aspectos da sociedade, como a política, a

economia, a cultura e as relações interpessoais. Nele, são atribuídos papéis específicos a homens e mulheres. Essas, muitas vezes são associadas a responsabilidades domésticas e cuidados, enquanto os homens são mais frequentemente encorajados a buscarem carreiras profissionais e assumirem posições de poder. No âmbito econômico, contribui para a disparidade salarial entre os sexos em que as mulheres muitas vezes recebem salários mais baixos, mesmo desempenhando funções semelhantes. Além de contribuir para a perpetuação da violência de gênero, violência doméstica e abuso, uma vez que essa estrutura de poder leva à crença de que os homens têm o direito de controlar e subjugar as mulheres.

Ademais, favorece restrições nas oportunidades, faz com que os sujeitos oprimidos enfrentem barreiras em termos de acesso à educação, carreira, participação política e outros campos devido às normas de gênero impostas por esse modelo. Reforça a objetificação das mulheres, são reduzidas a seus corpos e aparências, em vez de serem valorizadas por suas habilidades, intelectos e personalidades. Promove e reforça estereótipos rígidos de gênero, limita as opções e expressões individuais. Isso leva a um ambiente em que as pessoas se sintam pressionadas a se encaixarem em determinados papéis predefinidos. Silencia as vozes femininas e outras minorias de gênero, desvaloriza suas experiências e contribuições, traz a invisibilidade e silenciamento.

Vale ressaltar que a discussão sobre o patriarcado é complexa e multifacetada e os efeitos podem variar em diferentes culturas e períodos históricos. A luta por igualdade de gênero e a desconstrução do patriarcado são objetivos importantes em muitos movimentos feministas e de justiça social, bem como Simone Beauvoir já evidenciava em sua obra, alertando sobre a pertinência dessas discussões.

Segundo Beauvoir, a mulher era vista e construída pela sociedade à sombra do homem, ao ser ideal. No segundo volume de sua obra ela traz que “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (Beauvoir, 2009, p. 99). Através dessa sentença, a estudiosa demonstra que as normativas de atuação da mulher, em que o homem domina e se apodera, são aprendidas com o tempo, não são inatas ou naturais, como se perpetuou durante tanto tempo. As mulheres são socializadas em uma sociedade patriarcal desde a sua concepção no mundo, aprendendo aos poucos as maneiras de comportamentos para que sejam consideradas verdadeiramente como mulheres

(Cordeiro, 2019).

Simone ainda percebe que pode entender a condição da mulher como à sombra do homem, o feminino à sombra do masculino, uma perspectiva normalizada pela sociedade. Sendo assim, a mulher não ocupava o papel principal de sujeito, o feminino seria construído em contraponto ao masculino, ao macho, que seria a referência e base para as interpretações comportamentais concedida à fêmea.

Esse domínio masculino concede ao homem benefícios e prestígios que a mulher jamais desfrutou. Deste modo, mantém uma condição de subordinação da mesma e a supremacia do masculino, construído através de discursos enraizados na sociedade por escritores, filósofos, legisladores, sábios. Reforça ainda mais a figura feminina como o “outro”, a indefesa, desprotegida, sem voz. Impõe cada vez mais a liderança da figura masculina sob ela (Ramalhete; Sten, 2018).

A condição de subordinação feminina fez com que complicações surgissem ao decorrer da história. Envolveu situações patriarcais em que as normas, valores e estruturas de poder do patriarcado são evidentes. Isso pode se manifestar em várias áreas da vida, incluso família, trabalho, política, cultura e relações pessoais. Como, por exemplo, as desigualdades salariais, falta das divisões dos trabalhos domésticos, falta de representações em cargos de lideranças, violências de gêneros, assédios sexuais, padrões de belezas irreais, restrições aos acessos à educação, invisibilidade e até a prevalência da cultura do estupro.

Em sua obra, Simone Beauvoir mostra que a mulher sempre foi o escravo do homem, mas ao contrário de outros tipos de escravizados, ela era impedida de voltar-se contra ao seu opressor, perpetuando a sua submissão.

Mas há profundas analogias entre a situação das mulheres e a dos negros: umas e outros emancipam-se hoje de um mesmo paternalismo e a casta anteriormente dominadora quer mantê-los "em seu lugar", isto é, no lugar que escolheu para eles; em ambos os casos, ela se expande em elogios mais ou menos sinceros às virtudes do "bom negro", de alma inconsciente, infantil e alegre, do negro resignado, da mulher "realmente mulher", isto é, frívola, pueril, irresponsável, submetida ao homem. Em ambos os casos, tira seus argumentos do estado de fato que ela criou (Beauvoir, 1970, p.18).

Ela argumenta que, ao longo da história, as mulheres foram colocadas em uma posição de submissão em relação aos homens, de forma análoga à relação entre escravos e seus opressores. No entanto, havia uma diferença crucial: as mulheres eram impedidas de se rebelar ou se voltar contra seus opressores de maneira similar aos escravos. Comparar essa situação com a escravidão tinha como objetivo enfatizar

a gravidade dessa opressão e a falta de opções para as mulheres em muitas sociedades.

A ideia de que as mulheres eram "impedidas de voltar-se contra ao seu opressor" significa que, apesar de sua condição de submissão, elas não tinham a mesma capacidade ou legitimidade social para se rebelar ou contestar a estrutura patriarcal que as mantinham subjugadas. Ao contrário dos escravos que poderiam, em algumas situações, lutar por sua liberdade ou se revoltar contra seus donos, as mulheres muitas vezes eram desencorajadas ou até mesmo impossibilitadas de questionar *status quo* e buscar sua própria emancipação.

Isso destaca como Simone de Beauvoir viu as mulheres como historicamente oprimidas, compara essa opressão à relação de escravidão, mas ressalta que as mulheres eram frequentemente excluídas do direito de resistir ou confrontar seus opressores de maneira direta e eficaz.

Esse impedimento ao confronto de seu opressor ainda é notável na sociedade atual, o que resulta em casos de misoginia. Esse é um termo que se refere ao ódio, aversão, desprezo ou preconceito contra mulheres, assim como a crença na inferioridade delas em relação aos homens. É um tipo de discriminação de gênero que envolve atitudes negativas e hostis em relação às mulheres, bem como a perpetuação de estereótipos prejudiciais e ações discriminatórias baseadas no gênero.

A misoginia se manifesta de várias maneiras, desde linguagem depreciativa e objetificação do corpo feminino até discriminação no local de trabalho, violência doméstica, assédio sexual e limitação de oportunidade e direito da mulher. Também está presente em expressões culturais, midiáticas e discursos que perpetuam ideias de superioridade masculina e subordinação feminina.

É importante observar que a misoginia não é apenas uma atitude individual, mas também é institucionalizada em sistemas sociais e culturais que perpetuam desigualdades de gênero. O combate à misoginia é fundamental para promover a igualdade de gênero, garantir os direitos das mulheres e criar sociedades mais justas e inclusivas.

No século XXI, embora tenha avanços significativos em termos de igualdade de gênero e conscientização sobre questões relacionadas às mulheres, a misoginia ainda está presente em várias formas e contextos. Enquanto muitos progressos surgiram para combater a misoginia, ainda há um longo caminho a percorrer para alcançar a igualdade de gênero e erradicar atitudes e sistemas que marginalizam as

mulheres. A conscientização, a educação e o ativismo são ferramentas vitais na luta contra a misoginia no século XXI.

Quando uma mulher enfrenta a misoginia, que é o ódio, o desprezo ou o preconceito direcionado especificamente contra as mulheres, ela enfrenta várias consequências e desafios. Um deles é ser alvo de discriminação de gênero, estereótipos específicos ou preconceito que afete várias áreas de sua vida. Esses surgem em manifestações por meio de assédio verbal, emocional, psicológico ou até mesmo físico. Isso pode incluir comentários sexistas, insultos, ameaças e, em casos extremos, violência física. No ambiente de trabalho, uma mulher que confronta a misoginia encara obstáculos em sua carreira, discriminação salarial e dificuldades para ser levada a sério em posições de liderança.

Em consoante, muitas vezes as mulheres enfrentam pressão para se conformarem às normas do gênero tradicional. Desafiar o patriarcado e a misoginia significa resistir a essa pressão, o que pode ser difícil. Ademais, em meio a luta contra a misoginia surge o estresse, ansiedade, depressão e outros problemas de saúde mental devido ao constante confronto com a discriminação e o preconceito. Inclusive algumas mulheres se sentem isoladas socialmente, evitam certos grupos ou ambientes onde se sintam desconcertadas ou desrespeitadas.

Em casos mais extremos, a consequência ao se rebelar contra o patriarcado, contra a misoginia ou qualquer outra forma de repressão, é o feminicídio. Vocábulo usado para descrever o assassinato de uma mulher devido ao seu gênero. É um conceito que enfatiza que as mulheres são frequentemente alvo de homicídios simplesmente por serem mulheres, e isso está ligado a questões de discriminação de gênero e desigualdade. O feminicídio vai além do homicídio comum, pois é motivado pelo ódio, pela misoginia e pela crença na superioridade masculina sobre as mulheres.

No feminicídio, a motivação do assassinato está relacionada ao fato de uma vítima ser mulher. Isso pode incluir o desejo de controlar, dominar, humilhar ou punir a mulher por sua posição de gênero. É importante notar que o feminicídio é um problema global que afeta todas as idades, raças, classes sociais, origens e precisa ser combatido.

Destacamos que, embora enfrentar a misoginia possa ser desafiador e difícil, muitas mulheres continuam a lutar por seus direitos e pela igualdade de gênero, contribuindo para um mundo mais justo e inclusivo. Em meio a essa luta, Beauvoir analisa como as mulheres foram historicamente limitadas em suas aspirações, opções

de carreira, independência e auto realização, devido a essa visão desigual. Seu trabalho foi fundamental para expor essas desigualdades e questionar os fundamentos das estruturas patriarcais que as perpetuaram.

Simone de Beauvoir argumentou que as mulheres tinham a capacidade e o direito de se rebelar contra as estruturas opressivas e as normas patriarcais que as aprisionam, discutindo a importância da conscientização e da ação para desafiar as desigualdades de gênero. Defendeu a ideia de que as mulheres deveriam se tornar conscientes de sua situação e reconhecer que não eram destinadas a serem submissas ou definidas exclusivamente em relação aos homens. Incentivou a emancipação feminina, a busca pela independência econômica, a exploração de suas próprias paixões, suas aspirações e a rejeição dos papéis tradicionais que lhes foram impostos pela sociedade.

Ao destacar a importância da liberdade e da autenticidade individual, Beauvoir incentivou as mulheres a se rebelarem contra as restrições impostas pelo patriarcado e a se esforçarem para conquistarem uma igualdade real com os homens. Ela viu a necessidade de se envolverem em uma luta coletiva para transformar as estruturas sociais e culturais que perpetuam a desigualdade de gênero.

Portanto, Simone de Beauvoir acreditava que a rebelião das mulheres era fundamental para alcançar a igualdade de gênero e criar uma sociedade mais justa e igualitária. Ela via a conscientização e a ação das mulheres como um passo crucial para romper com os padrões opressivos e conquistar sua própria autonomia e realização.

Segundo Simone de Beauvoir, se a mulher se rebelasse contra as estruturas de opressão e desigualdade impostas pelo patriarcado, várias mudanças ocorreriam tanto em nível individual quanto em nível social. Ela via essa rebelião das como um passo essencial para alcançar a igualdade de gênero e criar uma sociedade mais justa e equitativa.

Em meio a essa rebelião, entendia-se a necessidade da ruptura com o mito do “eterno feminino”, pois a naturalidade do feminino, os padrões pré-estabelecidos pela sociedade burguesa, a padronização de comportamentos, a visão de seres passivos, dependentes, submissas, frívolas, pueris, fortaleceram o fenômeno cultural que regulava o eterno feminino (Pimenta, 2021).

Nas relações sociais ocidentais, havia a tradição cultural da construção da figura feminina como aquela que deve ser protegida pelo pai ou marido, sendo frágil,

impotente, delicada, vaidosa e submissa à figura masculina (pai, irmão mais velho ou marido). Essa tradição reforçava o mito.

A expressão “eterno feminino” traz referência a um mito. Esse cristaliza todas as ideias de feminilidade construídas através das relações sociais atreladas às experiências femininas que deixam mulher como Outro (Beauvoir, 1970). Trata-se de um conceito nascido pela hierarquia entre os sexos que estabelece a relação de poder homem- mulher, a sua condição é meramente cultural.

Nesse contexto, Beauvoir analisa como a sociedade construiu e perpetuou uma ideia estereotipada e limitada sobre o que significa ser mulher, moldando-a em torno de características tradicionalmente associadas ao feminino.

O eterno feminino é uma ideia que descreve a visão tradicional de feminilidade como algo imutável e universal. Essa noção implica que a feminilidade é algo inato e intrínseco às mulheres, independentemente de sua cultura, história ou experiência individual. Isso limita as mulheres a um conjunto restrito de qualidades, comportamentos e papéis, muitas vezes baseados em estereótipos de fragilidade, passividade, emotividade e dependência.

Beauvoir critica o mito do eterno feminino porque ele perpetua a visão de que as mulheres são definidas apenas em relação aos homens, em vez de serem vistas como indivíduos autônomos e complexos. Ela argumenta que essa noção estereotipada de feminilidade é usada para justificar a subordinação das mulheres, limitar suas oportunidades e perpetuar a desigualdade de gênero.

No livro *O Segundo Sexo*, ela desmonta essa ideia de eterno feminino, explora como a cultura, a história e as instituições sociais moldaram as percepções sobre as mulheres ao longo do tempo. Ela enfatiza a importância de reconhecer a diversidade das experiências femininas e de desafiar os estereótipos que restringem as possibilidades das mulheres.

Em resumo, o mito do eterno feminino, conforme discutido por Simone de Beauvoir, se refere à representação estereotipada e limitada das mulheres como tendo características e papéis fixos, independentemente de sua diversidade e complexidade como seres humanos individuais. É um discurso que cristaliza a mulher como dócil, gentil, submissa, que tem a obrigação de ter filhos, cuidar da casa, estar bonita, magra, imposta aos padrões de beleza e comportamentos da sociedade patriarcal, “nenhuma essência define de uma vez por todas a mulher; a ideia de um “eterno feminino” parece-lhe pedante e ridículo” (Beauvoir, 1970, p. 283).

O poder masculino sempre foi supremo, ditou e dita normas comportamentais, éticas e sociais que regem a sociedade patriarcal. Cabia a mulher tentar incansavelmente se encaixar nos normativos padrões para ser validada como tal, caso contrário, não seria feminina o suficiente para ser uma mulher. Se não houvesse o padrão exigido, elas estariam erradas, tomadas como não femininas o suficiente.

Ao fato, ao valor, à significação, à noção, à lei empírica, ele substitui uma idéia transcendente, não temporal, imutável, necessária. Essa idéia escapa a qualquer contestação porquanto se situa além do dado; é dotada de uma verdade absoluta. Assim, à existência dispersa, contingente e múltipla das mulheres, o pensamento mítico opõe o Eterno Feminino único e cristalizado; se a definição que se dá desse Eterno Feminino é contrariada pela conduta das mulheres de carne e osso, estas é que estão erradas. Declara-se que as mulheres não são femininas e não que a Feminilidade é uma entidade (Beauvoir, 1970, p. 299).

Através do ideal patriarcal do que é ser uma mulher, todas as expectativas produzidas em enunciações masculinas, suspendem a possibilidade de superação da mulher de abandonar a condição de vassala. Assim, é imposto a ela um estado de dependência emocional, social e econômica do homem de maneira fictícia. Portanto, o eterno feminino é a imposição da mulher ser “realmente uma mulher (...) frívola, pueril, irresponsável, submetida ao homem” (Beauvoir, 1970, p. 19). Exigindo uma postura mantida pelo opressor, postura essa que inferioriza a mulher e preserva os ideais da burguesia conservadora (Ramalhete; Sten, 2018).

Apesar da obra de Beauvoir ser publicada primeiramente em 1949, décadas depois da primeira publicação do romance *Anne de Green Gables*, de Lucy Maud Montgomery, a narrativa já traz noções de como o mito do eterno feminino era injusto e não cabia sua validade dentro da sociedade, deveria ser combatido.

3.2 O ROMANCE ANNE DE GREEN GABLES E A RUPTURA COM O ETERNO FEMININO

O romance *Anne de Green Gables*, de Lucy Maud Montgomery, segue a comovente história de Anne Shirley, uma jovem órfã ruivare belde que é erroneamente enviada aos irmãos Matthew e Marilla Cuthbert e é adotada a contragosto. Através das provocações e tribulações peculiares que se seguem na pacata cidade provincial de Avonlea, a história aponta para a infância, o crescimento pessoal e a experiência feminina que surge para a protagonista.

Entre essas experiências femininas, há na obra o padrão de beleza imposto pela sociedade em que era dever da mulher estar sempre arrumada e bonita. Esse, cristaliza o que é ser feminina dentro do eterno feminino. Sendo assim, uma passagem marcante na narrativa de Anne é o momento de confronto com uma vizinha bem inconveniente, Senhora Rachel, que critica a aparência física da menina.

__ Bem, não foi pela beleza que escolheram você, isso é certo e garantido __ Foi o enfático comentário da senhora Rachel Lynde. A senhora Rachel era uma daquelas pessoas populares e encantadoras que se orgulhavam de falar o que pensava sem medo ou consideração. __ Ela é terrivelmente magra e feiosa, Marilla. Venha cá, menina, e deixe-me olhar bem para você. Minha nossa, alguém já viu sardas como estas: E cabelos da cor de cenouras! Venha cá, menina, eu já disse (Montgomery, 2019, p. 75).

Segundo Ramalhete e Sten (2018), a personagem da senhora Rachel Lynde carrega um discurso forte em relação aos parâmetros de beleza impostos pela sociedade de maneira cruel, reforça que “O ideal da beleza feminina é variável; mas certas exigências permanecem constantes. Entre outras, exige-se que seu corpo ofereça as qualidades inertes e passivas de um objeto, porquanto a mulher se destina a ser possuída (Beauvoir, 1970, p. 199). Anne é criticada pela sua aparência e conhecida por seus cabelos ruivos e sardas no rosto. Na época em que a história se passou, e em nosso contexto atual, a beleza era frequentemente associada a cabelos e pele claros. Os tons de ruivo não eram apreciados, pelo contrário, sofriam com preconceitos. A escritora do romance desafia essa norma, demonstra que a beleza é encontrada em características únicas e diferentes, mas não consideradas como padrão.

Entretanto, em relação à crítica sobre sua aparência, a menina não aguenta ouvir calada e responde rispidamente:

__ Anne “foi lá”, mas não exatamente como a sra. Rachel esperava. De um salto, ela atravessou a cozinha e colocou-se diante da sra. Rachel, com o rosto rubro de raiva, os lábios trêmulos e todo o seu corpo esguio a tremer dos pés à cabeça. Odeio você – ela gritou, com voz abafada, batendo o pé no assoalho. – Odeio, odeio, odeio você – e uma batida mais forte acompanhou cada declaração de aversão. – Como ousa dizer que sou magra e feia? Como ousa dizer que sou ruiva e sardenta? Você é uma mulher rude, mal-educada e insensível! Anne! – Exclamou Marilla, consternada. Mas Anne continuou a encarar a sra. Rachel impavidamente, de cabeça erguida, olhos flamejantes e punhos cerrados, exalando nuvens de indignação (Montgomery, 2019, p. 50).

As mulheres, desde novas, são impostas a cumprirem padrões de beleza, que por sua vez, são criados por discursos e olhares masculinos. Vistas como objetos, precisam se encaixar em normas culturalmente regidas por discursos patriarcais que definem o que é ser mulher, como ser mulher, como comportar-se, vestir-se ou maquiar-se, como devem ser as curvas do corpo, as cores e volumes dos cabelos, normativas que até hoje são impostas às mulheres. Nessa passagem do romance pode-se notar fortemente a presença desse discurso, a tentativa de exclusão de Anne por não estar encaixada nas normativas do eterno feminino.

Historicamente e culturalmente os olhares masculinos são privilegiados, fazem com o que a mulher seja vista como acessório, objeto, que se sinta insegura ao não estar encaixada em padrões de beleza que são erguidos pelo critério da exclusão, evidenciando que Anne ao ser criticada pela sua aparência dá legitimidade à cobrança de padrões estéticos (Ramallete; Sten, 2019). Esse padrão de beleza refere-se às características físicas e traços que uma sociedade ou cultura considera ideais ou desejáveis em mulheres, pode variar significativamente de uma cultura para a outra e ao longo do tempo, reflete as normas e valores específicos de determinado período histórico. Padrões esses que muitas vezes são irreais, promovem princípios que são extremamente difíceis ou impossíveis de alcançar para a maioria das pessoas, cria-se imagens que não representam a diversidade real dos corpos femininos.

Entretanto, a protagonista não tem uma postura passiva, ela quebra com o comportamento “dócil e aceitável” de mulher submissa e expõe os seus sentimentos, repreende o comentário da senhora Rachel. O trecho demonstra que a personagem é corajosa, possui uma autodefesa e critica a imposição de uma ideia que somente décadas depois foi nomeada.

Essa questão com a aparência não só é registrada nessa passagem já citada, mas em diversas outras. Esse episódio ficou tão marcado para a protagonista no decorrer de sua história que ela utiliza da religião para buscar ajuda.

Pai Celestial cheio de graça, vos agradeço pela Trilha Branca das Delícias e pelo Lago das Águas Cintilantes e por Bonny e pela Rainha das Neves. De fato, sou extremamente grata por eles. E essas são todas as bênçãos que me ocorrem agora para agradecer ao Senhor. Quanto às coisas que eu desejo, são tão numerosas que eu demoraria muito tempo para dizer todas; então, vou mencionar apenas as duas mais importantes. Por favor, permita que eu fique em Green Gables; e por favor, permita que eu seja bonita quando crescer.

Sem mais, Com respeito,
Anne Shirley (Montgomery, 2019, p. 62).

Neste fragmento percebemos que Anne deseja adequar-se aos padrões estabelecidos de beleza, entretanto, há uma certa ironia na oração. Inicialmente pela tentativa de enquadrar a protagonista à doutrina religiosa imposta por sua tutora e pela comunidade, mas que felizmente saiu pela culatra. Afinal, a menina agradece por seres imaginários, alguns criados por ela mesma, ora por utilizar o vocativo de “Pai Celestial”, ora por utilizar-se da estrutura de uma carta e não de uma oração, ora por despedir-se com “com respeito” ao invés de “amém”. Evidencia-se que a tentativa de encaixar Anne no ideal de uma mulher cristã apegada à religião não foi bem-sucedida (Ramallete; Sten, 2018).

Assim, mesmo que haja uma tentativa de adequar a protagonista à lógica da docilidade e da subserviência, ou seja, à doutrinação cristã imposta por Marilla e pela comunidade local de Avonlea, há certo tom de ironia no tratamento dado ao “Pai celestial”, como se este fosse apenas um destinatário de uma carta corriqueira (Ramallete; Sten, 2018, p. 437).

A relação entre a igreja e o patriarcado, especialmente no que diz respeito à subjugação das mulheres, é um tema que abrange séculos de história e várias tradições religiosas. É importante notar que nem todas as igrejas ou tradições religiosas contribuíram da mesma forma para a repressão das mulheres e há variações significativas ao longo do tempo e entre diferentes culturas e denominações religiosas.

No entanto, é possível identificar algumas maneiras pelas quais a igreja, em certos contextos, contribuiu para a manutenção do patriarcado e a repressão das mulheres. Muitas religiões têm textos sagrados que são interpretados de maneira a legitimar a subordinação das mulheres. Por exemplo, em algumas tradições cristãs, a interpretação de passagens bíblicas, como aquelas que falam da submissão da mulher ao homem, são usadas para justificar papéis de gênero rígidos e a desigualdade.

Além disso, mulheres foram historicamente excluídas de cargos de liderança religiosa, como o sacerdócio ou o pastorado. Essa exclusão contribuiu para a perpetuação de hierarquias de gênero nas comunidades religiosas. Também promulgaram ensinamentos que restringem a sexualidade das mulheres, promovem

a castidade e a submissão sexual ao marido como virtudes. Isso contribui para uma cultura que reprime a liberdade sexual das mulheres.

Muitas igrejas tradicionalmente ensinam e promovem papéis de gênero estreitos, nos quais as mulheres são vistas como cuidadoras, esposas e mães, enquanto os homens são considerados líderes e provedores. Isso limita as oportunidades e a liberdade das mulheres de seguir suas próprias aspirações.

Em *O Calibã e a Bruxa*, Federici analisa o papel da Igreja Católica na Europa medieval, especificamente durante a época da caça às bruxas que ocorreu nos séculos XVI e XVII. Ela argumenta que a Igreja desempenhou um papel central na repressão das mulheres através da perseguição às bruxas e da promoção de uma ideologia patriarcal.

Não pode haver dúvidas, então, de que a caça às bruxas foi uma iniciativa política de grande importância. Reforçar este ponto não significa minimizar o papel da Igreja Católica teve na perseguição. A Igreja Católica forneceu o arcabouço metafísico e ideológico para a caça às bruxas e estimulou a perseguição a elas, da mesma forma que anteriormente havia estimulado a perseguição aos hereges. [...] sem os séculos de campanhas misóginas da Igreja contra as mulheres, a caça às bruxas não teria sido possível (Federici, 2004, p. 307).

É importante observar que o livro de Federici é uma análise crítica da história, ela argumenta que a Igreja desempenhou um papel significativo na repressão das mulheres ao longo da história europeia, especialmente durante o período da caça às bruxas. Entretanto, é evidente que a igreja teve, e tem, um papel regulador em relação à repressão de mulheres em contexto bem amplo, principalmente aquelas que tentavam se rebelar. “Como era de costume, uma das armas usadas foi insinuar que as mulheres independentes demais, que não obedeciam a seus maridos, eram criaturas do demônio” (Federici, 2004, p. 204).

Além da religião utilizada para regular o comportamento da mulher, há na narrativa algumas passagens que perpetuam o discurso de quais seriam os papéis a serem cumpridos por um ser feminino. Como, por exemplo, em um trecho que Marilla desejava devolver Anne, devido ao engano do orfanato, e havia uma mulher disposta a ficar com a menina. Entretanto, ficaria com a condição de não só criar a garota, mas que ela cumprisse com papéis estabelecidos para as mulheres: cuidar do lar e de crianças.

“Aff! Você não parece ser lá grande coisa. Mas é magra e vigorosa. Não sei o motivo, mas as magras e vigorosas são sempre as melhores no fim das contas. Bem, se eu lhe adotar, você vai ter de se comportar bem, sabe, sendo boa, esperta e respeitosa. Esperarei que você trabalhe duro em troca do seu sustento, não se engane quanto a isso. Sim, presumo que seja melhor que eu a tire de suas mãos, senhorita Cuthbert. Meu bebê anda terrivelmente irritadiço, e estou exausta de cuidar dele. Se a senhorita quiser, posso levá-la para casa agora mesmo (Montgomery, 2019, p. 56).”

Nesse fragmento evidencia-se que o esperado para uma mulher dentro do eterno feminino é um comportamento submisso. Que ela trabalhe em casa, realize todos os afazeres domésticos sozinha em troca de ser alimentada e ter o básico para a sobrevivência. Além do mais, cuidar de crianças, sendo seus filhos, sobrinhos, irmãos ou sem parentesco.

A construção da desvalorização do trabalho feminino é oriunda da transição do feudalismo para o capitalismo. A autora Silvia Federici (2004) afirma que o sistema capitalista historicamente desvalorizou o trabalho realizado pelas mulheres de várias maneiras, e isso desempenhou um papel significativo na subjugação das mulheres.

Federici destaca que o trabalho de reprodução, que inclui tarefas como cuidar de crianças, idosos, do lar e das atividades relacionadas à subsistência familiar, frequentemente realizado por mulheres, historicamente não foi reconhecido como trabalho válido e, portanto, não foi remunerado. Isso contribuiu para a invisibilidade e desvalorização do trabalho das mulheres.

Sobre esta base, foi possível impor uma nova divisão sexual do trabalho, que diferenciou não somente as tarefas que as mulheres e os homens deveriam realizar, como também suas experiências, suas vidas, sua relação com o capital e com outros setores da classe trabalhadora. Deste modo, assim como a divisão internacional do trabalho, a divisão sexual foi, sobretudo, uma relação de poder, uma divisão sexual foi, sobretudo, uma relação de poder, uma divisão dentro da força de trabalho, ao mesmo tempo que um imenso impulso à acumulação capitalista (Federici, 2004, p. 213).

Segundo a autora, o sistema capitalista, ao desvalorizar o trabalho doméstico e de cuidado, pôde se apropriar dele sem pagar salários às mulheres. Isso ajudou a sustentar o sistema capitalista, uma vez que permitiu que os trabalhadores masculinos fossem liberados para trabalhar nas fábricas e ganhar salários, enquanto as mulheres continuavam a realizar o trabalho doméstico sem remuneração.

Conforme defendi, a diferença de poder entre mulheres e homens e o ocultamento do trabalho não remunerado das mulheres por trás do disfarce da inferioridade natural permitiu ao capitalismo ampliar imensamente “a parte não remunerada do dia de trabalho” e usar o salário (masculino) para

acumular trabalho feminino. Em muitos casos, serviram também para desviar o antagonismo de classe para antagonismo entre homens e mulheres. Dessa forma, a acumulação primitiva foi, sobretudo, uma acumulação de diferença, desigualdade, hierarquias e divisões que separaram os trabalhadores entre si e, inclusive, alienaram a eles mesmos (Federici, 2004, p. 213-214).

Federici ainda analisa que a misoginia, o ódio e desrespeito pelas mulheres, desempenhou um papel fundamental na desvalorização do trabalho feminino. A ideologia patriarcal associou as mulheres à fraqueza, inferioridade e irracionalidade. Isso serviu para justificar sua exploração e exclusão de muitos setores da sociedade.

No contexto geral de sua análise, Federici aponta que a luta das mulheres pelo reconhecimento e valorização de seu trabalho foi e continua sendo fundamental para a busca da igualdade de gênero e da justiça social. Ela também argumenta que a batalha das mulheres pela autonomia reprodutiva e pela valorização do trabalho reprodutivo é uma parte crucial da luta mais ampla contra o capitalismo e a opressão patriarcal.

Essa desvalorização do trabalho feminino é evidenciada na obra em que lemos. Na narrativa, Marilla não deixa que isso ocorra com Anne, ela não entrega a menina. Afinal, tinha consciência de como seria infeliz a vida da pobre garota nas mãos daquela família. A tutora tinha planos melhores para ela que não incluíam ficar sem estudos, longe da escola, trancada em uma casa servindo de empregada para outros. Marilla acreditava na ruptura desse discurso e que Anne poderia ser e ter muito mais. Claro que no decorrer da história a Anne ajuda com afazeres domésticos, entretanto, ela também brincava, lia, estudava, passeava, mantinha amizades, algo que certamente não ocorreria caso fosse entregue para outra família. O próximo trecho que contribui para nossa análise ocorre na escola em que

Anne frequenta, ela é uma das melhores alunas entre meninos e meninas. Em sua sala, há um colega chamado Gilbert Blythe que tenta chamar a atenção da garota a qualquer custo. Sem sucesso, sendo ignorado pela protagonista, ele apela para o bullying a fim de finalmente atrair os olhares dela.

Gilbert Blythe não estava acostumado a se dar o trabalho de fazer com que uma garota olhasse para ele e fracassar nisso. Ela deveria olhar para ele, aquela tal de Shirley, ruiva e com o queixinho pontudo e os olhos grandes que não eram como os olhos de nenhuma outra garota na escola de Avonlea. Gilbert estendeu o braço, pegou a ponta da longa trança vermelha de Anne, segurou-a bem alto, e disse em um sussurro bem agudo:

—Cenouras! Cenouras!

Então, Anne lançou um olhar fulminante para ele!

Ela fez mais do que olhar. Levantou-se com um pulo, pois seus devaneios

vívidos haviam sido completamente arruinados. Ela lançou um olhar de indignação para Gilbert com olhos cuja centelha de raiva foi rapidamente apagada por lágrimas de semelhante raiva.

“Seu garoto mau e detestável!” exclamou ela intensamente. “Como ousa?! É então... pou! Anne batera com sua lousa na cabeça de Gilbert e a quebrara, a lousa, e não a cabeça, ao meio (Montgomery, 2019, p. 125).

Apesar de não justificarmos o uso da violência, temos aqui uma personagem que refuta o estereótipo de mulher frágil e impotente que não sabe como se defender. Extingue a ideia de necessitar de uma figura masculina para a sua proteção e defesa. Anne tem um comportamento que está longe do esperado para uma dama ou uma princesa, um comportamento estabelecido como “feminino e adequado”. Logo, nega mais uma característica do eterno feminino. Além disso, analisamos como uso da autodefesa é fundamental para a construção de uma personagem feminina forte.

Ela é humana, com temperamento forte, aparentemente impaciente e descontrolada. Mas a análise desse trecho caminha para a demonstração da autodefesa, rompendo com o discurso estereotipado de que a mulher, neste caso menina, é frágil (Ramallete; Sten, 2018).

Outro aspecto notado nessa passagem é o machismo no comportamento do personagem Gilbert ao não aceitar uma menina que possui intelecto comparado ou até maior que o dele, e o pior de tudo, ser ignorado por ela. Ele encara como uma afronta, partindo para a ofensa a fim de ofuscar e ultrajar a protagonista. É um despeito para ele ser menosprezado pela garota, parte então para atitudes ofensivas como tentativa de ofuscar Anne. Atitudes machistas como essas são mais comuns do que imaginamos, homens que tentam desvalidar a competência de uma mulher pelo fato de sentirem-se ameaçados em seu espaço de domínio (Ramallete; Sten, 2018).

Homens tiram proveito da alteridade feminina, em muitos casos são machistas e não aceitam que as mulheres podem superá-los, serem melhores que eles.

Para todos os que sofrem de complexo de inferioridade, há nisso um linimento milagroso: ninguém é mais arrogante em relação às mulheres, mais agressivo ou desdenhoso do que o homem que duvida de sua virilidade. Os que não se intimidam com seu semelhante mostram-se também muito mais dispostos a reconhecer na mulher um semelhante (Beauvoir, 1979, p. 19).

Sendo assim, Anne está em frequente luta contra as normas arbitrárias que tentam encaixá-la em comportamentos pré-estabelecidos. Entretanto, sua personalidade forte não a deixa desanimar, sua autodefesa é grande, ela é uma

personagem feminina forte.

Reconhecemos que essa obra apresenta diversas contribuições e traz implicações importantes para a sociedade de hoje. Primeiro, Anne atua com uma postura que manifesta um protofeminismo⁵ no livro em que analisamos. Ela rejeita explicitamente a objetificação e fetichização de meninas jovens, é capaz de criar espaço para si mesma e outras jovens mulheres crescerem e aprenderem.

Anne é uma menina com infinidade de características em sua identidade, como a sua inteligência excepcional, empatia, competitividade, sororidade. Ela tem definitivamente um forte senso do que é ser mulher no Canadá conservador e protestante do século XIX. Os leitores da obra conseguem perceber que há uma Anne que rejeita certas ideias da sociedade protestante, enquanto as mulheres do século XIX ocupavam posições diferentes do que homens, ela usava sua identidade para redefinir os papéis dela e de outras meninas em relação aos garotos.

A protagonista desenvolve pensamentos que buscam rejeitar alguns estigmas machistas e reflete sobre a sua condição no papel feminino. Essas reflexões configuraram um pensamento protofeminista no cenário que ela vivenciava, Anne Shirley utilizava sua individualidade para rejeitar estereótipos do que era ser uma garota, manifestava ideias feministas antes mesmo desse termo existir. Por isso, ela desenvolve o protofeminismo, ou seja, apresenta pensamentos que questionam a condição da mulher antes do termo feminismo existir.

Ao decorrer da narrativa, evidenciamos também como o relacionamento de Anne com Marilla e Matthew Cuthbert comprova que há uma necessidade de a sociedade dar legitimidade às crianças e às experiências genuínas que elas enfrentam, transformando ideias de infância, feminino e família.

É preciso um olhar sobre a criança e a infância em que suas experiências sejam ouvidas e levadas em consideração. Com Anne Shirley, a sua experiência como uma menina órfã a fez explorar e descobrir a sua identidade de maneira única, coisa que outras crianças de Avonlea não fizeram de tal maneira. Anne cria uma identidade forte e enraizada na construção de sua autoagência e autodeterminação.

⁵ Protofeminismo é um termo retirado do trabalho de Miriam Roma García intitulado "Protofeminismo y masonaría, factores influyentes en la España Contemporánea (1868-1900)". A autora declara: "el protofeminismo, entendido como aquellas primeras voces críticas que cuestionaron la situación de dependencia y analfabetismo de las mujeres en general" (García, 2018, p.01). Sendo assim, neste trabalho, entendemos como vozes que questionaram a situação da mulher em geral antes do termo "feminismo" existir.

Consideramos autoagência uma medida subjetiva que determina se o indivíduo tem controle sobre si mesmo, sua mente e corpo. No decorrer da narrativa, a protagonista do romance aos poucos tem controle sobre aquilo que deseja para a sua vida, deixa de tentar mudar seu corpo, entende que o abandono do ideal feminino é um processo necessário. Cria-se então, um controle maior sobre ela mesma e um amadurecimento que é evidenciado por outras personagens na história.

Crianças sentem, pensam, questionam, refletem, têm opiniões, mas raramente têm voz perante aos adultos e suas angústias não são ouvidas. A legitimidade da experiência da criança é prejudicada pelas atitudes de adultos, não são levadas em consideração por virem de seres pequenos em formação. Mas não estaremos todos nós em constante formação?

Não ao menos tentar compreender os sentimentos e angústias das crianças é menosprezar a sua individualidade, como, por exemplo, a clássica frase: “engole o choro”. Dita muitas vezes por pessoas que consideram as experiências da infância como besteiras, coisas irrelevantes, mas que contribuem para o crescimento de traumas aflorados no período adulto, deslegitima assim, a experiência da infância como um todo.

— Pois é mesmo — disse Marilla — e agora ela é mais séria e responsável. Eu costumava ter medo de que ela jamais superasse seus modos disparatados, mas os superou, e agora eu não teria medo de confiar qualquer coisa a ela.
— Jamais pensei que ela acabaria tão bem assim naquela primeira vez que estive aqui faz três anos — disse a senhora Rachel. — Sinceramente, jamais me esquecerei daquele escândalo que ela deu! Quando voltei para casa naquela noite, disse ao Thomas: “Grave minhas palavras, Thomas, Marilla Cuthbert vai viver para amargar a decisão que tomou”. Mas eu estava errada, e fico muito contente por isso (...) não havia modo de decifrá-la seguindo regras que se aplicam às outras crianças (Montgomery, 2009, p. 270-271).

Percebemos que as personagens notam o desenvolvimento de Anne, algo que reafirma sua determinação e gerência pessoal.

Ainda ao decorrer da história em análise, Marilla apresenta fortes ideais protestantes em torno da criança. Isso aos poucos foi complementado por fatores externos da pequena comunidade de Avonlea, contribuiu para o ambiente geral da província tradicional e religiosa. Entretanto, a personalidade de Anne fez com houvesse um diálogo social sobre infância. Ao final, a maior parte dos adultos lembram do valor intrínseco em se ter imaginação, honestidade e explorar a si mesmo.

Aos poucos, os sentimentos de Anne começam a ser validados por Marilla e Matthew, sua experiência têm importância, entendem suas emoções afloradas e os

desejos mais íntimos que a menina almejava, sem deslegitimar o seu ser e seus sentimentos. Ela não tem medo de expressar seus pensamentos para aqueles que possuem opiniões diferentes das suas, não tem medo de manifestar uma opinião que contradiz a da maioria. Quaisquer que sejam seus pensamentos, eles são apresentados em relação aos dos outros.

Dentro da escrita literária, mulheres são constantemente estereotipadas. Frank Taylor, em seu estudo de estereótipos de gênero em livros infantis, listou como alguns estereótipos os traços femininos característicos como um ser passivo, orientado ao espaço interior, ao doméstico, um ser seguidor do líder masculino, ser que não demonstra interesse na carreira (Skarzycka, 2014). No entanto, a nossa heroína Anne não é assim em *Anne de Green Gables*, nossa personagem rompe com esse eterno feminino, pois não possui a aparência ideal regida pela sociedade, tem ideias próprias, não tem habilidades típicas da mulher considerada ideal, não há nada que se espera de uma menina daquela época.

Anne Shirley não é uma menina típica de seu tempo, não contém as habilidades básicas tradicionalmente ligadas à feminilidade ocidental, ela é diferente. Inicialmente não sabe cozinhar, limpar, fazer de si e de seu ambiente bonito, ser uma boa cristã protestante, deixa seu espírito competitivo fluir e compete com sucesso com os colegas do sexo masculino, além de possuir traços considerados de “moleques”. Entretanto, há outras personagens femininas que representam estereótipos mais visíveis sobre a representação da mulher na cultura e literatura ocidental (Skarzycka, 2014).

Uma das personagens que representam esses estereótipos é Ruby, pois se enquadra na perspectiva idealizada da mulher no século XIX. Ela é bonita, popular, simpática, dócil e fofa, itens que ainda são levados em consideração no século XXI para a criação de estereótipos. Suas características físicas são ressaltadas, é vista como linda, com longos cabelos dourados, além de sentimental e de dar muita importância em ser popular entre os meninos. Essa personagem não desenvolve nada mais do que isso, ser bonita e gostar de garotos, não tem ambições, não é inteligente, apresenta somente a essência do que é terrestre e nada mais para além da vida na Terra. Aparentemente há uma crítica a essas personagens superficiais que oferecem somente sua aparência, isso é presente tanto agora quanto quando Montgomery escrevia seus livros (Skarzycka, 2014).

Ao compararmos as personagens Ruby e Anne, o primeiro fator é a aparência

incomum da protagonista ruiva, com suas sardas, extremamente fora dos padrões da virada do século, muito magra para ser tradicionalmente considerada bonita. No primeiro livro da série, que está em análise neste trabalho, Anne é consciente de que não se parecia com as demais garotas, causando sentimentos de insuficiência, mexendo com o seu psicológico. Muitas vezes ela tenta mudar sua aparência, como no episódio em que pinta o cabelo na tentativa de se encaixar nos padrões da sociedade.

_Olhe só para o meu cabelo, Marilla- sussurrou ela.

Portanto, Marilla ergueu sua vela e olhou detidamente para o cabelo e Anne, que cujas mechas grandes desciam pelas costas dela. Ele de fato tinha uma aparência estranha.

_Anne Shirley, o que você fez com seu cabelo? Ora, ele está verde! (...)

_Sim, está verde – gemeu Anne. – E eu achava que nada poderia ser pior do que cabelos vermelhos. Mas agora sei que é dez vezes pior ter os cabelos verdes. Oh, Marilla, você mal sabe como estou completamente infeliz.

(...)

_Pintei ele.

_Pintou?! Pintou seu cabelo?! Anne Shirley, você não sabia que isso era uma coisa péssima de se fazer? (Montgomery, 2019, p. 253).

Nessa passagem evidenciamos que não há rompimento com o eterno feminino, visto que Anne tingiu os cabelos ruivos com tinta preta na tentativa de se encaixar nos padrões estéticos pré-estabelecidos pela comunidade de Avonlea.

Segundo Cordeiro (2018), em sua tese de doutorado intitulada *Feminismo e gênero: a literatura juvenil escrita por mulheres (1979-1984)*, o enfrentamento aos papéis de gênero pode ser posto como uma problemática mesmo quando a personagem não quebra com o patriarcado.

O enfrentamento aos papéis sociais de gênero é feito de maneiras diversificadas nas narrativas. De qualquer modo, em todas elas as relações de gênero são postas como problemáticas entre personagens femininos e masculinos, mesmo quando as personagens não rompem com o patriarcado e não há uma emancipação da mulher. Pautamo-nos no gênero como categoria de análise para auscultar as maneiras por meio das quais as masculinidades e as feminilidades vão se desconstruindo, dando vazão às outras formas de existir, fundamentadas, além de, em uma lógica menos patriarcal, mais plural e menos limitativa, mas, sim, como alguém dona de sua própria história que não precisa estar atrelada a figura do outro para significar (Cordeiro, 2018, p. 162).

Sendo assim, mesmo a protagonista sucumbindo à busca pela estética idealizada, não rompendo com o eterno feminino e o patriarcado, o texto de

Montgomery nos traz uma reflexão do quanto isso é prejudicial à Anne. Evidencia que a busca pelo ideal feminino é nociva, prejudicial e injusta. Todas as críticas referentes à aparência da protagonista, suas tentativas de se enquadrar, sua baixa autoestima, demonstram certamente uma crítica da autora sobre o como a sociedade cobra tanto da figura da menina e da mulher.

Apesar de sofrer em alguns episódios com a sua aparência não aceita, a sua impopularidade entre os meninos não a atinge, pois, não há interesse nisso. Inclusive considera como bobo o fato de escreverem em um quadro os nomes de meninas e meninos juntos que estariam apaixonados.

Mas acho que escrever avisos na parede sobre meninos e meninas é a maior bobeira que há. Queria ver alguém ter a ousadia de escrever o meu nome junto com o de algum garoto. Mas é claro – acrescenta ela rapidamente – que ninguém faria isso (Montgomery, 2019, p. 122).
(...)E odeio Charlie Sloane, não suporto meninos de olhar embasbacado. Se alguém escrevesse o meu nome junto com o dele, eu jamais superaria isso, Diana Barry. Mas é bom ser a melhor aluna da classe (Montgomery, 2019, p. 123).

A necessidade de se ter o nome feminino escrito junto ao masculino no quadro diz respeito a como as únicas e poucas expectativas de muitas meninas da classe da Anne era de apenas arrumar um casamento. Afinal, era essa a perspectiva de vida para uma mulher, casar-se, cuidar do lar, da família e dos filhos, ideia que persiste em grandes casos da nossa atualidade. A imaginação das garotas era voltada aos garotos, com um ideal romântico de construir uma família tradicional do patriarcado.

Essa preocupação com casamento, formação de família, namoricos e paqueras não interessavam à Anne. Ela tinha ambições que ultrapassaram a construção de uma família, pensamentos que rodeavam outras esferas da vida que não fossem namoros.

Segundo Beauvoir, quando a mulher consegue escolher o seu destino e enfim ter sua liberdade em relação ao masculino, ela ainda terá mais empecilhos e dificuldades do que o homem. Isso se dá devido ao fato da sociedade e família não favorecerem a ideia de que a felicidade pode estar além do matrimônio. As regras ditam que para ser uma mulher de sucesso pessoal, é preciso ter formado uma família, não ter ficado para “titia”. Infelizmente isso é um discurso que se mantém presente na atualidade.

Mas Anne rompe com esse estigma, ela é ciente que o casamento não é a

fórmula exclusiva para o alcance de grandes realizações sociais. Assim, nossa protagonista rompe novamente com aquilo que é visto como necessário para a mulher, quebra mais um mito do eterno feminino. Ao levar em consideração o ano de publicação da obra, a autora não deixa essa lição de maneira explícita, mas a entendemos nas atitudes e reflexões de Anne.

Na personagem principal há mais do que aparência atípica, mas sucesso acadêmico, o gosto pela literatura, uma imaginação infinita e uma alma empática que conquista o público aos poucos. O gosto de Anne pelos estudos alimenta ainda mais sua paixão pelo mundo, pela vida, pelas possibilidades em sempre ter algo a mais para ser descoberto, ela dialoga com a vida. Muitas vezes utiliza-se de monólogos e não há respostas, mas ela é encantada pelas perguntas.

Uma das consequências da orientação dialógica de Anne para a realidade, no entanto, é que a maioria de suas ideias permanece sem solução. Ela é uma personagem dinâmica em parte porque seu pensamento fornece mais perguntas do que respostas. Refletindo sobre suas muitas perguntas não respondidas, ela comenta: Não é esplêndido pensar em todas as coisas que há para descobrir? Isso me deixa feliz por estar vivo, é um mundo tão interessante. Não seria tão interessante se soubéssemos tudo sobre tudo, não é? Não haveria espaço para a imaginação então, haveria? ⁶(Tulloch, 2020, p. 06, *tradução minha*).

Em sua mente há mais espaço para a imaginação, ativa novas ideias que se estendem além de seus pensamentos e experiências, é considerada como uma artista de ideias.

A órfã é uma artista da ideia porque reconhece que sua consciência é produto dos muitos diálogos que acontecem no mundo que habita. Assim como Anne não seria tão interessante se não possuísse tantos eus, o mundo não seria tão interessante se não possuísse tantas ideias diferentes. Esta frase recorrente estabelece um paralelo entre Anne e o mundo que ela representa. O mundo, como Anne, é interessante porque é complexo de uma forma que estimula o aprendizado e a descoberta contínua. Anne acha interessante porque, como artista, ela possui uma postura receptiva a novas e diferentes formas de pensamento⁷ (Tulloch, 2020, p. 06, *tradução minha*).

⁶ One of the consequences of Anne's dialogic orientation to reality, however, is that most of her ideas remain unresolved. She is a dynamic character partly because her thinking supplies more questions than it does answers. Pondering her many unanswered questions, she remarks: "Isn't it splendid to think of all the things there are to find out about? It just makes me feel glad to be alive—it's such an interesting world. It wouldn't be half so interesting if we knew all about everything, would it? There'd be no scope for imagination then, would there?" (Tulloch, 2020, p. 06).

⁷ The orphan is an artist of the idea because she recognizes that her consciousness is the product of the many dialogues taking place in the world she inhabits. Just as Anne "wouldn't be half so interesting" if she did not possess as many selves, so the world "wouldn't be half so interesting" if it did not possess so many different ideas. This recurring phrase sets up a parallel between Anne and the world she represents. The world, like Anne, is "interesting" because it is complex in a way that prompts continuous learning and discovery. Anne finds it interesting because, as an artist, she possesses a

Essa imaginação dialógica justifica a sua infinitude como personagem literária e sua importância para a cultura canadense, estendendo-a para abranger novas ideias, uma personagem inacabada que estará aberta às mudanças, está em constante construção, aprende cada vez mais, questiona a sua realidade (Tulloch, 2020).

A imaginação dialógica de Anne, é claro, está diretamente relacionada ao seu amor pela linguagem, que é agravado por seu amor pela literatura. Anne, observa Robinson, literalmente reescreve seu mundo por meio de suas imaginações diárias e nomeação de coisas motivadas por sua leitura excessiva⁸ (Tulloch, 2020, p. 07, *tradução minha*).

Mesmo com uma força de ideias implacáveis, ela mantém os leitores através de perguntas, não importando onde a imaginação a leve, provavelmente os conduzirá de maneiras interessantes. Seu interesse pelo mundo e pelo conhecimento trazem questões a serem refletidas e consideradas por seus leitores. Muitas vezes essas características de Anne a fazem ser vista com maus olhos, é considerada um pouco maluca ao sair com tantas perguntas, imaginação fértil e conversas com o seu interior.

As garotinhas de Avonlea já tinham ouvido histórias estranhas sobre Anne. A senhora Lynde disse que ela tinha um temperamento horrível; Jerry Buote, o menino contratado para trabalhar em Green Gables, disse que ela falava sozinha o tempo todo, ou falava com árvores, como uma menina louca. Elas olharam para Anne e cochicharam umas com as outras por trás de seus livros com as lições da escola dominical. Ninguém se aproximou dela para tentar fazer amizade, nem naquela hora, nem mais tarde, depois que terminaram os exercícios da abertura, e Anne se viu na aula da senhorita Rogerson (Montgomery, 2019, p. 90-91).

Além de sua imaginação fértil, Anne é apaixonada pelo ato da leitura, algo de fundamental importância para sua vida, é o que auxilia seus pensamentos, ajuda na criação de seus próprios mundos, em sua perspectiva de vida, como percebe e reconstrói a sua realidade através de sua imaginação. No trecho a seguir evidenciamos a paixão da protagonista pela leitura.

— Oh, eu sei o que ela veio dizer. Eu ia lhe contar, Marilla, pode acreditar, mas esqueci. Ontem de tarde, a srta. Stacy me pegou lendo Ben Hur na escola, quando eu devia estar estudando minha história do Canadá. Foi Jane

receptive stance toward new and different forms of thought (Tulloch, 2020, p. 06).

⁸ Anne's dialogic imagination, of course, is directly related to her love of language, which is compounded by her love of literature. "Anne," Robinson observes, "literally rewrites her world through her daily imaginings and naming of things motivated by her excessive reading." (Tulloch, 2020, p. 7).

Andrews quem me emprestou o livro. Eu o estava lendo na hora do almoço, e estava justamente no pedaço da corrida de brigas quando os alunos voltaram para a sala de aula. Teria sido uma loucura ficar sem saber como a corrida terminou – mesmo se eu tivesse certeza de que Ben Hur ganharia, porque não seria uma justiça poética se não ganhasse –, então abri o livro de História em cima da tampa da carteira e enfiei Ben Hur entre a carteira e meus joelhos. Parecia que eu estava estudando a história do Canadá, sabe, enquanto eu estava me deleitando com Ben Hur o tempo todo. Eu estava tão interessada no livro que nem percebi quando a srta. Stacy se aproximou entre as carteiras até que, de repente, levantei os olhos e lá estava ela olhando para mim, de um modo tão repreensivo. Você não imagina como fiquei envergonhada, Marilla, principalmente quando ouvi as risadinhas de Josie Pye. A srta. Stacy não disse uma única palavra, mas levou Ben Hur com ela (Montgomery, 2019, p. 261- 262).

A protagonista constrói uma excelente relação com a literatura, apesar de ser censurada por não estar em um momento adequado para a realização da leitura de um romance. A autora utiliza não só de Ben Hur, mas cita outros mais escritores, mostra o amplo repertório de Anne Shirley, representa uma personagem que valoriza características que não estão no âmbito físico. “Uma evidência de que, para a contestação de tantas nuances do eterno feminino, que subjuga mulheres mundo afora, a perspicácia e a inteligência são fatores muito mais importantes que a aparência física” (Ramallete; Sten, 2018, p. 440).

Na sequência da narrativa, Marilla repreende Anne.

—A senhorita Stacy jamais falou sobre isso comigo, Anne, e o único problema com você é a sua consciência pesada. Você não tem nada que ficar lendo livros de ficção na escola. De todo o modo, você lê romances demais. Quando eu era menina, não tinha permissão sequer para olhar para um romance (Montgomery, 2019, p. 262).

Percebemos que a protagonista já rompe com mais estigmas e tem ações que outras mulheres não poderiam ter, que é o caso de ler romances, algo que Marilla não pôde realizar por algum motivo circundado por justificativas patriarcais. Muitos jovens são subestimados em relação à leitura, assim como as mulheres eram subestimadas em relação ao intelecto e produção científica significativa para a sociedade, mas Anne Shirley demonstra como ela é capaz de superar.

Além do amor pela leitura e sua extrema inteligência, Anne não parava por aí, ela colocava no papel, sendo autora. Assim, surge o Clube de Histórias composto somente por meninas.

—Acabei de pensar em um plano, Diana. Nós duas podemos fazer um clube de contos só nosso, e escrever histórias para praticar. Ajudarei você até que você consiga escrever sozinha as suas histórias. Você deveria cultivar sua

imaginação, sabe. É o que diz a senhorita Stacy. Só que temos que tomar o rumo certo. contei a ela sobre a Mata Assombrada, mas ela me disse que tomamos o rumo errado com essa história.

E foi assim que o clube dos contos passou a existir. A princípio estava limitado a Diana e Anne, mas logo passou a incluir Jane Andrews e Ruby Gilis e mais uma ou duas meninas que achavam que suas imaginações deveriam ser cultivadas. Era proibida a entrada de meninos, apesar de Ruby Gillis ter opinado que a entrada deles tornaria tudo mais emocionante, e cada membro tinha que escrever uma história por semana (Montgomery, 2019, p. 229-230).

A fundação desse clube de histórias é instigante, principalmente por proibir a entrada de figuras masculinas. Anne cria um espaço somente para meninas, um território para que cada uma tenha a oportunidade da criação, da escrita, da produção com viés literário. Essa passagem da narrativa demonstra que a autora do livro incentiva a produção de autoria feminina, assim como a sua personagem. Pensando no contexto histórico em que a obra é publicada, a escrita de autoria feminina não era tão ampla, mas ainda assim, Montgomery incentiva esse espaço, demonstra como sua personagem quebra com ideais do eterno feminino, mostra que a mulher deve ter seu espaço dentro da escrita e ser respeitada neste meio.

Através das milhões de possibilidades que a literatura proporciona, as meninas do clube teriam experiências que jamais tiveram, tudo através da leitura e o que ela abrange.

Trata-se de um clube que demonstra a criatividade, a inventividade e o poder questionador de meninas fomentado pela leitura. Questionador de preceitos, normas e de verdades tão engenhosamente pré-estabelecidas. Conforme Chatagnier (apud Cabral e Díaz, 2014, p. 19) “[...] as meninas devem ser mais fracas, passivas e dependentes, pois desde pequenas são mantidas em casa, presas àquilo que é doméstico, ao passo que os meninos se aventuram no ambiente externo”. No entanto, Anne Shirley, conforme pode ser observado, não se mostra disposta a fazer concessões a certas regras. O livro de Lucy Maud Montgomery, ao atribuir à figura intrépida da personagem Anne uma conduta não condescendente, em um contexto ainda marcadamente patriarcal, desnuda discursos machistas e falocêntricos, que insistem impor à mulher um comportamento subserviente (Ramalhete; Sten, 2018, p. 441).

Apesar da ousadia em criar um clube de histórias, Anne é repreendida por tal façanha. Na parte seguinte da narrativa, ela explica como funciona seu clube, mas Marilla profere um comentário sarcástico e repressor.

– É extremamente interessante – disse Anne para Marilla. – Cada menina tem que ler sua história em voz alta, e depois a discutimos. [...] Cada uma escreve sob um pseudônimo. Mine é Rosamond Montmorency. Nós todas escrevemos muito bem. Ruby Gillis é um pouco sentimental. Ela coloca beijos e abraços demais nas suas histórias, e você sabe que demais é pior do que muito pouco. Jane nunca coloca beijos e abraços porque se sentiria ridícula

demais quando tivesse de ler em voz alta. As histórias de Jane são extremamente sensatas. E Diana coloca assassinatos demais nas dela. Ela diz que não sabe o que fazer com as pessoas a maior parte do tempo, então as mata para livrar-se delas. Geralmente preciso dizer o assunto sobre o qual terão de escrever, mas isso não é difícil porque eu tenho milhões de ideias. _Acho que esse negócio de escrever histórias é a maior bobagem de todas até agora – zombou Marilla. – Vocês vão encher suas cabeças de disparates, e perder tempo que deveria ser gasto estudando as lições da escola. Ler histórias já é ruim o bastante, mas escrevê-la é pior ainda (Montgomery, 2019, p. 230).

Na crítica de Marilla evidenciamos uma noção do senso comum que insiste em dizer que a leitura literária é uma bobagem, que enche a cabeça com coisas sem importância, escrevê-las então seria o ápice da tolice. Porém, a narrativa demonstra através de várias passagens o quanto é válida e importante o gosto pela literatura (Ramalhete; Sten, 2018).

O Clube de histórias fundado por Anne, fora dos cerceamentos do contexto escolar, é ousado, uma vez que proíbe a entrada de meninos e subverte a normatividade da supremacia adulta na criação literária. Trata-se de um clube que demonstra a criatividade, a inventividade e o poder questionador de meninas fomentado pela leitura. Questionador de preceitos, normas e de verdades tão engenhosamente pré-estabelecidas (Ramalhete; Sten, 2018, p. 441).

Anne é uma pessoa própria. Ela não é a garota ideal da era vitoriana, mas valorizava as pequenas coisas. Gostava de ler e aspirava a se encaixar com outras garotas de sua idade. Mas Anne prova que nunca teve que escolher. Ela pode desejar por belos vestidos enquanto permanece no topo de sua classe. Ela desafia as normas tradicionais, afirma repetidamente que pode fazer qualquer coisa, independentemente de seu gênero. Anne incentiva todos ao seu redor a fazer o mesmo, e é por isso que sua personagem inspirou as mulheres a se libertarem dos papéis tradicionais de gênero.

A história de Anne foi publicada há mais de cem anos durante o início da primeira onda do feminismo. Há muito a aprender com a corajosa heroína ruiva de Lucy Maud Montgomery que conquistou tudo com esperança e perseverança. A recusa consistente de Anne em ser limitada por seu gênero é uma qualidade atemporal, atingiu um acorde com as leitoras do sexo feminino, mesmo que elas estivessem a um século de diferença.

O romance se destaca por sua protagonista e a forma como a história aborda questões que rompem com o mito do eterno feminino. Anne o quebra porque é uma personagem feminina independente, inteligente e cheia de imaginação. Ela desafia os

estereótipos de gênero da época ao ser uma jovem que busca educação, expressa suas opiniões e aspira a alcançar seus sonhos. Não se encaixa no papel tradicional de mulher subserviente e passiva. Além disso, o livro destaca a importância da amizade entre mulheres, principalmente a relação entre Anne e sua amiga Diana Barry. Essa amizade é valorizada e retratada como uma fonte de apoio emocional e crescimento mútuo, contraria a ideia de que as mulheres deveriam se ver como rivais e alimentar a rivalidade feminina.

Há quebra do mito quando questiona convenções sociais ligadas ao patriarcado, como a pressão para que Anne se case e se encaixe em papéis femininos pré-determinados. Anne resiste a essas pressões e busca um caminho que esteja alinhado com suas próprias aspirações e desejos. Ademais, a valorização da educação feminina é validada com a personagem ávida por sabedoria e conhecimento, desafiando a ideia de que as figuras femininas eram destinadas apenas a serem donas de casa. A obra promove um debate sobre a importância da educação para as mulheres através da capacitação e crescimento pessoal da protagonista.

Em consoante, uma atenção especial à Marilla Cuthbert, guardiã de Anne, que desafia os papéis de gênero tradicionais da época, pois é uma mulher solteira que administra a fazenda e a casa de Green Gables com habilidade. A série de livros explora sua capacidade de tomar decisões e ser independente, mostra que as mulheres podem ter papéis ativos e responsáveis.

No geral, *Anne de Green Gables* rompe com o mito do eterno feminino ao criar personagens femininas complexas e independentes, ao desafiar normas de gênero e ao abordar temas de empoderamento feminino e igualdade de oportunidades. A história continua a ser celebrada por sua representação progressista e inspiradora de mulheres em uma época em que as expectativas de gênero eram mais restritivas.

Em suma, opondo-se à condição do eterno feminino e a comportamentos que negam o que é instituído pela sociedade, o livro fortalece ainda mais a história e as conquistas de todas as mulheres em todos esses anos de revolução e luta pela igualdade de gêneros.

Ademais, Lucy Maud Montgomery, a autora do livro *Anne de Green Gables*, viveu no final do século XIX e início do século XX, uma época em que o feminismo estava por emergir como um movimento. Embora o termo "feminismo" tenha tomado formas variadas ao longo do tempo, é importante notar que as ideias e crenças de

uma pessoa podem ser influenciadas por contextos históricos, culturais e pessoais.

Maud Montgomery não se identificou explicitamente como feminista em sua escrita ou em declarações públicas, pois essa expressão não era utilizada na época.

No entanto, alguns aspectos de sua vida e trabalho sugerem afinidades com ideias feministas.

A autora criou personagens femininas que desafiam os estereótipos de gênero da época. Embora o foco principal de suas histórias fosse a vida das personagens, Maud Montgomery abordou temas de igualdade de oportunidades e questionou as restrições tradicionais impostas às mulheres. Suas obras frequentemente exploravam a vida rural e as interações sociais, abordava temas relacionados à educação, casamento, papéis de gênero e independência. Sendo assim, tanto a obra quanto a autora assumem um posicionamento político ao trazer reflexões sobre os temas já citados anteriormente, apresentam características de um movimento que somente anos depois é nomeado.

No entanto, é fundamental lembrar que os ideais que a autora apresentava não eram tão assertivos em comparação com os conceitos atuais. O feminismo moderno abrange uma variedade de abordagens e questões que podem não ser diretamente aplicáveis a uma autora do início do século XX, mas afirmamos que há elementos consideráveis. Afinal, Maud Montgomery pode não ter sido uma feminista nos moldes contemporâneos, mas ela criou personagens e histórias que ecoam temas de igualdade e empoderamento feminino e influenciou a maneira como as mulheres são retratadas na literatura até hoje.

Ao fim de nossa análise, confirmamos que a obra rompe com o mito do eterno feminino, mas para que esse mito seja quebrado na vida das mulheres reais, é preciso ter conscientização sobre a construção social e histórica da feminilidade. A educação sobre como as normas de gênero são construídas e perpetuadas ajuda as pessoas a reconhecerem a artificialidade dessas ideias e a entenderem que as características não são inerentemente ligadas ao gênero.

Encorajar o questionamento dos padrões tradicionais de feminilidade envolve analisar de forma crítica os estereótipos de gênero e desafiá-los. Ampliar a representação das mulheres na mídia, na cultura popular e em outras áreas ajuda a mostrar a diversidade das experiências femininas. Capacitar as mulheres a tomarem suas próprias decisões e seguirem seus interesses individuais é essencial, é preciso permitir que as mulheres definam seu próprio caminho ao invés de serem definidas

por expectativas externas.

Garantir igualdade de oportunidades para mulheres em todos os aspectos da vida, incluindo educação, trabalho e liderança, é fundamental. Isso pode desafiar a ideia de que as mulheres são limitadas a certos papéis. Fomentar conversas e discussões abertas sobre questões de gênero, abrangendo os mitos associados à feminilidade, leva a uma maior compreensão e conscientização. Desafiar os padrões tradicionais de gênero, que são frequentemente binários e restritivos, é uma forma importante de superar o mito do eterno feminino. Capacitar as mulheres a ocuparem espaços em que tradicionalmente foram sub-representadas, como campos STEM (ciência, tecnologia, engenharia e matemática) e posições de liderança, é uma maneira de desafiar a visão estreita do que as mulheres podem ser. assíduo

A luta contínua por igualdade de gênero, que envolve a promoção de políticas inclusivas e a desconstrução das estruturas patriarcais, é uma abordagem de longo prazo para superar a influência do mito do eterno feminino. É algo que requer um esforço assíduo para reconhecer e desafiar as normas e estereótipos de gênero que limitam as mulheres. Isso envolve mudanças culturais, educacionais e institucionais que promovam a igualdade e a diversidade de experiências femininas.

A ruptura com o mito do eterno feminino em nossa realidade traria perspectivas esperançosas para as mulheres, levaria à conquista de maior autonomia e liberdade individual. Isso significa que não seríamos mais limitadas pelos papéis tradicionais e estereótipos de gênero, permitindo-nos explorar nossas próprias aspirações, carreiras e interesses. Além disso, transformaria as relações de gênero, em que homens e mulheres compartilhariam mais igualmente as responsabilidades e tomariam decisões de maneira conjunta, equilíbrio baseado no respeito mútuo e na colaboração.

Esse rompimento também contribuiria para a desconstrução das estruturas patriarcais que perpetuam a desigualdade de gênero, rejeitaria as normas e valores que mantêm as mulheres em uma posição de subordinação, bem como a busca por mudanças institucionais e culturais mais amplas. O aumento da busca por igualdade de oportunidades em todos os aspectos da vida, incluindo educação, trabalho, política e participação social, resultaria em políticas e práticas que garantam que as mulheres tenham as mesmas oportunidades que os homens.

Ademais, poderia desencadear uma mudança social e cultural mais ampla, na qual as normas de gênero e os estereótipos seriam questionados e redefinidos, levaria

à uma sociedade mais inclusiva e diversificada, onde as mulheres são vistas como indivíduos completos, não limitados por sua identidade de gênero.

Essa ruptura poderia resultar em uma série de mudanças positivas, desafiaria as estruturas patriarcais e permitiria que as mulheres alcançassem uma posição de igualdade e autonomia na sociedade. A obra traz profundos questionamentos que fazem com que seus leitores enxerguem essas possibilidades na vida real.

Essas e outras mais reflexões alcançam os leitores à medida que entendem a história de Anne, um romance de grande sucesso, pois a personagem principal é uma figura cativante e envolvente. Sua imaginação vívida, personalidade vibrante e suas lutas na vida formam um protagonismo que atrai a simpatia do público. A história aborda temas universais, como amadurecimento, identidade, amor e pertencimentos, temas que ressoam com públicos de todas as idades e origens. A ambientação da história na ficção, Avonlea na Ilha do Príncipe Eduardo, é descrita de maneira rica e encantadora, um cenário pitoresco e a vida na comunidade atrai o público. Desde o lançamento do romance em 1908, *Anne de Green Gables* é uma história amada por leitores de todas as idades. A popularidade do livro criou um interesse contínuo em trazer a história às telas.

Sendo assim, há uma rica história de adaptações em vários formatos de mídia ao longo dos anos. A primeira adaptação cinematográfica da história de Anne foi um filme mudo lançado em 1919. Dirigido por William Desmond Taylor, esse filme trouxe a personagem para as telas do cinema pela primeira vez.

Há uma série de televisão canadense em preto e branco que foi produzida em 1952. Essa trouxe a história de Anne para a televisão e apresentou Margot Kidder em seu primeiro papel de destaque como Anne.

Bem como uma série de anime japonesa chamada *Akage no An* que foi lançada em 1979, adaptando a história de Anne para uma audiência japonesa. Foi um sucesso significativo e continua sendo apreciado no Japão. Entretanto, uma das adaptações mais conhecidas é uma série de televisão canadense de 1985, estrelada por Megan Follows como Anne. Esta série, que incluiu várias sequências, é considerada uma das adaptações mais fiéis e populares da obra original.

Mas os modelos não consistem somente em séries, há também uma animação canadense chamada *Anne: The Animated Series*, lançada em 2001, destinada principalmente ao público infantil.

A mais moderna adaptação de hoje é a Netflix quem produziu. *Anne with an*

E, feita em 2017, atualiza a história de Anne para abordar questões sociais contemporâneas, além de explorar mais profundamente o passado traumático da personagem. A série teve uma base de fãs dedicados, mas foi cancelada em 2020 após três temporadas.

Essas são apenas algumas das muitas adaptações de *Anne de Green Gables*. A história continua a atrair interesse devido à sua personagem cativante, ambientação encantadora e temas universais. Cada adaptação oferece uma interpretação única da história, atraindo diferentes públicos ao longo das décadas. Em nosso próximo capítulo falamos sobre uma dessas adaptações, *Anne With an E*, quais suas contribuições para o público contemporâneo e aspectos feministas apresentados pelo seu enredo.

4 ANNE WITH AN E

Anne with an E é a adaptação em série canadense produzida pelo canal CBC em 2017 e mundialmente disponibilizada pela Netflix, seu lançamento foi no dia 12 de maio de 2017. A série de drama de época é baseada no livro de Lucy Maud Montgomery, contém episódios de 1 hora de duração e três temporadas com a direção de Moira Walley-Beckett.

A diretora Moira Walley-Beckett nasceu em 29 de maio de 1961, é atriz, produtora e roteirista canadense. Conhecida e aclamada por suas produções, Moira escreveu e produziu o drama *Breaking Bad* e criou duas séries televisivas, *Flesh and Bone* e *Anne with an E*. Pelo seu primeiro trabalho ganhou três prêmios *Emmy do Primetime*, três *Writes Guild of America Awards*, dois *Producers Guild of America Awards*, um Globo de Ouro e um *Peabody*.

No ano de 2016 anunciaram que ela criaria, escreveria e produziria uma série baseada no clássico da literatura juvenil, *Anne de Green Gables* (1908), para a CBC do Canadá. Em seguida, a Netflix iniciou a distribuição da série a nível mundial, que estreou em 19 de março de 2017 na CBC e em 13 de maio internacionalmente. Em três de agosto do mesmo ano foi renovada para mais uma temporada, já a terceira temporada foi renovada para outono de 2018. Entretanto, o cancelamento da série foi anunciado pela CBC e Netflix em 2019, levando uma onda de indignação de vários fãs.

É importante destacar a relevância em haver uma mulher como diretora, pois assim como é fundamental a autoria feminina dentro da literatura, faz-se necessário que o espaço de produção, escrita e direção cinematográfica também seja ocupado por uma mulher. Sendo assim, um alguém com propriedade para representar da melhor maneira as críticas e reflexões acerca do patriarcalismo e das normas vigentes da sociedade canadense no século XX.

A série é estrelada por Amybeth McNulty, atriz irlandesa-canadense nascida em 07 de novembro de 2001. Ela ganhou reconhecimento e prestígio ao protagonizar a personagem de Anne Shirley, traz os traços descritos na narrativa, com cabelos ruivos, sardas no rosto, olhos claros e personalidade forte e intrigante.

Outros atores que participam da série são Lucas Jade Zumann, norte-americano que interpreta Gilbert Blythe, Dalila Bela como a melhor amiga Diana, R. Thomson no papel de Matthew e Geraldine James que dá vida à Marilla.

O enredo da série inicia basicamente como a obra original, com os irmãos Cuthbert adotando um menino para auxiliar nas atividades da fazenda, visto que, já estavam ficando velhos e nenhum tinha filhos. Porém, recebem Anne, uma menina que passou por diversos lares adotivos e estava feliz em encontrar finalmente uma família.

O cenário é o mesmo do romance, na província da Ilha do Príncipe Eduardo, no Canadá. As gravações ocorreram na terra natal de Lucy Montgomery, lugar rural e com belas paisagens. Os episódios da série intercalam sobre o presente e o passado de Anne, como também sobre a vida dos demais habitantes de Avonlea. Os demais espaços em que as gravações foram realizadas dividem-se em Ontario.

Na ilha, as cenas gravadas mostram lindas paisagens, como o campo, os desfiladeiros e o mar. São locais em que a autora viveu, o mesmo escolhido para a sua personagem fictícia, isso aumenta a verossimilhança da adaptação.

A fazenda Green Gables de fato existe na Ilha de Príncipe Eduardo, mas as gravações da série se deram em uma reprodução da mesma em Pickering, Ontario.

Ambos os lugares recebem atualmente turistas que são apaixonados pela história da protagonista.

O enredo traz seus tutores com características distintas, Matthew mais tímido e humilde, Marilla mais rígida e que impõe ordem. Além disso, a trama demonstra como a vida dos irmãos é balanceada por Anne, uma menina que tem imaginação e criatividade sem limites, apaixonada por literatura, que vê o lado bom da vida apesar de tudo o que já viveu.

A produção televisiva teve mais tempo para o aprofundamento de alguns personagens e realizou algumas mudanças em relação à obra original. Os episódios são longos e profundos, desenrolam a história com calma e introduzem novas perspectivas que são necessárias para o público atual.

A série ganhou popularidade por várias razões, por exemplo, a fidelidade à fonte primária. Ela mantém a essência da história original enquanto adiciona profundidade aos personagens e explora temas contemporâneos relevantes, tornando-a atraente tanto para os fãs do livro quanto para o televisivo. Há personagens cativantes, pois a protagonista, Anne Shirley, é uma jovem órfã cheia de imaginação e criatividade. Seu otimismo e perseverança diante das adversidades a tornam uma personagem carismática com a qual muitos espectadores podem se identificar. Ademais, aborda temas universais, como amizade, família, amor, aceitação

e identidade. Essas temáticas ressoam com uma ampla gama de espectadores, independentemente de sua idade ou contexto cultural.

Anne with an E também explora questões contemporâneas como o feminismo, diversidade, bullying e demais problemas sociais. Adiciona camadas de complexidade à trama e a torna mais relevante para o público atual. Aprofunda a construção dos personagens secundários e suas histórias pessoais, cria conexões emocionais mais fortes com o público e agrega profundidade à trama.

O cenário é fiel à obra, pois é ambientada na bela Ilha do Príncipe Eduardo, no Canadá, e apresenta paisagens deslumbrantes que atraem espectadores em busca de uma experiência visual envolvente. Além disso, oferece produção cinematográfica de alta qualidade, incluindo cenários bem elaborados, figurinos autênticos e uma trilha sonora envolvente que contribui para uma experiência imersiva.

Todos esses aspectos trouxeram engajamento nas redes sociais e gerou uma comunidade ativa de fãs em que os espectadores compartilham suas opiniões, teorias e paixão pela história. Esse movimento auxiliou o aumento da visibilidade da série, tornando-a um fenômeno. No entanto, vale ressaltar que o sucesso de uma série pode ser subjetivo e varia de pessoa para pessoa. Enquanto muitos apreciam os aspectos mencionados acima, outras podem ter gostos diferentes e não se sentem tão atraídas por esse produto cultural. Mas o que afirmamos é que, sem dúvidas, essa adaptação fez, e faz, muito sucesso e é querida pelos seus fãs.

4.1 ANÁLISE DA SÉRIE ANNE WITH AN E

Anne with an E é uma série de televisão baseada no romance de Lucy Maud Montgomery, mas também assume algumas abordagens modernas e expande a história original de maneira significativa em comparação ao livro.

A adaptação mantém a essência da história original, mas também levanta temas mais contemporâneos e relevantes, como feminismo, diversidade, racismo, bullying, trauma e questões LGBTQIA+. Essa abordagem moderna permite que a série explore questões sociais e culturais que ressoam mais com o público atual. Aprofunda o desenvolvimento dos personagens tanto dos protagonistas quanto os secundários. Isso traz uma dimensão mais rica aos relacionamentos e motivações dos sujeitos fictícios e favorece para a complexidade da trama e aprofundamento

emocional.

A série também oferece um retrato mais sombrio e realista da época em que a história se passa, destaca os desafios e as injustiças enfrentadas pelas pessoas naquele período, como a discriminação racial e a desigualdade de gênero. Expande o enredo em certas áreas ao introduzir personagens e subtramas adicionais que não estavam presentes no livro original. Essa estratégia oferece novas perspectivas e reviravoltas para os espectadores familiarizados com a história, além de explorar as emoções e os traumas dos personagens de maneira mais profunda, abordando temas como o passado de Anne em orfanatos e as cicatrizes emocionais que ela carrega.

Portanto, embora *Anne with an E* seja baseada no romance original, ela adota uma abordagem moderna ao expandir e explorar temas e questões relevantes para o público contemporâneo. Essas diferenças são percebidas tanto por fãs do livro quanto por novos espectadores, além de gerar opiniões diversas entre os admiradores da história clássica.

Os temas abordados estão centrados em desconforto com o corpo relacionado aos padrões de estética e beleza, ao matrimônio na vida da mulher, aos estudos e conquistas individuais, além da sororidade. Mas trata ainda de assuntos mais incisivos e importantes, por exemplo racismo, machismo, feminismo, escravidão e papéis a serem cumpridos pela mulher. Para além disso, conquista o público com lições importantes sobre empatia, compaixão e amor.

Depois de encontrar um novo lar em que tinha carinho e amor, a protagonista precisa enfrentar outros desafios, o preconceito da sociedade, os julgamentos, olhares e comentários maldosos de crianças e adultos, conflitos de classes e ainda seus traumas acarretados ao longo dos anos.

Anne encontra uma família não tradicional e que foge aos moldes da época. Ela vivencia diferentes descobertas e traz críticas à sociedade através de situações em que se encontram a hipocrisia, o preconceito e a distorção da moralidade.

Assim como na narrativa, Anne é constantemente julgada por sua aparência, por não estar encaixada nos padrões de beleza rígidos e tracionais da época. Esse, é explorado de várias maneiras para destacar sua natureza arbitrária e prejudicial. Afinal, ela é uma jovem com sardas e cabelos ruivos, algo que não atendia aos padrões do contexto histórico. Ela frequentemente enfrenta zombarias e preconceitos devido à sua aparência, o que leva a desenvolver uma autoestima frágil, focando em como a sociedade julga as pessoas com base em sua aparência e como esses

padrões afetam a autoimagem de alguém.

Em um momento de desespero e na tentativa de finalmente se enquadrar aos padrões de beleza exigidos pela sociedade, Anne tinge seu cabelo de preto para ser mais bonita, mas acaba ficando verde. Deste modo, estraga não só a cor do seu cabelo como o deixa quebradiço e ressecado. Anne entra em crise de choro e precisa cortar todo seu comprimento.

Essas passagens da série mostram o quão cruel é o estabelecimento do padrão de beleza a ser seguido por todas as mulheres. Estereótipos são criados e exigidos, dificultando ainda mais a aceitação do corpo feminino da maneira natural que deve ser. Anne sucumbi à tentativa de alcançar um ideal, mas paga um alto preço. A reflexão que atinge o telespectador neste momento é de extrema relevância, pois sentimos a dor de uma menina ao tentar mudar a si mesma para ser aceita.

Todavia, após a protagonista superar esse episódio, a série se concentra em evidenciar a sua inteligência, imaginação e personalidade cativante como suas características mais importantes. Anne ensina aos espectadores que a verdadeira beleza está além da aparência física.

Na adaptação cinematográfica esse aspecto não somente é enfrentado por Anne, mas por outras personagens também. Como no quinto episódio da segunda temporada em que uma colega de classe está em seu quarto à noite, sua mãe prende seus cabelos em tiras e os enrola. A menina reclama que machuca e pergunta se seria tão terrível assim ficar sem cachos por um dia. A mãe repreende falando: “Beleza é poder, querida. Sabe disso, não sabe?”.

Nesta afirmação citada, notamos como a aparência cobra um alto custo das mulheres e que várias se submetem a situações desagradáveis em nome do estereótipo. Entretanto, isso não se estende unicamente à Anne ou à sua colega de classe, mas há outras meninas e mulheres da série e da vida real.

A melhor amiga de Anne, Diana Barry, é retratada como uma garota de beleza tradicional, mas na trama é explorado as pressões e expectativas que ela enfrenta por causa de sua aparência. Isso destaca como os padrões de beleza são uma fonte de estresse e insegurança para as pessoas que aparentemente se encontram neles, além de como essa pressão pode ser prejudicial para sua autoestima e bem-estar emocional.

A adaptação também mostra como esse padrão é influenciado pela cor da pele, pois evidencia alguns episódios em que os personagens Bash e Mary, membros da

comunidade negra da série, enfrentam situações de preconceito e racismo. Afinal, eles enfrentam a discriminação racial baseada em sua aparência e origem.

A personagem Rachel Lynde também é utilizada para tratar sobre esse tema. Ela é uma moradora da cidade que frequentemente faz comentários críticos sobre a aparência dos outros, essas cenas evidenciam como os padrões de beleza podem ser perpetuados por meio de julgamentos e fofocas.

A série apresenta personagens com diferentes tipos de corpo e questões relacionadas à autoaceitação e à pressão social para atender a determinados padrões corporais. Entretanto, com suas mensagens, a trama enfatiza a importância do empoderamento feminino e da igualdade de gênero, destaca que as mulheres não devem ser definidas por sua aparência, mas por suas habilidades e personalidades.

No geral, oferece uma visão crítica dos padrões de beleza tradicionais e promove a ideia de que a verdadeira beleza está na diversidade, na individualidade e nas qualidades interiores das pessoas. Enfatiza o empoderamento feminino e a importância de as mulheres se definirem por suas habilidades, ambições e valores, em vez de se conformar com os padrões impostos pela sociedade. A série incentiva os espectadores a questionarem e desafiar as normas convencionais, promove a acessibilidade de si mesmo e dos outros. Explora o padrão de beleza de maneira crítica, destaca como ele é injusto, limitante e prejudicial para a autoestima das pessoas, divulga a mensagem de que a verdadeira beleza está na diversidade, individualidade e caráter ao invés de conformidade com as normas estéticas impostas.

Entretanto, a série aborda algo a mais que o livro no caso da beleza, as vestimentas das mulheres. Elas eram obrigadas a usarem vestidos ou saias que cobrissem o corpo todo, considerado algo apropriado para uma mulher de honra. As mangas ditadas pela moda eram bufantes, com tecidos caros, Anne não tinha condições de ter vestidos tão refinados e acabava sofrendo preconceito com isso.

Contudo, o foco principal não é o fato dela ter dinheiro para comprar vestidos bonitos, mas sim como qualquer outra roupa que destoasse daquilo que era considerável aceitável causava um grande tumulto. O padrão de vestimenta das mulheres é criticado de várias maneiras para destacar as restrições e expectativas impostas às mulheres da época em que eram frequentemente limitadas em suas escolhas de roupas e tinham que seguir as convenções da sociedade, julgamentos parecidos são encontrados no século XXI também.

A adaptação retrata mulheres usando roupas da época que incluíam

espartilhos, saias longas e volumosas, entre outros itens de vestuário desconfortáveis e restritivos. Essas roupas eram consideradas exclusivas para as mulheres de honra da sociedade, mas eram desconfortáveis e limitantes. Através da vestimenta, ilustra-se como elas eram obrigadas a permanecerem com roupas que limitavam seus movimentos e sua liberdade. Isso é particularmente evidente em cenas em que as personagens femininas usam espartilhos apertados que dificultam a respiração e a mobilidade.

No entanto, há algumas personagens femininas desafiam os padrões de vestimenta da época. Anne Shirley, por exemplo, é conhecida por seu estilo de vestir único e criativo que muitas vezes difere das convenções da sociedade. Isso a coloca em conflito com as expectativas sociais, mas também a define como uma personagem independente e autoexpressiva. Outrossim, enfatiza a importância de ser autêntica e se expressar livremente, mesmo diante das expectativas sociais. Outros mais encontram maneiras de se destacarem e sentirem conforto em suas roupas, à medida que aprendem a se valorizar por quem são, ao invés de se conformarem com os padrões impostos.

Há críticas ao padrão de vestimenta das mulheres ao mostrar como as roupas da época eram restritivas e opressivas, além de como alguns personagens desafiavam essas normas para se expressarem livremente e afirmarem sua individualidade.

Um exemplo de quebra de estereótipos relacionados à beleza e vestimenta é o desenvolvimento da personagem Miss Stacy, também conhecida como Srta. Stacy. Ela rompe com o padrão de beleza da sociedade da época de várias maneiras, principalmente por meio de sua personalidade, comportamento e atitude em relação às convenções sociais. Ela desafia as expectativas de uma mulher na sociedade do final do século XIX de várias maneiras. Com a chegada da professora, a comunidade entra em choque e sofre alterações com uma mulher que tinha a ousadia de vestir calças, é até considerada uma extrema ofensa para a comunidade de Avonlea que era conservadora.

Ela é uma professora, solteira e independente, o que já era uma escolha não convencional para uma mulher naquele contexto. Ela não se casou e não se conformou com o papel tradicional de esposa e mãe. Em vez disso, optou por seguir uma carreira como educadora dedicada e apaixonada que valoriza a aprendizagem e o intelecto. Não se preocupa com a superficialidade ou aparência, mas sim com o

crescimento intelectual e emocional de seus alunos. Pelo contrário, incentiva-os, incluindo Anne, a questionar, explorar e buscar conhecimento, independentemente de seu gênero.

Miss Stacy promove a independência de pensamento entre seus alunos e os incentiva a formar suas próprias opiniões e perspectivas. Encorajou Anne e outros a serem críticos e a questionarem as normas da sociedade da época, incluindo os padrões de beleza estabelecidos. Valoriza a individualidade e as diferenças entre seus alunos, não julga as pessoas com base em sua aparência ou conformidade com os padrões de beleza, mas sim pelo conteúdo de seu caráter e suas qualidades pessoais. Também enfrenta o sexismo e o preconceito de gênero que eram predominantes na sociedade de Avonlea. A professora defende a igualdade de gênero e a capacidade das mulheres de serem bem-sucedidas em carreiras acadêmicas, intelectuais e profissionais, desafia as normas da sociedade.

Em resumo, Miss Stacy é uma personagem que rompe com o padrão de beleza da sociedade ao se destacar como uma mulher independente, intelectual e progressista. Ela representa valores como igualdade, educação e individualidade, opõe-se às normas de gênero e as expectativas sociais do final do século XIX. Sua personagem é um exemplo de uma série de questões relacionadas à igualdade de gênero e ao empoderamento feminino.

Assim, a adaptação mostra que querer decidir o que a mulher deveria ou deve utilizar é algo que se perpetua por anos na sociedade patriarcal, mas Miss Stacy demonstra sua liberdade, ousadia e coragem ao não se importar com as normas vigentes e decidir por si só o que poderia ou não vestir.

Ainda sobre o gancho de como a sociedade patriarcal controlava os papéis das mulheres, a produção televisiva abrange o tema relacionado ao casamento e como a mulher deveria agir em relação a isso.

Na segunda temporada, no oitavo episódio, nomeado *“Na luta contra evidências”*, a personagem Prissy é pedida em casamento pelo seu professor Sr. Phillips. O episódio demonstra como as garotas estavam entusiasmadas com a ideia do matrimônio de sua colega, afinal, era visto como um propósito na vida de grande parte das mulheres.

O lar familiar de Prissy instiga que a mulher teria alguns deveres principais: casar-se, atender todos os gostos de seu marido, cuidar do lar, dos filhos e dos afazeres domésticos. Essa noção criada pela família atinge até a irmã mais nova que

acredita que o sucesso de um bom casamento é encontrar um homem que tenha dinheiro suficiente para sustentá-la. Assim, desde o nascimento das meninas, o enxoval começa a ser feito pela família, aguardando o momento em que elas possam cumprir com o papel social estabelecido.

Em uma conversa com seu futuro marido, Prissy comenta sobre o seu desejo em continuar os estudos e formar-se na universidade. Entretanto, é repreendida pelo seu companheiro, ele afirma que ambos não ascenderiam socialmente se ela estiver estudando, que precisa da sua total devoção, pois esse é o dever da esposa. Evidencia-se nessa cena o quanto o estigma da mulher é centrado no papel de casar-se e dedicar a sua vida à casa, marido e filhos.

Claro que Anne contestou, afirmou que não era justo que o homem pudesse escolher isso pela mulher. A protagonista demonstra sua indignação sobre o casamento e todos os outros assuntos que circundam os papéis pré-estabelecidos pela sociedade. Age com falas de cunhos feministas que demonstram a necessidade de ainda se pensar sobre esses assuntos na sociedade.

A noção de matrimônio reproduzida pela família de Prissy é resultado de anos de aprisionamento de ideias que libertaram a mulher, é utilizada como um instrumento para a repressão. Na obra *Calibã e a Bruxa* (2004), a autora Silvia Federici demonstra como o casamento foi transformado e instrumentalizado durante o período de transição do feudalismo para o capitalismo, enfatizando sua conexão com a exploração e controle das mulheres.

Federici argumenta que, durante a transição para o capitalismo, o casamento se tornou uma instituição cada vez mais controlada e regulamentada pelo Estado e pela Igreja, como parte de um esforço para consolidar as relações de poder e garantir a herança de propriedades. Ela aponta que o matrimônio deixou de ser principalmente uma questão de relações pessoais e afetivas para se tornar uma ferramenta de controle social, econômico e reprodutivo.

Nesse contexto, a autora aborda como o casamento era usado para regular a sexualidade das mulheres, garantir a legitimidade dos herdeiros e manter o controle sobre os recursos. As mulheres foram transformadas em "esposas" e "mães" como parte de um sistema de produção e reprodução que servia aos interesses do capitalismo emergente. Federici argumenta que essa reconfiguração do casamento resultou em uma limitação significativa da autonomia das mulheres, tornando-as dependentes do casamento para sua segurança econômica e social.

O casamento era visto como a verdadeira carreira para uma mulher e a incapacidade das mulheres de se manterem sozinhas era algo dado como tão certo que, quando uma mulher solteira tentava se assentar em um vilarejo, ela era expulsa, mesmo se ganhasse um salário (Federici, 2004, p. 169).

Além disso, Federici discute a forma como o casamento estava ligado à questão da propriedade, especialmente à herança de terras e bens. Através do casamento, os homens podiam consolidar propriedades e fortalecer alianças entre famílias, enquanto as mulheres muitas vezes perdiam o controle sobre seus próprios recursos.

A visão do matrimônio apresentada por Silvia Federici é uma crítica que enfoca como essa instituição foi modificada e utilizada como um instrumento de controle, exploração e acumulação primitiva durante a transição para o capitalismo. Ela argumenta que essa transformação do conjúgio teve consequências profundas para a autonomia e a liberdade das mulheres, além de contribuir para a construção das bases patriarcais do sistema capitalista.

A noção do casamento como instrumento regulador está de maneira explícita na série, pois várias famílias incentivaram suas filhas a desejarem somente isso para suas vidas.

Entretanto, ao decorrer do episódio, a mãe de Prissy acaba confessando que desejava mais para a sua filha, mais do que ela como esposa teve, que a garota não deveria desistir de seu futuro. Assim, a jovem desiste de seu casamento e abandona o Sr. Phillips no altar, pois seu desejo naquele momento era a universidade.

A cena mostra todas as meninas seguem a noiva para fora da igreja. Inicialmente parece que Prissy estava triste, mas ao correr ela se acalma e inicia uma longa risada. Em seguida, todas as garotas começam a dançar na neve ao redor da noiva, todas felizes, simbolizando o momento de liberdade de escolha da mulher. Liberdade em escolher o que é melhor para si mesma, escolher sobre o que deseja ser em seu futuro, liberdade por completo. A cena fica leve e delicada, demonstra reflexões que a direção buscou apresentar ao seu público do século XXI.

Na sociedade contemporânea algumas mulheres podem ter a escolha de quando querem se casar, ter autonomia para continuar os estudos, serem livres para com suas escolhas. Mas infelizmente há muitos casos em que isso não ocorre,

repetindo por anos essa prática de controle de corpos e vidas femininas. Acreditamos que é necessário demonstrar o quanto a luta feminina foi, e é, de extrema relevância para todas as conquistas obtidas pelas mulheres e que repercutem até os dias de hoje, entretanto, ainda há muito pelo o que lutar. É preciso mostrar ao público do século XXI, principalmente às meninas, como cada mulher corajosa do passado foi fundamental para que hoje desfrutamos de nossos direitos, mas que infelizmente ainda há muitas que vivem dentro de normativas patriarcais.

O matrimônio é retratado de várias maneiras para mostrar as complexidades e as diferentes perspectivas sobre o instituto do casamento, pois se passa em uma época em que as expectativas sociais e as normas eram rígidas.

Há abordagem da prática de casamentos arranjados em que os pais ou guardiões escolhem os parceiros para seus filhos. Também se destaca as expectativas de gênero em relação ao casamento, mostra como as mulheres da época eram frequentemente vistas como destinadas a se casarem, cuidar da casa e criar filhos, enquanto os homens eram incentivados a buscarem carreiras e sustentarem a família.

Personagens como Marilla Cuthbert, a guardiã de Anne, enfrentam essas expectativas e questionam a necessidade do casamento como único caminho para a realização pessoal. Conta-se com a representação da diversidade de relacionamentos em que apresenta uma variedade, alguns mais tradicionais e outros mais progressistas.

A trama ilustra as pressões sociais em torno do matrimônio, incluindo o desejo de pertencer à sociedade e ser visto como bem-sucedido. Essas emoções afetam diversos personagens, levando-os a questionarem suas escolhas e enfrentarem dilemas pessoais relacionados ao casamento. Retrata-o como uma instituição complexa e multifacetada, explora as expectativas sociais, a pressão e as diferentes perspectivas dos personagens em relação a essa questão. Prissy Andrews serve como um exemplo dessas questões.

Prissy Andrews é inicialmente apresentada na série como uma jovem que está ansiosa para se casar, demonstra pouca agência em suas ações e parece estar mais interessada em seguir um caminho tradicionalmente feminino, centrado no casamento. Ela representa uma visão mais conformista e tradicional das expectativas sociais em relação ao casamento para as mulheres da época.

A crítica ao conjúgio na série não é necessariamente centrada somente em

Prissy, mas sim no contexto geral da história e nas diferentes perspectivas dos personagens. Ao longo da obra, Anne Shirley, Marilla Cuthbert e outros desafiam as normas tradicionais de casamento e questionam a ideia de que ele é o único caminho para a realização pessoal das mulheres. A obra promove a ideia de que as mulheres devem ter a liberdade de fazer escolhas significativas em suas vidas, incluindo a opção de se casar ou não e como isso não deve ser uma imposição social.

Portanto, o casamento de Prissy Andrews faz parte de uma narrativa mais ampla sobre a crítica às expectativas sociais e à conformidade em relação à instituição matrimonial. Questiona as expectativas tradicionais de gênero e as limitações impostas às mulheres. Anne desafia a ideia de que as mulheres devem se conformar com papéis domésticos e casamento como seu único destino, ela busca independência e ambições acadêmicas.

O episódio promove o empoderamento feminino ao mostrar Anne, Prissy Andrews e outras meninas tomando decisões que enfrentam suas próprias vidas e se esforçando para alcançar seus objetivos pessoais, mesmo quando se deparam com a resistência e discriminação de gênero. Há uma crítica à sociedade da época que, muitas vezes, não valorizava as aspirações e habilidades das mulheres, relegando-as a papéis limitados e subestimando seu potencial.

Sendo assim, a obra sugere que uma sociedade deveria permitir que as mulheres escolhessem seus próprios destinos e seguissem seus sonhos, independentemente das normas de gênero restritivas através de questões sociais importantes. Critica as normas sociais da época e destaca a necessidade de permitir que as mulheres tenham a liberdade de escolherem seus caminhos e buscarem seus interesses e objetivos individuais. A adaptação como um todo continua a explorar essas questões ao longo de sua trama, divulga uma mensagem de igualdade e empoderamento.

Anne refuta a ideia de que as mulheres devam ser conformadas com os papéis tradicionais de gênero. Ela expressa sua ambição de ser independente e de buscar seus próprios interesses, em vez de se casar apenas por convenção. A série enfatiza a importância da autonomia e da capacidade de fazer escolhas em relação ao casamento. Tanto Anne quanto Diana são mostradas como mulheres que desejam seguir seus próprios caminhos e que não estão dispostas a renunciarem suas independências por causa de expectativas sociais.

Essa crítica ao casamento que a série apresenta vai de encontro com as

afirmações de Carole Pateman, pois estabelecem uma noção de contrato em que o homem é detentor de poderes.

Carole Pateman em sua obra *O Contrato Sexual* (1993) apresenta uma visão crítica do casamento como uma instituição que reflete e perpetua a desigualdade de gênero e a subordinação das mulheres. Ela argumenta que, historicamente, ele foi baseado em um contrato sexual implícito que estabelece uma hierarquia de poder entre os gêneros, onde os homens detêm o controle e as mulheres são submetidas a uma posição de subordinação. O matrimônio se baseia em um "contrato sexual" implícito, no qual as mulheres concordam em ceder seus direitos e autonomia sexual aos homens em troca de proteção e segurança. Esse contrato é fundamental para a construção da autoridade masculina na esfera pública e a subordinação feminina na esfera privada.

Mill, assim como os teóricos clássicos do contrato, supõe que as diferenças sexuais necessariamente levam a uma divisão sexual do trabalho, uma divisão que sustenta o direito patriarcal dos homens. Ele observa que, porque um marido geralmente é mais velho que sua esposa, ele tem mais autoridade nas decisões, “pelo menos até que ambos atinjam uma fase da vida em que a diferença entre as suas idades não tenha importância alguma”. Entretanto, ele não diz por que o marido estaria disposto a abrir mão de seu poder, ou como reconhecer o momento adequado para isso. Novamente, Mill observa que o conjugue (e ele diz falsamente “qualquer que seja”) que garantir a maior parte do sustento terá maior voz, mas seu próprio argumento assegura que a voz da esposa permaneça submetida (Pateman, 1993, p. 242-243).

Na série, essa visão do casamento é evidenciada em famílias em que a mulher não tem uma profissão e se encarrega do cuidado do lar e das crianças, troca seus direitos pela sensação de segurança, sustenta o direito patriarcal em sua repreensão.

Segundo a autora, o casamento também cria uma hierarquia de poder na qual os homens têm controle sobre a vida sexual e reprodutiva das mulheres. Isso se reflete nas leis, normas sociais e práticas que historicamente limitaram os direitos das mulheres dentro do casamento. Ao estabelecer essa hierarquia de poder, resulta na subordinação das mulheres, negando-lhes a igualdade de direitos e autonomia em suas vidas e são frequentemente relegadas ao papel de esposas e mães, com pouca voz nas decisões familiares e sociais.

Os irmãos Matthew e Marilla Cuthbert também lutam contra as expectativas de que deveriam ter se casado e questiona se o casamento é a única fonte de realização na vida de uma mulher. Os irmãos moram juntos, são um par, entretanto,

é Marilla que tem as rédeas da casa e mantém toda a organização da estrutura familiar. Deste modo, o papel de comandar a casa não é masculino, mas sim, feminino. Evidencia-se neste contexto mais um aspecto de rompimento com o patriarcado presente na obra tanto literária quanto cinematográfica.

O casal de irmãos que adotaram Anne, além de não se casarem, não têm filhos. Como estão envelhecendo, decidem adotar uma criança para ajudá-los. Marilla não tem arrependimentos pelo fato de não ter se casado ou tido filhos, ela consegue olhar a sua vida com outra perspectiva em que a sua felicidade não precisa ser sustentada pelo matrimônio e maternidade.

Em sua obra *O Contrato Sexual*, a pensadora Carole Pateman também aborda a questão da geração de filhos e as expectativas sociais em relação às mulheres em relação à reprodução. Ela argumenta que o contrato sexual subjacente às instituições sociais tradicionais, como o casamento, impõe expectativas específicas às mulheres em relação à maternidade e à criação de filhos.

Pateman sustenta que as expectativas em torno da maternidade são parte integrante do contrato sexual e contribuem para a subordinação das mulheres. Ela examina como a sociedade historicamente atribuiu às mulheres o papel de serem as principais responsáveis pela reprodução e pelos cuidados com os filhos. Isso inclui a expectativa de serem casadas, terem filhos e assumirem a maior parte das tarefas relacionadas à criação e à educação das crianças.

Ao analisar essa questão, Pateman apresenta que as normas sociais e as instituições, como o casamento, são usadas para reforçar a dependência das mulheres em relação aos homens. Afinal, as mulheres eram tradicionalmente vistas como as cuidadoras dos filhos e, portanto, não tinham a mesma liberdade e autonomia.

Em essência, Carole vê a maternidade como parte integrante do sistema de subordinação das mulheres e afirma que o contrato sexual subjacente à sociedade patriarcal tradicional reforça essas expectativas em relação à geração de filhos e à responsabilidade das mulheres na criação e no cuidado das crianças. Ela questiona como essas expectativas sociais moldam a vida das mulheres e perpetuam as desigualdades de gênero.

Contudo, a crítica à instituição de casamento ao longo de toda a narrativa explora questões relacionadas à igualdade de gênero, escolha pessoal, independência e as limitações impostas às mulheres pela sociedade. Ela destacou a

importância de permitir que façamos escolhas significativas em nossas vidas e não nos conformemos com as expectativas sociais em relação ao casamento e a geração de filhos.

Outro aspecto importante ocorre no quinto episódio da segunda temporada, nomeado como “*Os atos que determinaram a vida dela*”. Anne está com suas amigas a caminho da escola quando decidem colocar suas garrafas de leite no rio. Ao abaixarem para guardar as garrafas, alguns meninos de sua turma passam por elas e erguem suas saias e proferem palavras que as insultam. De momento seus colegas encaram como uma brincadeira, que eram atitudes normais, apesar de serem meninos “sendo meninos”. Anne, no entanto, repreende e fala que eles deveriam tirar as mãos dela, que uma saia não era um convite.

Anne Shirley é vítima de uma situação de importunação sexual, a reação da protagonista à essa situação é uma representação importante do caráter forte e da determinação da personagem.

Após o incidente, Anne não ficou quieta e decidiu enfrentar os meninos que as importunavam. Ela chama a atenção de todos na sala de aula e relata o que aconteceu. Anne expressou sua raiva, indignação e frustração em relação ao caso, deixou claro que ela não tolerará esse tipo de comportamento.

O episódio abordou questões importantes relacionadas à importunação sexual e ao empoderamento feminino. Ele destaca a importância de dar voz às vítimas, de lutar contra esses casos e de criar um ambiente em que as pessoas não se sintam intimidadas ou silenciadas pelo comportamento inadequado dos outros. Anne Shirley é retratada como uma defensora da igualdade e dos direitos das mulheres, e seu comportamento diante dessa situação reflete esses valores.

Infelizmente atitudes como essas ocorrem frequentemente na sociedade contemporânea em que mulheres são desrespeitadas ou julgadas. A série traz uma reflexão importante para o público atual em que atitudes abusivas, desrespeitosas e assediadoras não devem ser banalizadas como comum ou normal para o comportamento masculino. A roupa que a mulher usa não é um convite para assediá-la, não representa seu caráter.

Nessa passagem há a evidência de como a protagonista apresenta valores que vão na contramão daquilo que era considerado “normal” em uma sociedade machista. Situações carregadas de machismos foram, e são, durante anos, justificadas por um discurso patriarcal que visa manter o homem como o ser

dominante em que seus comportamentos são normais e constantes por “apenas ser coisa de homem”, coisas que meninos fazem. Ignora-se como isso afeta o outro, neste caso, a mulher.

A comunidade conservadora de Avonlea era consequentemente machista. Todas as mulheres tinham limitações dentro da sociedade vigente que se baseava nos afazeres domésticos, seguiam condutas rígidas, não tinham voz e não poderiam expor suas opiniões. Essas figuras eram tratadas como troféus, objetos que possuíam um único propósito: casar-se com um homem e servir a ele. Há evidências de acontecimentos comuns em relação ao contexto histórico do século XIX em território canadense.

É notório que os homens têm poder sobre as mulheres e diversos episódios enfatizam o machismo estrutural da sociedade que condiciona o comportamento feminino. Anne Shirley passa a questionar cada vez mais o modelo de como as mulheres vivem, o porquê dessa construção social, até que ponto elas eram livres ou não do poder masculino.

Na terceira temporada o episódio “O que eu mais quero” traz uma situação em que o machismo é estrutural é evidenciado, isso ocorre com a personagem Josie. A garota vai à uma festa e é acompanhada por um rapaz chamado Billy Andrews. O garoto faz avanços indesejados em relação a Josie, tocando-a de maneira inapropriada e tentando beijá-la à força. Josie claramente se sente desconfortável e perturbada com o comportamento de Billy, ela tenta resistir às suas investidas. Mesmo com as palavras “não” e “pare”, ele insistia em continuar os beijos. Depois do ocorrido, difamou a menina para outros rapazes, então iniciou uma onda de comentários depreciativos contra Josie.

Anne busca de imediato repreender o garoto na frente de todos, defendendo a outra personagem, manifesta-se ali toda a sua indignação perante a situação a que mulheres eram expostas, demonstra não ter medo ao enfrentar o machismo. A série retrata a situação com sensibilidade, mostra que tanto Josie quanto Anne não estão dispostas a aceitarem o comportamento inadequado de Billy. Elas defendem sua própria autonomia e expressam sua recusa em participar de qualquer coisa que não seja consensual.

A representação desta situação no episódio serve para destacar a importância de respeitar os limites e a autonomia das pessoas e para condenar a importunação sexual. A obra enfatiza que ninguém deve ser submetido a comportamentos

indesejados ou não consensuais e que é importante que as vítimas tenham voz e resistam a tais situações.

Contudo, a sociedade patriarcal de Avonlea não pensava como nossa heroína. Os demais julgam e se descontentam com a vítima, a mulher, e deixam o agressor impune. O comportamento do rapaz foi considerado normal para um homem, e toda a culpa recai sobre a vítima.

Neste episódio a direção da série consegue evidenciar algo que ainda impacta a sociedade contemporânea do século XXI. A culpa ainda recai sobre a vítima em casos de importunação sexual, assédios e estupros. A sociedade busca justificar o crime através do comportamento da vítima, através das roupas que ela usava, o horário e local em que passeava, através de sua personalidade e outros inúmeros motivos injustificáveis. Mas e o verdadeiro culpado? A sociedade esquece dele logo, como se nunca tivesse feito algo tão cruel. O sistema judiciário contém uma grande falha que demonstra o quanto a nossa sociedade tem muito ainda que evoluir nesse sentido. A culpa nunca é da vítima.

Ao abordar essas questões de maneira franca e ao dar voz aos personagens afetados, *Anne with an E* contribui para a conscientização sobre a importunação sexual e promove uma mensagem de respeito pelos direitos e pela dignidade de todos. Ela combate esse tema abordando questões de consentimento, respeito e empoderamento feminino de várias maneiras ao longo de sua narrativa. Embora não seja o foco central da série, a importunação sexual é uma das questões sociais enfrentadas e retratadas na obra.

As obras, tanto escrita quanto televisiva, apresentam personagens femininas fortes e independentes que ensinam lições importantes sobre a importância do consentimento e da autonomia das mulheres. Elas defendem seus próprios direitos e não se submetem a comportamentos inadequados. Incluem cenas realistas que retratam situações de importunação sexual e assédio, como no caso de Josie Pye no episódio mencionado anteriormente. Essas cenas acontecem para sensibilizar os espectadores sobre a gravidade desses problemas e destacar a importância da denúncia. Além disso, mostra os personagens enfrentando essas situações e buscando justiça ou resolução. Isso envolve não apenas a resistência aos assuntos já mencionados neste parágrafo, mas também a busca por apoio e divulgação de comportamento inadequado.

A obra incentiva o diálogo sobre o consentimento, permite que os personagens

expressem seus sentimentos e preocupações. Isso ajuda a normalizar a discussão desses temas e a encorajar as pessoas a falarem sobre suas próprias experiências. Auxilia a conscientização ao mostrar que esses problemas não são algo do passado, mas que continuam a afetar pessoas em diferentes épocas e contextos. A série destaca a importância da educação sobre consentimento e respeito mútuo. Como um todo, promove uma mensagem de empoderamento feminino e a ideia de que as mulheres têm o direito de se defenderem contra o assédio e a importunação sexual. Ela enfatiza a importância de resistir a comportamentos inadequados e buscar apoio quando necessário.

Há o combate a temas de importunação sexual ao abordar essas questões de maneira sensível, realista e empoderada. A obra serve como um lembrete de que o consentimento e o respeito são fundamentais em todas as interações humanas, e que todos têm o direito de se proteger e buscar justiça em casos como esse.

A narrativa chega em um momento em que a protagonista já não aguentava mais, precisava expor a sua voz, a sua opinião diante ao havia ocorrido, decide publicar escondida um texto no jornal da escola sobre os direitos das mulheres. A publicação de Anne acaba sendo um choque para todos os moradores que não estavam acostumados com ideias que rompiam com o patriarcado.

Por conta disso, o conselho decide suspender o jornal da escola, impossibilitando que novas escritas sejam publicadas. Diante desse fato, mais um posicionamento crítico deve ser feito. Anne Shirley organiza uma manifestação juntamente com os seus colegas.

Anne Shirley, defende a liberdade de expressão de várias maneiras ao longo da trama. Ela é uma jovem inteligente e apaixonada pela leitura e escrita, valoriza profundamente a capacidade de expressar seus pensamentos e sentimentos, usa a escrita como uma forma de se expressar. Ela frequentemente compartilha seus escritos com seus amigos e familiares, incentivando-os a fazer o mesmo, além de ser conhecida por sua sinceridade e franqueza. Ela não tem medo de dizer o que pensa, mesmo que isso signifique questionar a autoridade ou desafiar as normas sociais. Sua capacidade de expressar suas opiniões muitas vezes inspira aqueles ao seu redor, isso faz com que tenham a mesma iniciativa.

Além disso, ela é uma defensora ativa dos direitos das mulheres, das minorias e das pessoas menos privilegiadas. Frequentemente fala em nome daqueles que não têm voz e luta contra a injustiça e a discriminação. Sua paixão por defender os direitos

dos outros é uma forma importante de promover a liberdade de expressão. Incentiva as pessoas a usarem a imaginação e criatividade, pois acredita que ambas são ferramentas poderosas para a auto expressão e o desenvolvimento pessoal.

Anne é um exemplo de como a capacidade de se expressar livremente é uma força positiva na vida das pessoas e na sociedade em geral. Ela inspira aqueles ao seu redor a abraçarem suas vozes e a defenderem o que acreditam.

A série traz diversas reflexões e manifestações críticas e assertivas. Entre elas, há momento em que aborda a questão da homossexualidade da época, disposta em um tom sensível, trazendo a problematização da aceitação daqueles que passam pela transformação quanto das famílias. Isso ocorre no sexto episódio da segunda temporada, *“Eu me recuso a qualquer conclusão definitiva”*. Um colega de classe de Anne está com ela e Diana, as meninas começam a experimentar um vestido e ele decide fazer o mesmo. Nesse momento, a amiga e a protagonista não reagem de maneira preconceituosa, pelo contrário, brincam e se divertem. Passam uma mensagem de amor, o poder da amizade que tinham, a solidariedade com o outro.

A série aborda com um olhar carinhoso a questão de sexualidade, em nenhum momento Anne ou Diana acham algo estranho, não julgam seu colega Cole como a sociedade de Avonlea julgaria, apenas acolhem e transformam aquele momento em grandes memórias que serão guardadas no íntimo de cada personagem.

O tema da homossexualidade não é abordado da mesma forma que em algumas outras produções contemporâneas. A série é mais focada nas aventuras e nas experiências de Anne Shirley e seus amigos em Avonlea, Canadá, durante o final do século XIX. No entanto, ela toca em questões de identidade e diversidade de maneiras sutis e progressistas. Promove mensagens de acesso, compreensão e diversidade ao longo da trama. A série busca criar um ambiente onde todos os indivíduos sejam valorizados por quem o são, independentemente de sua orientação sexual.

Há relacionamentos profundos de amizade e facilidades entre os personagens, independentemente de sua orientação sexual. Anne e seus amigos valorizam a compreensão mútua e o apoio, criam um ambiente onde a diversidade é aceita. Além do mais, a obra apresenta uma variedade de personagens com diferentes origens e personalidades. Embora a orientação sexual não seja um foco principal, a série explora a ideia de que todos merecem respeito e amor, independentemente de quem são ou quem amam.

A orientação sexual do personagem Cole não é explicitamente mencionada e o tema não é aprofundado de maneira detalhada. No entanto, a série sugere que Cole é um personagem LGBTQIA+ através de alguns diálogos. Em um episódio específico, Cole menciona que os desafios enfrentam por serem "diferentes" e que não se sentem compreendidos pelas pessoas ao seu redor. Isso é interpretado como uma luta de Cole contra a discriminação devido à sua orientação sexual. Por fim, a obra deixa clara a homossexualidade do personagem Cole com pistas e sugestões que levam os espectadores a inferirem que ele é LGBTQIA+.

Outra personagem em que podemos explorar esse tema é a Tia Josephine Barry que é retratada como uma mulher solteira e independente que vive com sua amiga, a Sra. Jeannie, em uma relação muito próxima. Embora a série não seja expressa explicitamente que Tia Josephine e a Sra. Jeannie têm uma relação homoafetiva, a maneira como a amizade é retratada pode ser interpretada neste viés pelos espectadores.

Percebemos que Tia Josephine e a Sra. Jeannie têm uma relação profunda e carinhosa, mas a obra não explora detalhadamente a natureza exata de seu relacionamento. Alguns espectadores interpretam sua relação como uma amizade íntima e estreita, enquanto outros podem ver elementos de uma relação homoafetiva, como uma parceria de vida. Em nossa análise, tomamos como base a segunda hipótese.

É importante observar que a série não se concentra na orientação sexual dos personagens, mas sim nas relações humanas e nas histórias pessoais de seus personagens. A interpretação da relação entre Tia Josephine e a Sra. Jeannie é deixada em grande parte para a imaginação do público.

Outros temas são abordados pela produção, como questões de racismo, tratado de forma bastante significativa e sensível ao longo de sua trama. Esse assunto é retratado de forma realista e impactante, mostra como a sociedade da época estava permeada de preconceitos raciais, não diferente de hoje.

Há questões mais amplas de igualdade racial, incluindo discussões sobre a liberdade e os direitos dos negros na sociedade da época. A direção destaca a importância da justiça e da igualdade para todos os indivíduos, independentemente de sua origem étnica. Incluíram personagens de diferentes origens étnicas para representar a diversidade da sociedade da época, incluindo personagens negros e indígenas. Isso ajuda a destacar as complexidades das relações raciais na história.

No geral, usaram sua configuração histórica para explorar questões de racismo e discriminação racial de maneira sensível, divulgam mensagens de igualdade, justiça e compreensão.

Um exemplo é o personagem Sebastian Bash Lacroix, interpretado pelo ator Dalmar Abuzeid, que enfrenta o racismo de várias maneiras ao longo da série, já que ele é um personagem negro percebendo que o preconceito racial é predominante na sociedade. Ele enfrentou dificuldades para encontrar trabalho devido ao preconceito racial, luta para encontrar um emprego que lhe permita sustentar sua família e enfrenta obstáculos devido à sua origem étnica. Além de que Sebastian está em uma jornada pessoal para entender sua própria identidade e suas raízes culturais. A série explora como ele lida com questões de pertencimento e como se conecta com sua herança. A obra também explora uma amizade próxima entre Bash e Gilbert Blythe. Bash enfrenta desafios e discriminação por causa de sua amizade com Gilbert, que é branco. A amizade entre eles é uma das maneiras pelas quais a série aborda as complexidades das relações raciais.

No decorrer da trama, destaca-se mais cenas sobre o racismo que Bash enfrenta e como ele lida com esses desafios. A série amplia esse tema com sensibilidade, divulga a compreensão e a empatia em relação às experiências dos personagens negros. Ele é um ser complexo e sua história contribui para a exploração dessas situações.

Também é contemplada a história da mãe de Sebastian como um aspecto emocionante e importante da narrativa, pois ilustra a luta pela liberdade enfrentada por muitos negros no Canadá e nos Estados Unidos durante o período da escravidão. A série dedica episódios para explorar essa parte da história de Bash e de sua família, isso ajuda a contextualizar as experiências de discriminação racial que ele enfrenta na sociedade de Avonlea.

A mãe de Sebastian era uma mulher negra que foi escravizada nos Estados Unidos. No entanto, ela conseguiu escapar da escravidão e chegar ao Canadá através da Underground Railroad, uma rede de rotas e refúgios secretos que ajudaram escravos fugitivos a alcançarem a liberdade no Canadá. Essa rede foi operada por abolicionistas e simpatizantes que arriscavam suas vidas para ajudar aqueles que fugiam da escravidão.

A história de sua mãe é um exemplo vívido de coragem e determinação das pessoas que buscavam a liberdade durante aquele período sombrio da história

americana. Ela enfrentou muitos perigos e dificuldades ao longo de sua jornada para escapar da escravidão e encontrar um novo lar no Canadá, onde poderia viver livremente.

Essa parte da trama não destaca apenas a luta pela liberdade, mas também serve como um lembrete das injustiças desse período e da importância da emancipação. Além disso, ela cria uma conexão mais profunda entre Bash e sua herança, pois ele é o filho da mulher que conseguiu escapar da escravidão e encontrar refúgio no Canadá. É uma história que colabora para a complexidade e profundidade do personagem e para a mensagem mais ampla de tolerância e justiça social que *Anne with an E* procura transmitir.

Como um todo, tanto sua mãe quanto Sebastian Lacroix lidam com o racismo de diversas maneiras ao longo da temporada. Ele é um jovem corajoso e determinado, não deixa o racismo o desanimar e continua a frequentar diversos lugares apesar dos desafios que enfrenta. Desenvolve uma forte amizade com Gilbert Blythe, um dos personagens principais da série, que o apoia e o defende contra o racismo sempre que possível. Essa ajuda através da amizade destaca a importância da solidariedade e da empatia na luta contra a discriminação racial.

Sebastian também trabalha para conscientizar a comunidade sobre as questões raciais, compartilha suas experiências e perspectivas. Ele se torna uma voz pela igualdade racial em Avonlea e inspira outras pessoas.

Em contrapartida, Anne Shirley é uma personagem que está sempre lutando pela justiça e pela igualdade, e isso inclui enfrentar o racismo. Na série, Anne se torna amiga de Sebastian. Ela é uma aliada fervorosa de Bash e sua família, oferece apoio emocional e demonstra compreensão em relação às dificuldades que enfrentam devido ao racismo. Ela também trabalha para conscientizar as pessoas ao seu redor sobre as injustiças que ele e outros enfrentam por causa de sua raça.

Um dos momentos mais significativos em que Anne ajuda Bash a enfrentar o racismo é quando ela organiza um jantar na casa de Green Gables para ele e sua família. Isso é uma grande demonstração de solidariedade, pois a comunidade não estava acostumada a ver pessoas negras sendo tratadas com tanta igualdade e respeito, e isso gera muita controvérsia e resistência na comunidade. Algumas pessoas recusaram comparecer, demonstram claramente sua intolerância racial.

Além disso, Anne sempre se pronuncia contra qualquer forma de preconceito e discriminação, desafia atitudes racistas e favorece o acesso à diversidade na

sociedade em que vive.

Em resumo, Anne Shirley é uma personagem que desempenha um papel importante na série *Anne with an E* ao apoiar Bash Lacroix e sua família na luta contra o racismo, educa os demais e demonstra compreensão e solidariedade nas relações às injustiças que eles enfrentam.

Anne with an E aborda uma série de temas que são expandidos ou reinterpretados em relação ao livro. Essa abordagem mais moderna da série permite explorar questões contemporâneas e adiciona camadas de complexidade à história original. Entre os temas abordados, estão a exploração mais profunda do passado de Anne Shirley, incluindo sua experiência traumática em orfanatos e casas adotivas. Isso adiciona uma dimensão emocional mais profunda à personagem, permitindo que os espectadores entendam melhor sua resiliência e força.

Aborda questões de racismo e diversidade de maneira mais direta do que o livro original. A série introduz personagens de diferentes origens étnicas e explora as experiências deles em um contexto predominantemente branco, confrontando as injustiças e desigualdades raciais.

O livro original já apresenta personagens femininas fortes, já a série *Anne with an E* explora o feminismo de maneira mais ampla, destaca as lutas das mulheres por igualdade de oportunidades e direitos e desafia as normas de gênero. Aborda temas de bullying e as lutas que Anne enfrenta na escola, explora a realidade emocional das crianças em um ambiente educacional e social, aborda temas como pobreza, saúde mental e as desigualdades que existiam. Com essa adaptação nós evidenciamos o empoderamento feminino, pois Anne Shirley está no centro da narrativa como uma personagem forte, independente e inteligente, que desafia os papéis de gênero tradicionais. Aspira a se tornar escritora, busca educação e luta por seu lugar no mundo, desafia a ideia de que as mulheres deveriam ser limitadas a papéis domésticos.

Há a exploração do feminismo ao destacar as lutas das mulheres por igualdade de oportunidades e direitos. Personagens como Marilla Cuthbert também desafiam as expectativas de gênero ao assumir responsabilidades normalmente atribuídas aos homens, como gerenciar a fazenda.

Além das personagens femininas fortes, a trama traz um pouco sobre a diversidade de gênero. O personagem Cole, por exemplo, é apresentado como um jovem homem abertamente homossexual. É evidenciado suas lutas e triunfos ao lidar

com sua identidade em uma época em que a homossexualidade não era amplamente aceita. Isso reflete uma abordagem moderna que não era explícita no livro original.

A obra desafia os papéis tradicionais de gênero ao apresentar personagens masculinos que não se encaixam nos estereótipos típicos. Por exemplo, o personagem Gilbert Blythe expressa emoções e apoio às ambições de Anne, rompendo com a ideia de que os homens devem ser repreensivos e dominantes.

Temas de consentimento e respeito mútuo em relacionamentos também são esclarecidos, destacam a importância de ouvir e entender as necessidades e desejos de ambos os parceiros. Isso desafia a narrativa do patriarcado que historicamente minimizou a importância do consentimento.

Ademais, critica os estereótipos prejudiciais associados aos gêneros, rompendo com características do mito do eterno feminino.

Por fim, *Anne with an E* rompe com o patriarcado ao criar personagens femininas complexas e empoderadas, ao explorar temas de igualdade de gênero e ao questionar as normas tradicionais de gênero da época. A série busca oferecer uma perspectiva mais inclusiva e progressista sobre as identidades de gênero e os papéis sociais, tornando-a relevante para audiências modernas que valorizam a diversidade e a igualdade. A série mantém a essência da história original, mas também aborda temas contemporâneos e adiciona complexidade emocional e social, tornando-a uma adaptação mais moderna e diversificada em relação ao livro.

A cinematografia, assim como em outras áreas, sempre foi restrita para as mulheres, mas os espaços foram se abrindo, sendo conquistados. Hoje, temos um belíssimo trabalho, cheio de sensibilidade que demonstra o poder das mulheres dentro deste mercado. Abrange temas de igualdade entre gêneros, desconstrói valores sexistas, combate ao racismo, apresenta personagens LGTBs, constrói discursos inteligentes com personagens tão empoderadas. De fato, essa foi uma releitura do clássico *Anne de Green Gables* que merece todo o respeito, pois traz diversas reflexões para o público atual.

4.2 O FEMININO E A FEMINILIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

Ao decorrer deste trabalho, analisamos passagens do romance *Anne de Green Gables* que evidenciam o quanto a obra quebrou com alguns estereótipos sobre o eterno feminino de Simone Beauvoir (1970). A protagonista demonstra ter pensamentos, ideias e reflexões que estão à frente de 1908.

Mais adiante, discutimos sobre como a série *Anne with an E* aborda assuntos relevantes para a sociedade atual, traz o contexto do final do século XIX e início do XX através de uma releitura contemporânea. A série apresenta reflexões importantes que revelam como muitos problemas do passado ainda persistem na atualidade.

Apesar de muitas conquistas para as mulheres, esse público permanece tendo dificuldade para conseguir ter completa liberdade. Assuntos tratados na série estão envoltos no cotidiano feminino, como por exemplo: importunação sexual, julgamento pela vestimenta usada, abandono da carreira profissional em troca do casamento, ser subestimada na área acadêmica e profissional, entre outros.

As duas obras, tanto o romance quanto a série, mostram como a personagem principal tenta romper com todos os papéis esperados, quebrar com estereótipos do ser feminino. Todavia, isso nos faz pensar sobre o que é ser uma mulher feminina hoje. O que é o ser feminino atualmente? O que é feminilidade na contemporaneidade?

Essas indagações são necessárias e já são realizadas há muito tempo por pesquisadoras desde o início dos estudos feministas. O pensar sobre o que é ser uma mulher, o que é parecer como tal, inquieta algumas pensadoras.

Ao falarmos de feminilidade, não é o masculino ou feminino, é algo que ultrapassa o que é puramente biológico e entra na esfera social. Ser “feminina” ou ter “feminilidade” atualmente ainda persiste no estabelecimento do padrão de beleza ideal e comportamentos considerados adequados, discurso reafirmado na produção de publicidade na mídia, como afirma Beatriz Beraldo:

É fundamental enfatizar que “disciplinadas desde a mais tenra infância nessas e outras práticas corporais de gênero, tendemos a encarar tais procedimentos como se fossem ‘naturais’, ou próprios à feminilidade” (Sardenberg, 2002, p. 60), quando na verdade são frutos de uma construção social trabalhada ao longo da história e sustentada por discursos midiáticos e instituições, como a própria estrutura do consumo que oferece às crianças do

sexo feminino produtos que demarcam as diferenças de gênero como fogãozinho, vassouras, lava-louças e outros apetrechos que transformam o trabalho doméstico em brincadeira de criança (Willis, 1997), e deixam claro o lugar que se espera que a mulher ocupe na sociedade (Beraldo, 2014, p. 10).

Essa construção social regula os pensamentos sobre a feminilidade, sendo mantida através da mídia desde a infância. Isso é preocupante, pois assim o indivíduo já cresce sendo moldado através dessas construções sociais e padrões pré-estabelecidos.

A autora esclarece que atualmente o conceito centraliza-se em:

(...) conceito de feminilidade está ligado a uma estrutura machista que padroniza um ideal de beleza – rigoroso e difícil de ser alcançado – para as mulheres e exclui socialmente aquelas que não conseguem ou não querem seguir tais padrões. As ativistas da marcha acreditam ainda que todas essas exigências engendradas e externadas por uma sociedade essencialmente patriarcal contribuem para a manutenção do lugar da mulher como “segundo sexo” (Beraldo, 2014, p. 11).

Apesar de haver vários movimentos entre as mulheres para que ocorra a quebra desse padrão idealizado, infelizmente ele persiste. Nos últimos anos, principalmente no pós-pandemia, a discussão sobre a mulher deixar aflorar sua “feminilidade” está baseada no discurso de que o homem precisa manifestar o seu lado mais masculino e provedor que está sendo “apagado” através da mulher mais independente. Essas ideias estão vinculadas principalmente em redes sociais, em ênfase aos perfis que “ensinam” a virilidade do homem.

Esses perfis misóginos criam armadilhas para a sociedade patriarcal minar a capacidade reflexiva das mulheres, para que elas permaneçam sob a dominação masculina, atendendo estereótipos de beleza, sujeitando-se ao mercado de criação de conteúdo midiático que é mantido por homens e até mulheres machistas (Beraldo, 2014).

Hoje há grandes avanços em pesquisas que buscam quebrar com essas ideias de padronizar o ser feminino, pretendem evidenciar que nem toda mulher é representante da feminilidade e que nem todo homem precisa ter uma virilidade, tudo se dá através de construções sociais. Infelizmente, junto com esse pensamento acompanha o preconceito da nossa sociedade que não admite um homem seja mais cuidadoso que uma mulher, ou que a mulher não seja vaidosa e não tenha o desejo de exercer a maternidade.

Há rótulos que ainda estão vivos, são atemporais e sociais, mantendo pensamentos preconceituosos sobre o papel a ser desempenhado por um ser masculino e um feminino. É preciso não ter medo ao enfrentar essas afirmações patriarcais.

Como um todo, a questão do feminino e da feminilidade na contemporaneidade é um tópico amplo e complexo que envolve questões de gênero, identidade, cultura e sociedade. A contemporaneidade trouxe à tona uma compreensão mais ampla e inclusiva da identidade de gênero. Além do feminino e do masculino tradicionais. Há maior aceitação e reconhecimento das identidades de gêneros não binárias e diversas. A representação das mulheres e das feminilidades na mídia desempenha um papel importante na formação de percepções e expectativas em relação ao feminino.

Ser "feminina" na sociedade atual não tem uma definição única, pois as noções de feminilidade têm evoluído e continuam a variar de acordo com a cultura, contexto histórico, individualidade e perspectivas pessoais. O que é considerado feminino em uma sociedade pode ser diferente em outra.

No entanto, existem algumas características ou conceitos que são frequentemente associados à feminilidade na sociedade contemporânea. Tradicionalmente, a feminilidade é associada a certas formas de expressões de gênero, como vestir roupas consideradas femininas, usar maquiagem e adotar um estilo de cabelo específico, enquadrar-se em um modelo ideal de corpo. Além disso, muitas vezes é associada à sensibilidade emocional e à capacidade de empatia. As mulheres são frequentemente percebidas como mais dispostas a expressar suas emoções e a se preocuparem com os sentimentos dos outros, são encorajadas a serem cuidadoras, tanto em relações familiares quanto em amizades.

Em nossa sociedade muitas mudanças ocorreram em relação à percepção e às expectativas em relação ao gênero feminino. Embora muitos estereótipos de gênero ainda persistam, há também uma conscientização crescente sobre a necessidade de desafiar essas noções tradicionais.

No entanto, é importante reconhecer que mesmo na sociedade contemporânea, alguns elementos do "mito do eterno feminino" persistem, ainda que de forma transformada.

Como exemplo desta luta ainda temos a ênfase significativa na aparência das mulheres, embora haja um movimento crescente em direção à aceitação da

diversidade de corpos e estilos. As mulheres ainda sentem uma pressão cultural para assumir responsabilidades de cuidado em relação à família e aos outros, embora haja uma crescente conscientização sobre a necessidade de igualdade nos papéis de cuidado.

Algumas expectativas tradicionais de gênero, como ser emocionalmente sensível ou submissa, ainda persistem, embora estejam sendo desafiadas e reconhecidas como limitadoras.

Portanto, enquanto a sociedade contemporânea está em processo de redefinir e desafiar muitos aspectos do "mito do eterno feminino", ainda existem áreas em que as pressões e estereótipos de gênero afetam as mulheres. No entanto, há um movimento contínuo para promover a igualdade de gênero, a diversidade e a liberdade de escolha em relação à identidade e à expressão de gênero, o que pode ajudar a superar esses desafios.

Há movimentos significativos em direção ao empoderamento das mulheres em várias esferas da vida, incluindo a política, o mercado de trabalho e a cultura popular. A sociedade contemporânea está cada vez mais aberta a uma compreensão ampla e inclusiva da identidade de gênero e da expressão de gênero, o que significa que as noções de feminilidade também estão evoluindo e se tornando mais diversas.

Entre essas evoluções há grandes movimentos feministas que desempenham um papel crucial na luta por igualdade de gênero e na redefinição de papéis na sociedade contemporânea. As mulheres são incentivadas a buscarem seus próprios objetivos, carreiras e interesses, tendo cada vez mais independência e autonomia. Além da busca defensora da igualdade de oportunidades e direitos para todas as pessoas, independentemente do gênero.

Há o reconhecimento de que a feminilidade não é exclusiva das mulheres cisgênero. Pessoas de diferentes identidades de gênero expressam feminilidade de várias maneiras e desafiam as noções tradicionais. A sociedade está se afastando de estereótipos de gênero rígidos e há a tentativa de não serem mais restritas a papéis tradicionais, e a feminilidade tenta não estar mais limitada a certos comportamentos ou aparência física.

Muitas mulheres contemporâneas estão cientes dos estereótipos de gênero e do mito do eterno feminino e trabalham ativamente para desconstruí-los. Isso pode envolver a reflexão sobre as expectativas sociais em relação ao feminino e o questionamento de papéis e padrões tradicionais.

Frequentemente buscam o empoderamento e a autonomia. Isso pode incluir a busca de educação, carreira, independência financeira e tomada de decisões autônomas em relação às suas vidas. Ademais, questionam as normas de beleza tradicionais e adotam uma abordagem mais inclusiva e positiva em relação a seus corpos e aparência física.

O feminismo contemporâneo desempenha um papel importante na luta contra o mito do eterno feminino. As mulheres que participam de movimentos feministas buscam igualdade de gênero, direitos reprodutivos, igualdade salarial e outras questões relacionadas ao gênero.

A educação e a conscientização sobre questões de gênero desempenham um papel fundamental na forma como as mulheres enfrentam o mito do eterno feminino, principalmente quando envolve aprender sobre a história das lutas femininas e as complexidades das questões de gênero. Além disso, muitas ainda encontram apoio em comunidades e redes sociais de mulheres que compartilham suas preocupações e experiências. Essas redes são fontes valiosas de apoio emocional e empoderamento.

É importante observar que a abordagem individual de uma mulher em relação ao mito do eterno feminino pode ser única e multifacetada e não existe uma única maneira "certa" de lidar com essas questões. O importante é que as mulheres contemporâneas estão cada vez mais conscientes dos desafios relacionados ao gênero, unem-se para enfrentá-los e moldam suas vidas de acordo com suas próprias escolhas e valores. Contudo, a estrada ainda é longa, há muito pelo que lutar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou investigar duas produções culturais. A primeira, um romance juvenil nomeado como *Anne de Green Gables*, produzido por Lucy Maud Montgomery e publicado inicialmente em 1908. A segunda, uma adaptação do romance, a série *Anne With an E*, da CBC, disponibilizada pela Netflix no ano de 2017.

A partir dessas obras, buscou-se analisar como o romance juvenil e a série trazem rupturas com os estereótipos de representações femininas do século XIX e XX, bem como a quebra com o mito do eterno feminino de Simone Beauvoir (1970) na narrativa de Montgomery.

A análise foi baseada nos estereótipos de figurações femininas, o que é o eterno feminino de acordo com Simone Beauvoir (1970), sobre a crítica feminista em Showalter (1994), o feminismo com Joan Scott (2002) e outros autores e autoras com várias contribuições.

Através do trabalho, percebo que é preciso refletir sobre a história do feminismo e como as produções culturais impactam na sociedade. Foi importante ter uma obra com ideias feministas em 1908, *Anne de Green Gables* demonstra uma personagem forte, que foge dos padrões. Ela tem ideias diferentes, aspectos físicos não endeusados, comportamento inquieto, ama a busca por conhecimento e questiona os padrões da sua sociedade.

Tanto a série quanto o romance fizeram muito sucesso, ambas têm uma personagem forte e extraordinariamente cativante. Sua imaginação fértil, personalidade vivaz e sua capacidade de superar adversidades a tornaram uma figura adorável para os leitores e telespectadores. A história de Anne fala sobre temas universais, como acessibilidade, pertencimento e superação. Muitos interlocutores se identificam com as lutas e triunfos de Anne enquanto ela cresce e se desenvolve. A ambientação da história, na vila de Avonlea na Ilha do Príncipe Eduardo, é ricamente descrita e encantadora. A paisagem natural, os trajes da época e a vida na comunidade rural são retratados de forma envolvente. Anne é uma personagem que desafia as normas do gênero da época. Ela é independente, inteligente e tem ambições próprias, o que a torna um exemplo de empoderamento feminino.

A protagonista manifesta uma ruptura com o eterno feminino, não sucumbi à sociedade patriarcal, demonstra a necessidade de um novo pensar para o seu contexto histórico e social (início do século XX).

Além disso, olhamos para a série e evidenciamos a necessidade de boas adaptações como a da Netflix. Trouxeram para um público contemporâneo tema que estão em constante debate, sem perder a essência da obra original em que foi baseada.

As obras conquistaram o coração de milhões de espectadores ao redor do mundo com suas abordagens sinceras e inspiradoras da história de Anne Shirley, uma órfã que luta para encontrar seu lugar em um mundo que, muitas vezes, parece hostil. Esses produtos culturais transcendem o gênero de drama e romance, oferecem uma série de reflexões profundas e relevantes para a sociedade contemporânea.

Não são obras de apenas puro entretenimento, são fontes ricas de reflexões para a sociedade contemporânea. Elas nos lembram da importância de abraçar nossa identidade, lutar pela igualdade de gênero, promover a inclusão, valorizar a educação e cultivar a resiliência. Essas mensagens atemporais continuam a ressoar em um mundo em constante evolução, tornando Anne de Green Gables e Anne With an E obras de arte que transcendem o tempo e o espaço, oferecem insights profundos para nossa vida cotidiana.

Ambas tratam sobre assuntos relevantes para todos, mostram que há situações problemáticas em torno do “ser mulher” que ainda não foram erradicadas e que é preciso ter muita luta.

Ao fim desse trabalho, percebemos que por mais que haja mais de um século separando as obras, elas conseguem ser atemporais e marcar os mais diversos públicos ao decorrer dos anos. Trazem reflexões sobre as lutas que já conquistamos, as que estão em processo de conquista e as que ainda conquistaremos.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. Retórica. Tradução e notas de M. Alexandre Jr., P. F. Alberto e A. N. Pena. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1998.
- BALÉE, William. **Sobre a indigeneidade das Paisagens**. Simpósio de Arqueologia e Ecologia Humana no século XXI, organizado por H. Barton e M. Davies. Dublin, Irlanda, 2008.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4. Ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. 309 p. Tradução de Sérgio Milliet.
- BERALDO, Beatriz. **O que é feminilidade?** Papéis sociais e o feminismo contemporâneo. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho COMUNICAÇÃO, CONSUMO E NOVOS FLUXOS POLÍTICOS: ativismos, cosmopolitismos, práticas contra-hegemônicas, do 4º Encontro de GTs – Comunicon. São Paulo, 2014.
- BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá: Eduem, 2007.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo europeias ao Brasil contemporâneo**. 4.ª ed. Ática, 1991.
- CORDEIRO, Maisa Barbosa da Silva. Feminismo e gênero: a literatura juvenil escrita por mulheres (1979-1984), MS, 2019, 225 f. Tese (Doutorado, Estudos Literários) – PPG – Letras, UFMS. Orientador: Rauer Ribeiro Rodrigues.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa** (2004). Tradução: Coletivo Sycorax. SP: Elefante. São Paulo, 2017.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ED. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- GARCÍA, Miriam Roma. **Protofeminismo y masonería, factores influyentes en la España Contemporánea (1868-1900)**. In: REHMLAC vol. 9 n. 2, San Pedro, 2018.
- GOUVÊA, Maria Cristina. A construção do “Infantil na literatura brasileira. 2005. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/download/23848/16821/76680>. Acesso em: 12 de nov. de 2019.
- KUHLMANN, M. J. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica**. 6.ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: Histórias e Histórias**. 6.ª edição, Editora Ática, São Paulo, 2007.

LOBO, Luísa. **Literatura de autoria feminina na América Latina**. Rev. Mulher e Literatura, Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <http://www.openlink.com.br/nielm/revista.htm> . Acesso em: 09 de abr. de 2022.

MIRANDA, Cynthia Mara. **Os movimentos feministas e a construção de espaços institucionais para a garantia dos direitos das mulheres no Brasil e no Canadá**. Interfaces Brasil/Canadá. Canoas, v.15, n. 1, 2015, p 347-385, 2015.

MONTGOMERY, Lucy Maud. **Anne de Green Gables**. Traduzido por João Sette Camara. Jandira, SP: Cirando Cultural, 2019.

MCINTOSH, Andrew; DEVEREUX, Cecily. **Lucy Moud Montgomery**. Tradução própria. Canadá. The Canadian Encyclopedia, 2013. Disponível em: [Lucy Maud Montgomery | A Enciclopédia Canadense \(thecanadianencyclopedia.ca\)](http://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/lucy-maud-montgomery). Acesso em: 01 de nov. de 2022.

MCKENNA, Isobel. **Woman in Canadian Literature**, p. 69 – 72. In Canadian Literature no.62(1974): Canadenses – Conscious or self-aware?. Canadá, 2015.

PATEMAN, Carole. **O Contrato Sexual**. Traduzido por Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993

PIMENTA, Rafaela. **A educação como permanência e possibilidade de superação do eterno feminino em Simone de Beauvoir**. Revista de Filosofia. Universidade do Estado da Bahia, Campus I, Departamento de Educação. Bahia, 2021.

RAMALHETE, Mariana Passos; STEN, Samira da costa. **Crítica ao eterno feminino em Anne de Green Gables, de Lucy Moud Motgomery**. Travessias Interativas / São Cristóvão (SE), N. 16 (Vol. 8), p. 432–443, jul. Dez/2018. 441

SILVA, Christiani Margareth de Menezes e. **O Papel das emoções na Retórica de Aristóteles**. In: AISTHE, nº 5, p. 106-114, 2010.

SILVA, Francielle Ribeiro da; PRÍNCIPE. Patrícia Lopes. **Condição feminina em I Love my Husband, de Nélide Piñon**. Jacarezinho, 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/elain/Downloads/468-Texto%20do%20artigo-1845-1-10-20160729.pdf>. Acesso em: jun. de 2022.

SCOTT, Joan. Relendo a história do feminismo. In: **Cidadã Paradoxal**. Florianópolis: Ed Mulheres, 2002. P. 23-48.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista em território selagem. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. P 23-57.

SKARZYCKA, Paula. **A Feminist Approach to “Anne of Green Gables” by Lucy**

Maud Montgomery. Tese (Bacharelado), Canadá, 2014.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **História das Mulheres e as Representações do Feminino.** Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2008.

TULLOCH, Bonnie J. **"Anne-Girl[s]": Literary Descendents of Montgomery's Redheaded Heroine.** Canadá, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.32393/jlmms/2020.0008>. Acesso em: 11 nov. de 2022.